ANNO XXX. N. 154.

SABBADO 8 DE JULHO DE 1854.

Por 3 mezes adiantados 4,000
Por 3 mezes vencidos 4,500.

Por Anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAO'.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natuvidade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.
Sobre Londres 26 5/8, 27 d. por 1$
« Paris, 365 rs. por 1 f.
« Lisboa, 100 por 100.
« Rio de Janeiro, 1 1/2 a 2 0/0 de rebate.
Acções do banco 15 0/0 de premio.
« da companhia de Beberibe ao par.
« da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras a 7 1/2 a 12 0/0

METAES.

Ouro. — Onças hespanholas	.....	29$000
Moedas de 6$400 velhas	...	16$000
» de 6$400 novas	...	16$000
» de 4$000	......	9$000
Prata. — Patacões brasileiros	.....	1$940
Peso columnarios	......	1$940
» mexicanos	....	1$860

PARTIDAS DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa Bella, Boa-Vista, Exú e Oricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas feiras.
Victoria, e Natal, nas quintas feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 2 horas e 54 minutos da tarde.
Segunda ás 3 horas e 18 minutos da manhãa.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintasfeiras.
Relação, terças feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas feiras ás 10 horas.
Juizo de Orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1.ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2.ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Julho 3 Quarto crescente as 4 horas, 1 minuto e 48 segundos da tarde.
» 10 Lua cheia as 4 horas, 6 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 17 Quarto minguante a 1 hora, 44 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 25 Lua nova aos 47 minutos e 48 segundos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
3 Segunda. S. Eulogio m. Ss. Anatolio e Dathro.
4 Terça. S. Isabel rainha viu f. S. Oseas profeta
5 Quarta. S. Felomena v. S. Trifina m.
6 Quinta. S. Domingas v. m. S. Isaias profeta.
7 Sexta. S. Pulcheria v. imperatriz; S. Claudio.
8 Sabbado. Ss. Procopio e Priscilla mm.
9 Domingo 5. Ss. Cirillo e Bricio bb. S. Anatholia.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Relação dos criminosos de morte, que foram capturados nesta provincia por diversas autoridades, durante o mez de maio a junho ultimo.

1 José Antonio de Miranda.
2 Joaquim Francisco Pereira.
3 Manoel Thomaz da Silva.
4 Joaquim José Ferreira.
5 Antonio Alves do Nascimento.
6 Antonio Ferreira Lima.
7 Pedro Lourenço de Murça.
8 Anselmo José da Cruz.
9 Alonso José de Oliveira.
10 José Luiz de Souza.
11 Agostinho de Tal.
12 José Geraldo.
13 Manoel José Gonçalves Vidão.
14 Antonio José da Silva, conhecido por Antonio Busaco.
15 Simplicio José Gonçalves.
16 Antonio Soares da Fonseca.
17 Manoel Francisco dos Santos.
18 Antonio Freire.
19 Alexandre Alves.
20 Antonio José Tavares.
21 Manoel Antonio Gago.
22 José da Silva Soares.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel do commando das armas de Pernambuco na cidade do Recife, em 7 de julho de 1854.

ORDEM DO DIA N. 114.

O coronel commandante das armas interino, tendo em presença as communicações recebidas da presidencia com a data de hontem, faz certo para sciencencia da guarnição e devido effeito, que o governo de S. M. o Imperador houve por bem, por aviso expedido pelo ministerio dos negocios da guerra a 15 de maio ultimo determinar, que seguisse para esta provin cia, afim de ser nella empregado como conviesse ao serviço, o segundo cirurgião alferes do corpo de saúde do exercito, Dr. Trajano de Souza Velho, que no dia 5 do andante mez, fez a sua apresentação no quartel deste commando; e por outro aviso do 1.º de junho proximo findo, conceder passagem para o quarto batalhão de infantaria, ao Sr. tenente do segundo da mesma arma, Antonio Cabral de Mello Loncio, e para este batalhão o Sr. tenente daquelle, Francisco José do Rosario, que se acha na provincia da Parahiba.

Em consequencia determina o mesmo coronel commandante das armas, que o referido Sr. segundo cirurgião Souza Velho, fique servindo como addido no batalhão n. 10 de infantaria.

Assignado.—*Manoel Muniz Tavares.*

Conforme.—*Candido Leal Ferreira*, ajudante de ordens encarregado do detalhe.

EXTERIOR.

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

PARIS

30 de maio.

A semana que acaba de passar se poderia chamar a semana dos tratados. Os jornaes publicaram tres: o tratado de alliança offensiva e defensiva entre a França, a Inglaterra e a Turquia definitivamente ratificado por estas tres potencias; o tratado entre a França e a Inglaterra relativamente ás prezas feitas em commum pelas esquadras alliadas; emfim, o tratado de alliança offensiva e defensiva entre a Prussia e a Austria, tratado que não tem importancia por si mesmo, mas pelos apendices, em que se encontra o paragrapho seguinte:

« Todavia uma acção offensiva das duas partes contratantes só será determinada pela encorporação dos principados, ou por um ataque ou passagem dos Balkans. »

Semelhante declaração faz sahir a Austria e a Prussia dessa situação indecisa e ambigua em que se achavam estas duas potencias, desde que a questão do Oriente sahio das regiões diplomaticas. He um passo immenso dado do lado da alliança anglo-franceza. Se acontecer que estas potencias faltem ao compromisso a que se acabam de sugeitar, receberiam á face do mundo o estigma de mentira e cobardia. N'uma palavra, como a Russia vai sempre progredindo, não póde tardar a hora em que se vejam claramente os seus amigos e os seus inimigos.

Como sempre he difficil saber o que Napoleão III pensa ácerca deste acto da Prussia e da Austria. Ha dias, perante uma reunião nas Tulherias, felicitava-se elle com senadores e deputados em consequencia desta feliz noticia. No dia seguinte dous fidalgos italianos, ao perguntar-lhe se acreditava na sinceridade das potencias allemãs, Napoleão torceu os bigodes, e fazendo um gesto mui significativo, retirou-se sem dar outra resposta. Talvez que elle não queira desanimar os refugiados italianos que contam sempre com uma desavença da França com a Austria para reconquistar a sua nacionalidade.

Muitas pessoas veem no comportamento novo que acabam de tomar a Austria e a Prussia um penhor de paz proxima. Desejamo-lo vivamente, mas não o esperamos. Primeiro que tudo, o orgulho pessoal do imperador da Russia não lhe permitte recuar. Ficaria perdido aos olhos da Europa e sobretudo aos olhos dos seus proprios subditos. Depois tambem a França e a Inglaterra não aceitariam pura e simplesmente uma paz que já lhes tem custado centenares de milhões. Exigiriam uma indemnidade pelas despezas de guerra, e o imperador Nicolão nunca aceitaria uma condição tão humilhadôra. Na primeira versão entre a França, a Inglaterra e a Turquia, havia um artigo que declarava que as tres potencias signatarias se compromettiam a não tirar lucro algum da guerra. Este artigo foi eliminado no tratado definitivo: prova de que a França e a Inglaterra não desejam pagar as despezas da guerra, se Deos abençoar as suas armas, como se deve esperar.

Emfim, os governos francez e inglez, ao julgarmolos seus preparativos pelos seus armamentos não parecem acreditar n'uma solução pacifica.

Aqui, neste momento, se está tratando de formar sobre as costas da Mancha um acampamento de 100 mil homens destinados, segundo se affirma, a atacar a Russia por terra, ao passo que as esquadras do Baltico atacarem-na por mar. O proprio imperador lá deve ir incessantemente para experimentar algumas manobras de sua invenção. Outro acampamento se está formando no meio dia para reforçar, em caso de necessidade, o exercito do Oriente. Em todos os nossos portos o talento maritimo trabalha de noite e de dia na construcção de Chalupas, de canhoeiras e de botes de desembarque. Fabrica-se um numero consideravel de harpões de bordagem. Todas as esquadras acabam de ser reforçadas. A esquadra do Baltico he composta de trinta e uma velas. A esquadra do Mediterraneo, commandada pelo vice-almirante Hamelin conta vinte naos ou fragatas a vapor; a esquadra do Oceano, sob as ordens do vice-almirante Bruat só possue nove, mas a subdivisão naval do contra-almirante o Barbier de Tenau, destinada a operar nas aguas da Grecia e a reprimir a pirataria do Archipelago foi elevada a quatorze navios. Além destas esquadras dezesete fragatas ou corvetas a vapor se acham armadas no porto de Toulon promptas a dar á vela, e podendo, á primeira ordem, embarcar 12,000 homens de tropas expedicionarias. Emfim, o ministro da marinha está armando uma quarta esquadra, chamada de reserva, composta de 14 nãos inteiramente novas, das quaes 7 a helice foram recentemente lançadas ao mar, e que estarão promptas antes de mui pouco tempo.

As noticias dos dous theatros da guerra não offerecem circumstancia alguma importante. O almirante Napier tem apenas destruido alguns pequenos fortes no Mar-Baltico. O nosso vice-almirante Parseval Deschênes, cujo pessoal he composto, em grande parte, de marinheiros da marinha mercantil e de alumnos da escola de Brest, os quaes em virtude das necessidades do tempo fôram nomeados aspirantes, está occupada ha um mez em fazer manobrar estes novos recrutas. Este facto he que o tem impedido de se reunir ha mais tempo á esquadra ingleza; mas um despacho datado de 28 de maio de Hamburgo annuncia que o nosso vice-almirante recebeu ordem para ir de Kiel ao Baltico.

As ultimas noticias de Constantinopla tem igualmente pouco interesse. As esquadras bloquearam Sebastopol. A 18 de maio, o marechal Saint-Arnaud e o general Raglan acompanhados do Seraskier e do capitão Pachá partiram para Varna afim de se entenderem com Omer-Pachá e os almirantes ácerca do plano de campanha. Depois de alguns dias se falla muito em Silistria; hoje he tomada pelos Russos: amanhã se defende com vantagem. O que he certo he que esta infeliz cidade está bloqueada de todos os lados pelos Russos e não póde resistir por muito tempo se não tiver algum soccorro. Presume-se que o exercito expedicionario não poderá tomar parte nas hostilidades antes dos fins de julho; o que he mui desagradavel, porque he a época do grande calor, e as tropas que não estão affeitas ao clima hão de soffrer muito.

O *Tiger* fragata ingleza encalhou junto de Odessa 220 homens de tripolação foram feitos prisioneiros. Como os Russos não podessem levar o navio tocaram-lhe fogo.

A Bolsa.

Uma das faces mais curiosas da sociedade parisiense he hoje sem contradicção a Bolsa. Nunca houve época em que a febre do jogo e da especulação subisse a tal ponto. A mania de adquirir riqueza em oito dias attrahio uma multidão de infelizes a este golpho que já devorou tantas fortunas, reputações e existencias. Sem duvida a Bolsa tem degenerado da sua organisação de outr'ora, era um bazar publico onde se vendia e se comprava a dinheiro fundos publicos, valores industriaes; hoje não passa de uma vergonhosa casa de tabolagem onde primeiro se joga dinheiro depois honra, os negocios a dinheiro são desprezados pelos clientes e pelos proprios agentes de cambio, que não acham muito grande lucro. Para os homens que raciocinam a sangue frio, he certo que não ha especulação mais illusoria, e que cedo ou tarde o especulador deve estar arruinado. O numero dos agentes de cambio he de 60: cada um lugar produz, termo medio, 400,000 f., ou 24 milhões de corretagem. He claro que esta somma sahe da carteira dos clientes para entrar na caixa do agente. Por outra parte he mui evidente que os pequenos capitalistas não pódem lutar contra os grandes especuladores. Estes fazem transacções em grandes de escala para arrastar os pequenos. Dão ordens a um agente para comprar 2,000 acções de caminhos de ferro, por exemplo, para vender em uma hora designada 6, ou 8,000 por outro. Mandam cotar a preços convencionados os fundos das Bolsas de Londres ou de Vienna, inserir noticias falsas nos jornaes estrangeiros para inquietar os especuladores de Paris. Formam associações terriveis e atacam por todos os lados a alça e a baixa, tendo cuidado de obrar quasi sempre no sentido contrario á opinião geral. A Bolsa he um lago cheio de grandes e pequenos peixes; os grandes acabam sempre por comer os pequenos.

Nunca ha segurança na bolsa: he um terreno perfido como a praia arenosa do monte S. Miguel. Ha 3 annos os fundos hespanhoes estavam na moda. A fortuna de M. Aguado data desta época. Especulava-se sobre as piastras a prazo. As liquidações se faziam a 15 e a 30 de cada mez. Fallava-se na regularidade de pagamento dos juros da divida, na antiga probidade do governo hespanhol. A baixa de valores hespanhoes causou um deficit enorme. A Bolsa ainda não perdeu a lembrança deste feito. Depois se apaixonaram pelos bancos belgas; em breve aconteceu-lhes um novo desastre: de 1,400 fr., n'uma só bolsa, descia á 800. Depois vem o periodo das acções industriaes, época em que as acções se elevaram a 10,000 fr. no espaço de duas bolsas. O dinheiro corria de algibeira em algibeira: ganhavam-no mui facilmente. Bastava que alguem comprasse acções destas novas sociedades para enriquecer dentro de 24 horas; mas o senho não foi longo: quinhentas familias ficaram arruinadas. Apenas restam nas mãos dos infelizes accionistas folhas de papel perfeitamente semelhantes a assignados.

Mais tarde deu-se um depreciamento nas apolices de caminhos de ferro: as acções de Strasburgo que hoje estão a 800 fr. haviam descido a 250; as apolices sobre o caminho de ferro de Orleans que dão actualmente 1,200 fr. estavam a 400. O commercio das acções se achava n'um desanimo completo; ninguem as queria por preço algum. O governo dá a concessão do caminho de ferro de Avinhão com mui vantajosas condições; e resurge a confiança como por encanto.

Foi neste tempo que se formaram estabelecimentos de credito publico: a caixa Lafitte, a caixa Gauneron, a casa Bandou. As acções destas diversas caixas se vendiam com grandes premios. A caixa Lafitte creára bilhetes ao portador com juro: eram preferidos aos bilhetes do Banco. Os conselhos de vigilancia eram compostos dos homens mais honrados, da maiores accionistas, dos negociantes mais experimentados. Mas os gerentes eram incapazes. Effectuava-se as operações mais desastrosas. Emprestavam-se dinheiro sobre valores ficticios. Tudo isto era evidente, e ninguem suspeitava o abysmo que estava cavando. A revolução denunciou esta posição de uma maneira medonha. Semelhante ao furacão das Antilhas, derribára tudo o que não era de uma constituição solida. As tres caixas suspenderam os seus pagamentos. Todos os infortunios que esta suspensão produzio são bem conhecidos. Em 1852, no começo do reinado de Napoleão III, a febre da especulação reappareceu com mais vigor do que nunca. Novas concessões de caminhos de ferro, a creação das sociedades do credito territorial, do credito movel, etc., acordaram os especuladores atordoados pelo golpe da clava de fevereiro. Ignorantes ou homens intelligentes compravam somente 50 acções de caminhos de ferro, ou 3,000 fr. de renda, e ganhavam uma quantia importante. A questão do Oriente poz fim a esta orgia financeira.

A Bolsa he um mundo separado que tem seus costumes e linguagem propria, ou antes sua algaravia como os ladrões. Como a lei não reconhece as dividas de jogo, os especuladores da Bolsa são obrigados entre si a ter certa probidade. Para entrarem nas lutas de especulação, depõe-se em casa de um agente de cambio uma quantia, chamada *cobertura* e que he em proporção dos negocios que se fazem. Em geral não se entrega nem se tira valor algum. No fim de cada mez da-se uma conta de liquidação que se regula por uma differença.

Como deve suppor-se, os cavalleiros de industria não faltam na Bolsa: apenas não se joga la como sobre uma mesa forrada de verde, com cartas marcadas; uma pessoa só se engana uma vez. Eis aqui em geral como procedem estes senhores. Começam por negociar como qualquer pessoa, sem *cobertura*.

Como elles possuem boas maneiras, acabam logo por ganhar a confiança dos agentes. N'um certo dia, quando presumem uma grande alça na Bolsa, dão ordem ao agente para comprar 8 a 10,000 libras de renda ou 3 a 4,000 acções de caminhos de ferro, emfim valores que não estão em proporção com as coberturas. O agente de cambio, confiando na probidade e solvabilidade do seu cliente e attrahido pelo atractivo de uma vantajosa corretagem, executa as suas ordens: se ha alça, elle corre a sondar os seus lucros, se apparece, como acontece muitas vezes, grande baixa, o tal industrial, segundo uzam dizer, dispara um tiro de pistola, isto he, desapparece, e o agente de cambio engole a pilula, fazendo caretas. He o máo lado da profissão.

Apezar da sagacidade e da experiencia, os agentes de cambio são muitas vezes illudidos por estes industriaes, cujo talento inventor derrota os mais habeis. Eis aqui um roubo mui engenhoso que se commetteu ha pouco tempo e que se chamou o *roubo* ao marido.

No reinado de Luiz Filippe, uma medida de policia expellio as mulheres para fora do templo da Bolsa. Mas se estas senhoras já não podiam adorar o Deos no seu sanctuario, não se podia prohibir que ellas lhe dirigissem de longe as suas homenagens. Formam grupos mui numerosos nas extremidades da Bolsa, algumas gozam de credito para com os agentes de cambio. Uma destas jogadoras acreditadas apresentou um dia uma de suas amigas ao seu agente para comprar 20 acções de Basilea. Fez-se a compra. Depois de tres dias, as acções de Basilea haviam subido; ella mandou vender. Depois de ter feito tres ou quatro operações a dinheiro, disse ella um dia ao caixeiro: « o senhor tem grande difficuldade em comprar ou vender as minhas acções de caminhos de ferro a dinheiro á vista: não lhe seria possivel comprar ou vender por minha conta a prazos? Dar-lhe-hei como garantia 5 acções do caminho de ferro de Strasburgo. » O caixeiro respondeu: « não ha cousa mais facil. » A senhora entregou 5 acções de Strasburgo. Foi convencionado que se compraria 25 de caminho do norte ou 25 de Strasburgo a prazó. Compraram-se 25 do caminho do norte: a operação teve bom exito, e durante duas liquidações, ella teve lucro. Na terceira liquidação, houve um panico medonho na Bolsa, e as 25 acções do caminho do norte soffreram uma perda de 1,500 francos. O caixeiro estava muito animado com a renda desta senhora; tinha na sua caixa 5 acções de Strasburgo que valiam 4,000 fr. Em certa manhãa, um homem de barba espessa e preta apresentou-se, e diz ao caixeiro: « Sou o marido de Mad. B*** o senhor tem 5 acções de Strasburgo que me foram roubadas por minha mulher, peço-lhe que m'as entregue, ou então vou queixar-me do senhor. Minha mulher vive comigo, não tem direito de dispor destas 5 acções, compradas em meu nome em casa do seu socio M...; eis aqui os numeros. »

O agente de cambio entregou as cinco acções.

Um pequeno drama conjugal acaba de ter em Paris um desenlace singular. Ha dias, M. C..., negociante de uma das principaes cidades do meio dia, tendo ido tratar de um negocio em uma communa visinha, voltou á noite para casa, depois de uma ausencia de um dia. Não encontrou nem caixeiro, nem caixa, nem mulher! Uma carta desta dizia-lhe: « Não nasci para o commercio. Quando a presente lhe for entregue, eu ja estarei longe na estrada que nos deve conduzir á terra estrangeira. Deixo-lhe 20,000 fr., com esta quantia póde continuar o negocio... Sou criminosa, mas a paixão me arrastra, desculpe-me... »

Sem perder um instante M. C... toma o caminho de ferro e chega a Paris, para onde presume que os fugitivos se haviam dirigido; não tardou a descobri-los n'um dos nossos mais confortaveis hoteis. Deu uma queixa de adulterio, e em certa noite, pelas duas horas da manhãa, acompanhado de um commissario de policia, bateu á porta dos criminosos. A porta se abrio. Elles se lançam supplicantes de joelhos. Não se assustem, lhes diz elle... O que fez o Sr. dos meus bilhetes de Banco? O caixeiro corre á secretaria, e tira uma carteira que entrega a M. C... Este examina-a, e dando ao caixeiro dez bilhetes de 1,000 fr., acrescentou: tome lá pelo serviço que prestou-me desembaraçando-me de minha mulher. Depois, voltando-se para o commissario que se estava preparando para formular o interrogatorio de flagrante delicto, acrescentou: desisto da queixa de adulterio. Depois, com o maior sangue frio, assignou o acto de desistencia, e retirou-se.

Todos os maridos em França não são tão philantropos. No inverno passado, uma das lindas habitações dos campos Elyseos foi o theatro de um desses dramas da vida intima. M. Vauthier, negociante de Marselha, se havia casado com uma joven e formosa actriz, por quem estava loucamente apaixonado. Para satisfazer um dos seus caprichos, deixára o commercio, e viera estabelecer-se em Paris com ella. Mad. Vauthier que amava os prazeres com paixão, lançou-se bem depressa nas sociedades, deu saraos de que ella era a rainha em consequencia de sua formosura, do seu espirito e igualmente dos seus requebros. Como ordinariamente acontece em semelhantes casos, aquillo que interessava-a, irritava profundamente ao marido. Quando havia bailes em casa delle, retirava-se calado para o salão, lançando um olher melancolico sobre a mulher e sobre aquelle que lhe parecia ser o valido naquella festividade. No dia seguinte de um baile em que Mad. Vauthier tinha estado mais folgasã do que nunca, o marido ao entrar no aposento da mulher, achou-a occupada em escrever uma carta; elle apossou-se pella, e crendo descobrir neste documento a prova da sua deshonra, tirou um punhal e estendeu a mulher morta a seus pés. Depois dirigio-se á casa de um commissario de policia, contou-lhe o que se havia passado, e se constituio prisioneiro. Não se dava o caso de flagrante delicto, e M. Vauthier podia ser perfeitamente condemnado como assassino. A sua familia era rica e de influencia: foi absolvido; mas se se deve dar credito á fama publica, esta absolvição custou-lhe uns 30,000 francos.

No dia seguinte, um marido lia a exposição deste processo na *Gazette Tribunaux*, esperando a mulher para jantar, cujas ausencias continuas começavam a tornar-se-lhe mais suspeitas. Depois desta leitura, elle se poz a reflectir profundamente, e achou que daquella vez a mulher se demorava mais do que era de costume. A final, chega a mulher toda esbaforida, dá um pretexto para explicar a sua ausencia, senta-se á mesa, serve a sopa e começa a jantar. O marido não comia, mas contemplava a mulher fixamente sem pronunciar uma só palavra.—Meu amigo, a sopa está esfriando. O marido não respondeu, e continúa a contemplar a mulher. Emfim, fatigada e inquieta de semelhante persistencia, diz-lhe: « O que tem, meu amigo?—M. Vauthier foi absolvido! respondeu o marido, descansando sobre cada syllaba, e lançando a mulher um olhar lugubre e expressivo, que Talma houvera envejado quando representava Othello. Ao principio Mad. X. ficou um pouco perturbada, mas como, em ultima analyse, ella he mulher de atilamento, replica, descansando tambem sobre cada syllaba: he verdade, mas custou-lhe trinta mil francos! M. X. que he tão avarento quanto he zeloso, reflectio por alguns instantes; dahi, depois de ter alçado um suspiro, se poz tranquillamente a comer a sua sopa.

O pedreiro de Ecully cuja historia contei-lhe na minha ultima carta, não parece infelizmente destinado a sobreviver por muito tempo. A sua residencia prolongada no subterraneo occasionou-lhe chagas mui perigosas. Deu-lhe a gangrena em uma destas chagas que se formaram ao pé da garganta, julgou-se necessaria a amputação para tentar salvar-se os dias do infeliz. Em consequencia da etherisação, Girand não soffreu dôr alguma durante a operação. Mas appareceu a febre, acompanhada de delirio e de excessiva debilidade. Todos estes symptomas dão pouca esperança de conservar este infeliz cujo estado inspira uma sympathia universal.

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS.

Discursos pronunciados pelos Srs. deputados Sá e Albuquerque e Brandão, na sessão de 9 de junho por occasião da discussão do orçamento do imperio.

O Sr. Sá e Albuquerque: — Levanto-me, Sr. presidente, para fazer algumas observações ácerca de negocios pertencentes á repartição do imperio. Vejo que a camara se acha na presente sessão muito disposta a não consumir grande parte do seu precioso tempo em questões politicas, quasi sempre estereis; vejo que tambem, por sua parte, o gabinete acha-se conscienciosamente disposto a empregar toda a sua actividade e cuidado nos grandes interesses do estado. Nestas circumstancias, entendo que faz grande serviço ao seu paiz e ao governo o deputado que, meditando seriamente nas grandes necessidades publicas, chamar sobre ellas a attenção do corpo legislativo e da administração superior.

O nobre ministro do imperio deu-nos conta em seu relatorio das reformas que havia feito na instrucção elementar do municipio da corte. Nada direi ácerca dessas reformas, porque entendo que em materia de instrucção publiba a experiencia e a pratica são os verdadeiros e legitimos juizes, e não as combinações theoricas, muitas vezes pensadas e escriptas sem attenção aos costumes, aos usos, ás tendencias e aos prejuizos do paiz, cuja instrucção se reforma. Se devo julgar das reformas feitas pelo lado sómente theorico, se devo julga-las pela distribuição dos estudos, e por outras medidas de harmonia e de ordem, espero que essas reformas serão de grande utilidade para o paiz. Folgo de dizer a camara que nutro esta convicção com muita força.

Senhores, levantei-me para fazer algumas reflexões sobre a instrucção publica, não sobre essa instrucção de que acabo de fallar agora, mas sobre aquella que he tão reclamada pelo paiz, e que tem sido até hoje tão esquecida e desprezada: quero fallar da instrucção agricola. He sobre este ponto que peço á camara e ao gabinete imperial que façam convergir a sua attenção e solicitude.

Em que estado, senhores, se acha a agricultura do nosso paiz? Creio que poderei dizer com todos os nobres deputados que o estado de nossa agricultura não he prospero, he pelo contrario decadente e desanimador...

O Sr. Paula Candido: — Da rotina.

O Sr. Sá e Albuquerque: — A extincção do trafico, que felizmente não he mais hoje um problema, a extincção do trafico, com a qual nós todos os agricultores nos devemos regosijar, porque emfim he um symptoma precursor, ainda que longe, da reforma e dos melhoramentos da nossa industria, a extincção do trafico tem na realidade produzido algum mal; existe no paiz uma grande falta de braços para a agricultura, braços de escravos que eram os que haviam em outras épocas. Infelizmente a nossa população não está educada para dedicar-se aos trabalhos do campo, e o agricultor vê-se na necessidade de lutar com essa penuria de braços que influe tão maleficamente nos seus lucros.

Ora, qual he n'um paiz o meio que a civilisação tem adoptado para substituir a falta de braços que a sua industria agricola exige, e que não existem no mesmo paiz? Sem duvida he a adopção de instrumentos e de machinas aperfeiçoadas que substituem os braços do homem, produzindo mais e melhor, com menos somma de força bruta.

O nosso paiz infelizmente não estava preparado para receber esta cessação repentina do trabalho escravo; não temos machinas, não temos instrumentos aperfeiçoados. He necessario que o governo cuide seriamente desta necessidade urgente; he necessario que dê a mão a algumas provincias, que as coadjuve nas experiencias que fazem, das quaes infelizmente nem sempre se sahem bem. Creio que não direi uma cousa nova, asseverando que a industria agricola em algumas provincias do imperio está em uma decadencia muito grande. (*Apoiados.*)

Attenda-se, por exemplo, para a provincia do Maranhão; existem aqui nobres deputados daquella provincia, os quaes concordarão comigo em que ella já não he a mesma provincia de épocas anteriores. Outr'ora as geographias apontavam a provincia do Maranhão como uma das primeiras do paiz pela fertilidade do seu solo, pela prosperidade da sua agricultura, pela sua riqueza emfim: hoje não he assim. Sabemos que existe na administração daquella provincia um varão circumspecto, um moço illustrado (*apoiados*); vemos que tem procurado introduzir reformas mui louvaveis; vemos que os crimes dão-se alli hoje em menor numero do que em outro tempo; mas os esforços desse habil administrador sobre a agricultura tem sido quasi infructiferos; vemos que algumas tentativas tem sido feitas neste sentido; mas os ensaios dessas tentativas não tem dado o resultado que se esperava. O que revela isto, senhores? revela que na provincia do Maranhão, como em outras, ha causas de embaraço para a industria agricola, o que nos faz convencer da necessidade em que está o governo de mandar estudar essas causas para removê-las, afim de que as provincias voltem á prosperidade que já tinham, ou a maior ainda.

Tocarei em outras provincias, tocarei na provincia de Pernambuco, da qual sou filho e representante. A industria quasi exclusiva desta provincia he a cultura da canna, o fabrico do assucar. Não quero dizer que lá se planta hoje menos canna e se fabrica menos assucar do que em outros tempos; não; ahi está a estatistica da exportação, que nos mostra que o fabrico do assucar tem-se desenvolvido naquella provincia; mas á custa de quantos sacrificios? Quanta actividade não tem sido preciso dispender para que a nossa agricultura não retroceda, não va para tras? Sabe Deos quantos empenhos não tem contrahido os nossos agricultores para manterem-a no pé em que se acha!!

O mesmo direi da provincia das Alagoas, da Bahia, e de outras muitas do imperio.

Nesta especie de abandono tem permanecido até hoje as provincias. As legislaturas anteriores, as administrações passadas, não cuidaram de meios proficuos a remover as causas do atraso que se observa na industria agricola. Para provar a verdade do que digo, eu invocarei os ensaios que algumas provincias hão feito, nos quaes tem-se achado com suas unicas forças, com seus unicos recursos, sem apoio dos cofres geraes.

Do Maranhão sabem todos que alguns moços intelligentes tem ido para a Europa estudar os principios de sciencias naturaes, que podem ter applicação vantajosa na sua provincia; mas voltando á ella não tem encontrado emprego para os seus estudos. A provincia não tem meios de fazer com que elles aproveitem as suas habilitações em favor dessa porção do imperio que os mandou á Europa, e neste caso essas intelligencias retiram-se das provincias, abrigam-se na corte, aonde são benignamente acolhidas, não pelo governo que não lhes dá a protecção conveniente, mas pelos interesses e capitaes dos particulares. Creio que a camara sabe de um facto a respeito do Maranhão: existe na corte o Dr. Caetano da Rocha Pacova, filho daquella provincia, moço illustrado e intelligente, que aproveitou perfeitamente o seu tempo em Paris; está aqui inteiramente dedicado á uma industria particular.

Na provincia de Pernambuco, senhores o que he que tem feito os capitaes e intelligencias particulares tem posto em prova alguns ensaios com o fim de fazer florecer a industria agricola; infelizmente essas intelligencias e capitaes isolados, entregues a seus unicos recursos, hão naufragado, e as consequencias desses naufragios tem um alcance muito maior do que se pensa; he o esmorecimento o desanimo que começam a apparecer no espirito de todos que vivem da mesma profissão, e que não tem a coragem de emprehender iguaes melhoramentos com o medo de igual ruina. Neste caso convinha que o governo désse a mão a essas intelligencias e capitaes para que pudessem produzir salutares effeitos.

O Sr. Brandão:—Como se pratica nos grandes paizes.

O Sr. Sá e Albuquerque: — Senhores, he quasi uma doutrina corrente no espirito dos nossos agricultores, que não o tem muito cultivado, que a producção do assucar he hoje superabundante. Dizem os homens, que não tem tido o cuidado de compulsar as estatisticas commerciaes, que o assucar superabunda já nos mercados estrangeiros. Creio que seria desnecessario dizer a camara que isto he uma doutrina falsa e errorea; o assucar não superabunda hoje no mercado estrangeiro: o nosso assucar recua destes mercados, não porque haja superabundancia, mas porque não póde competir com o assucar estrangeiro pela qualidade superior deste, superioridade que he devida ao aperfeiçoamento das machinas, e de tudo aquillo que carecemos e não temos.

O Sr. Pereira da Silva:—A questão he o preço, que decahio com as fabricas de beterraba.

O Sr. Sá e Albuquerque: — Pelo contrario: nós vemos que o anno passado o assucar deu preços superiores, e apezar das circumstancias climatericas que appareceram os lucros dos plantadores foram grandes.

Senhores, qual he o melhor systema de instrução em um paiz qualquer? Creio que a camara concordará comigo que he aquelle que se adapta ao maior numero de profissões diversas; he este o verdadeiro systema de instrucção. Perguntarei eu, de baixo desta relação o nosso systema de instrucção publica tem muito merito? Creio que não.

A attenção do governo (quando fallo em governo refiro-me a todos os governos que o paiz tem tido,) a attenção dos governos e das legislaturas se ha volvido para o estudo do direito da medecina e das mathematicas; assim, vemos que existem no paiz duas academias de direito, duas de medecina, e duas de mathematica, vemos que existiam o anno passado 1,697 alumnos de direito, medicina e mathematicas, e nem um alumno se quer de agricultura!! Vemos, senhores, que o paiz dispende constantemente, com estas escolas a não pequena somma de 250:000$ e quanto, perguntarei eu, se dispende com a agricultura, ou objectos que lhe toquem de perto? Para não dizer que nada, devo dizer que se dispende a quantia de 4:000$000 reis, com a qual se subvenciona a sociedade auxiliadora da industria nacional, essa istituição composta de homens sabios, e que tem feito grandes serviços ao paiz.

O Sr. Figueira de Mello: — O orçamento da 2:000$ somente.

O Sr. Sá e Albuquerque:—Senhores, um ministro francez, cujo nome vós bem conheceis, o celebre Sully, disse « França—lavoura e pastos—são as duas tetas do Estado. » Se isto he verdade na França, creio que muito mais o deve ser entre nós a riqueza solida, aquella que ha de estar sempre ao abrigo de quasquer eventualidades, de quasquer commoções politicas, he a agricultura; quizera pois que olhassemos para ella, e lhe dessemos a importancia que merece.

Senhores, tendo fallado sobre a necessidade de melhorar o systema agricola do nosso paiz; alguma cousa devo dizer a respeito dos meios. A camara sabe que tres são os meios que a civilisação tem adoptado como convenientes para desenvolver a industria agricola de um paiz; são as vias de communicação, as instituições de credito e a educação profissional. Quanto as vias de communicação, eu sou feliz em poder mostrar-me hoje muito agradecido ao nobre ministro do imperio pelos grandes serviços que elle ha feito ao nosso paiz neste ponto. Não menos de quatro vias ferreas se acham contratadas, e se todas não estão em andamento, a culpa certo não tem sido do nobre ministro, que venceu de sua parte todos os embaraços, que venceu todas as difficuldades que podiam ser vingadas.

O Sr. F. Octaviano:—Essas vias são, no meu entender, as primeiras necessidades da agricultura.

O Sr. Sá e Albuquerque: — Concordo com o nobre deputado. Quanto as instituições de credito, senhores, não sou exigente de mais, não acredito mesmo que no nosso paiz possam já ser instituidos bancos ruraes tão regulares, tão completos e tão uteis como elles costumam ser em outros paizes, aonde prestam grandes vantagens á agricultura. Os bancos territoriaes só podem existir dando-se certas bases e condicções anteriores; como se pode conceber a existencia desses bancos sem que haja um systema hy-

FOLHETIM.

UMA HISTORIA DE FAMILIA. (*)

POR MERY.

VI

A ceia da Maison d'Or.

Representava-se *Roberto do Diabo*, e essa obra havia segundo o costume povoado a immensa platea da opera. O conde Caetano que só tinha achado para alugar, segundo dizia, um camarote obscuro da primeira ordem, não aconselhára a Isaura que se sepultasse em um desses tumulos que no verão são banheiros de fogo; por isso estava só com o mancebo. Saint Servais estava radiante de alegria, tinha tornado a achar uma occasião de passar um serão com o falso de Verrieres, e contava não escutar uma só nota da opera de *Roberto* para tornar completo seu contentamento.

O conde para conformar-se ao habito geral de fallar quando canta-se na opera ou nos Italianos, tinha já narrado duas intrigas amorosas de sua primeira mocidade, quando cahio o panno no fim do terceiro acto. Essas confidencias haviam alegrado Saint Servais ao ultimo ponto.

— Bem vê, disse o conde, que narro sem encobrir. Porque encobriria eu? Estamos aqui neste momento em pleno espirito do seculo decimo oitavo. Vossê acaba de ver um convento inteiro de religiosas com a abbadessa á frente saracotearem sem seremonia no claustro de Santa Rosalia. Com as pernas dessas religiosas a gente se recreia, isso explica tudo, e ao menos nossos olhos ficam alegres, como diante das gravuras de sua bibliotheca. E com que sagacidade he isso arranjado para prevenir os clamores dos reaccionistas! Essas religiosas não são religiosas: são freiras (*nonnes*) e vossê sabe que era esse o termo de zombaria, de que servia-se o seculo decimo-oitavo para designar as virgens dos conventos.

O conde calou-se porque começava o quarto acto. Durante o admiravel dueto de Roberto e Isabel, e até a ultima nota da aria magnifica *por piedade* até a sublime explosão da orchestra, o conde Caetano manejou tão habilmente o oculo que não perdeu de vista um só instante o semblante de Saint Servais. A scena de violencia pareceu interessar ao mancebo, o qual seguio com olhos sombrios todos os movimentos de Roberto gritando a Isabel:

Teme meu furor, não me resistas!

De vez em quando seu olhar cahia sobre o parapeito do camarote, e elle parecia então recolher-se e assistir pela lembrança a alguma scena analoga, ainda viva no passado. Taes eram ao menos as conjecturas que formava o conde Caetano.

No principio do entreacto o conde fez dansar as pontas dos dedos sobre o velludo de apoio do camarote, e tomando um tom ligeiro disse:

— Esse Roberto he um ente muito estupido, tem na mão um raminho verde, um raminho venerado que adormece cincoenta cavalleiros como um só homem, e não serve-se de seu talisman para adormecer uma mulher que lhe *resiste*. Mas se eu tivesse um raminho verde como esse, adormeceria todas as mulheres formosas....

— E eu tambem! disse Saint Servais dando uma risada ordinaria.

E muitos outros tambem, tornou o conde. Note bem que não he por moral que elle abstem-se; pois he um malvado que abandona uma pobre moça á libertinagem de quarenta cavalleiros, que ameaça matar toda a cruzada com um tamborete, que passeia á meia noite no cume de uma montanha para cantar: *Fatal momento! cruel mysterio!* que não se lhe dá de fazer um pacto com o diabo, não obstante sua cruz de cavalleiro, que se esquece de seu amor por Isabel e deixa-se seduzir por freiras vestidas em mulheres más. Não he pois um escrupulo que o impede de adormecer Isabel com o raminho verde e venerado! Porque pois a não adormece?

Saint Servais acompanhava com um riso cadenciado a extravagancia do falso de Verrieres, mas não dizia nada, nenhuma confidencia parecia despontar-lhe nos labios; isso era para desesperar!

Havia certamente uma questão a propor, uma questão directa, muitas vezes discutida, e que remonta a Lucrecia, mulher de Collatino; mas era difficil atacar um ponto tão delicado sem excitar uma sombra de suspeita, e perder tudo no momento em que havia tanta esperança de bom successo.

Forçoso foi, pois, esperar e resignar-se.

Dava meia-noite no relogio municipal do segundo districto, quando os dous homens sahindo da opera foram respirar a frescora no passeio. O conde extasiou-se sobre a belleza da noite, e fingindo despedir-se de Saint Servais, disse-lhe:

— Apezar da belleza da noite, devemos cuidar em voltar, eu para o meu quarteirão, vossê para os seus Campos Eliseos.

Saint Servais não aceitou essa despedida tão precoce, e retendo o conde com a mais vigorosa das mãos, disse:

— Oh! he muito provincialismo deixar o passeio á meia-noite no verão. Ha rapazes que levantam-se e que chegam para almoçar.

— Pois bem, ficarei, disse o conde se vossê não me recusar o que vou propor-lhe.

— Aceito de antemão, meu charo de Verrieres.

— Uma pequena ceia na *Maison d'Or?*

— Pois não! eu ceio todas as noites.

— E eu tambem, velho habito do *media noche* de Madrid. Ordinariamente ceio mesmo em casa.

— Só se deve ceiar no passeio, meu charo de Verrieres.

— Meu charo Saint Servais, disse o conde affectando uma attitude comica de dandy, se eu passar ainda quinze dias com tigo, naturalisas-me Parisiense... Vamos á *Maison d'Or.*

— E eu pagarei a ceia, disse Saint Servais.

— Não, não, eu a pagarei.

— Vossê pagou o camarote.

— Eu tinha-o perdido em uma aposta. Os bibliophilos Silvestre e Blanchard condemnaram-me.... Ha nesse livro da *Galeria das Damas* um capitulo mui curioso.

— Todos os capitulos são curiosos, interrompeu Saint Servais.

— Sim; porém ha sempre um mais curioso do que os outros....

Conversando assim, elles subiam a escada da *Maison d'Or*.

— Aqui todos os gabinetes particulares são commodos? perguntou o conde a um criado.

— Sim, senhor.

— Dê-me o mais commodo.

— N. 7, senhor.

— Gosto desse numero.... Primeiramente, rapaz, dê-nos bom vinho de Champagne, depois dê-nos tudo o que quizer. Sirva-nos já, e quando formos servidos não queremos estar rodeados senão de ausentes.

— E que capitulo he esse da *Galeria das Damas*? perguntou Saint Servais, o qual não queria jámais perder nada em uma conversação com o falso de Verrieres.

— Já que quer que falle nesse capitulo, he aquelle em que as mulheres do castello de... esqueci-me do nome, he um castello... as mulheres reunem-se debaixo de um caramanchel, e queixam-se dos homens. Uma após outra fazem todas sua confissão, e a mais velha refere uma scena que tem relação com a de *Roberto*....

— Sim, sim, recordo-me, interrompeu Saint Servais, deram-lhe uma bebida, e adormeceram-na.....

— Sem raminho verde? tornou o conde.

— Com um narcotico, do qual o livro dá a receita, respondeu Saint Servais. Compõe-se de meimendro, papoula e golfão.

— Apré! como vossê decora a receita de narcotico! disse o conde.

— Porém nunca usei della, palavra de honra!

— Porque faltou-lhe occasião, tornou o conde abaixando a voz. Estas paredes tem ouvidos?

— Oh! não se póde ouvir nada, respondeu Saint Servais, essas paredes tem uma grossura enorme, não ha communicação.

— Fico tranquillisado, Saint Servais. Pois eu tenho cultivado o narcotico.

— De veras? tornou o mancebo encantado!

— Sim, na minha primeira viagem a Vienna, onde ia fazer uma operação sobre os metalicos.... Devo dizer-lhe, meu charo Saint Servais... Sirva-se do champagne....

Devo dizer-lhe, meu charo Saint Servais, que em Vienna ha alchimistas que preparam o narcotico com perfeição. Essa sua receita os faria rir, como se vossê lhes cantasse musica italiana seria.... Eu tinha vinte e quatro annos, estava ufano de mim mesmo e do meu nome francez, e com esses simples titulos enamorei-me de uma baroneza que tinha um brazão carregado de dezeseis costados. Todavia ella dignou-se de pôr em mim os olhos do alto de sua arvore genealogica, e consentio em amar-me. Era uma mulher do genero da esposa do presidente de Tourvel das *Liaisons Dangereuses*, uma gordura aristocratica, cabellos louros a moda venesiana, rosto de seraphim efeminado, carne de marfim cor de rosa; trinta annos pela certidão de nascimento, vinte e oito na conversação. Convidava-me muitas vezes para passar dous dias em seu castello de Diestrick-Froff, situado á margem do Danubio perto de Vienna.

— Muito bem, de Verrieres, muito bem!

— Liamos romances de Augusto Lafontaine a sombra das arvores do parque, ella condoia-se dos infortunios dos amantes; mas conservava-me sempre em uma distancia respeitosa de sua nobreza austriaca. De noite quando recolhia-se ao quarto apresentava-me a ponta da luva, e mal permittia que meus labios a beijassem com respeito. A doutrina amorosa de Platão não foi jámais de meu gosto, e aos vinte e quatro annos eu só apreciava no amor a ultima scena. Assim essa frieza devia impellir-me a loucuras; pois minha paixão tornava-se de dia em dia mais viva na atmosphera desse castello. Exasperado emfim atrevi-me, porém timidamente, a queixar-me dessa luva ironica que me era apresentada todas as noites como o supremo favor do amor. A baroneza lançou-me um olhar severo, esmagou-me com o peso de seus avós, disse-me que descendia da casa de Souabia fundada em 1137, que tinha por primeiro antepassado um primo de Conrado III, que tinha um *guirre* em suas armas, porque seu segundo antepassado fôra morto na tomada de Milão por Frederico Barba-ruiva em 1152. Accrescentou que tinha-me grande affeição, que via-me com o maior prazer; mas que jámais consentiria em levar ao fim comigo uns amores mundanos; pois seus avós oppunham-se formalmente a isso.

O conde que enchia de vinho o copo de Saint Servais com intervallos mui curtos, parou então, e disse:

— Bebamos a saude dessa excellente baroneza?

— Sim; mas continue sua narração, charo de Verrieres.

— Não he uma narração que lhe faço, tornou o conde, he cousa melhor. Fazem-se narrações aos estranhos, e confidencias aos amigos.

Saint Servais gostou muito disso, e inclinou-se.

— Um dia chegando ao castello, proseguio o conde de Caetano, achei um hospede que não conhecia, e que pareceu-me estar adiantado na graça da baroneza. Interroguei uma criada, que tinha peitado, e soube que esse desconhecido era o amante da baroneza ha quatro annos. Descendia tambem da casa de Souabia, e até contava mais alguns avós, que a dona do castello. Essa descoberta tornou-me louco, e resolvi vingar-me a todo o custo.

— Vejamos a vingança.

— Eu conhecia um alchimista, ao qual submettia ás vezes peças de ouro suspeitas, e pedi-lhe um narcotico innocente, mas seguro em troca de uma somma qualquer exigida pela sua discrição. A compra foi onerosa para mim; porém obtive o narcotico. O nobre amante da baroneza que tinha um posto superior no exercito, partio logo para uma revista sem dignar-se de honrar-me com seu ciume; pois a seus olhos eu não existia. Outro objecto de vingança, humilhação de ambos os lados. Uma noite servio-se o chá, segundo o costume, e quando a chavena da baroneza estava feita, extasiei-me sobre a belleza de um luar que nos deixava ver uma admiravel paizagem pela porta principal que dava para o poial. A baroneza que adorava o tempo de luar levantou-se para lançar a vista sobre o campo, e eu depuz uma pequena dose de narcotico no chá.

O conde fez uma pausa e pareceu recolher-se; depois tocou a campainha, e pedio *johannisberg* em lembrança da baroneza allemã. Saint Servais abrio a janella para tomar fresco: a mistura dos vinhos obrava-lhe no cerebro. Eram duas horas da madrugada, mas o passeio tinha a animação do meio dia. Ouviam-se as vozes pomposas dos criados de Tortoni; as risadas dos rapazes, o ruido dos pratos sobre as mesas, e as psalmodias dos vendedores de diarios da noite. O conde encheu de johannisberg o copo de seu ouvinte, e proseguio em tom cheio de melancolia.

— Rapaz, vossê nunca sentio, nem sentirá jámais o que a gente experimenta, quando uma paixão inexoravel arrebata-nos, e faz-nos commetter uma dessas acções chamadas criminosas por um legislador frio e sem sexo. Ha nos preparativos dessa especie de crimes, que se commettem fóra do amor vulgar, do amor burguez, ha uma felicidade febril, uma espectativa irritante que tapam os ouvidos ao grito de justiça e da razão. Ainda que a gente visse a espada do castigo suspensa do tecto de uma alcova, não pararia, passaria o lumiar vedado. A paixão verdadeira, a paixão feita de amor, de odio, de vingança, e de volupia, he uma borrasca que arroja-nos em um mundo desconhecido, em um deserto povoado por dous habitantes, o sacrificador, e a victima! Que lhe direi? Quando graças á traição de uma criada que eu tinha peitado, senti a porta do quarto ceder ao impulso, de minha mão, quando a noite, a solidão, e o somno me permittiram ousar tudo, senti um desfallecimento que parecia dar razão á opinião dos homens; mas revoltei-me contra esse instante de fraqueza, recordei-me violentamente de meus aggravos, mais imperiosos que meu amor, do amante que me insultara pelo silencio de seu ciume, da baroneza que me humilhara com sua casa de Souabia, e da honra de minha mocidade compromettida pelo ridiculo em um paiz estrangeiro. Isso era irresistivel! Passei resolutamente o lumiar, e quando amanheceu eu estava na estrada de França perseguido pela maldição de Conrado III.

— Uma saude a casa de Souabia, meu charo Saint Servais, e isso com johannisberg!... Eis o que faziamos em nosso bom tempo: confesse que a mocidade de hoje tem degenerado muito.

Saint Servais abanou a cabeça passou a larga mão pela fronte carregada de vapores dos differentes vinhos, e batendo na mesa exclamou:

— Pois bem vossê he um menino!

O conde estremeceu involuntariamente a essa apostrophe que parecia prometter uma revelação tão esperada; mas felizmente esse movimento foi interpretado pela imprudencia de Saint-Servais no sentido mais natural.

— Ah! vossê admira isso? proseguio elle com uma risada meio accentuada pela embriaguez, ah! admira isso?... Sua historia da baroneza divertio-me!... Vossê he excellente... és excellente, meu charo de Verrieres... mas não és forte a respeito das mulheres... Oh! eu não fallo... he tolice contar amores... e além disso não fallo bem em sociedade... faltam-me as palavras... Se me exprimisse como tú, contaria minha vida... Bota-me johannisberg...

— Ah! sou um menino! disse o conde enchendo o copo apresentado.

— Sim, meu amigo... um menino com teus narcoticos... teus alchimistas... tuas baronezas de trinta e quatro annos... Velhas só gosto das garrafas... Ouves este bom dito?... Se eu tivesse teu espirito não quereria jamais dizer uma tolice... Aperta-me a mão, de Verrieres...

— Ah! sou um menino.

— Bem! não deixaste essa palavra cahir no chão!... Oh! não nos agastemos... es necessario a minha vida... fico aborrecido quando não estás presente... Primeiramente advirto-te de que se te agastares, não me agastarei... Não sei mais o que queria dizer-te...

— Primeiramente he preciso provar que sou um menino, disse o conde com um sorriso provocador.

— Provar isso! oh! não he difficil!... Eu... Ouve isto, de Verrieres... não gosto das baronezas velhas... gosto das mulheres moças... abaixo de dezoito annos, e ainda menos... Não gosto dos narcoticos; porque compromettem... Eis aqui meu narcotido, minha mão direita. Já viste uma mão como esta? Tenho vinte e quatro dominós alinhados aqui; não queres crer?

— Sim, sim, creio.

— Chama o rapaz e pede dominós.

— He inutil, Saint Servais, eu o creio.

— Vês, Verrieres?... Era uma moça loura... bella como Sophia de Faublas... um corpo como nunca viste... ia casar-se com um imbecil... Dize, era justo isso?

— Não, disse o conde.

— Veio-me uma idea... Bem, disse comigo, se esse imbecil a desposar, só ha de desposa-la depois de mim... Bem vês, de Verrieres, que és um menino...

— Sim, continue... disse o conde estremecendo da cabeça até aos pés.

— Não adevinhas o resto? tornou Saint Servais com uma voz, que extinguia-se gradualmente. Pois bem, a pequena tinha-me sem o saber informado de tudo... e alta noite... Vês, Verrieres... o melhor dos narcoticos he um desmaio...

— Pode ser, disse o conde com voz surda.

— Um narcotico compromette, proseguio Saint-Servais com a gaguez da ebriedade, um narcotico compromette... A gente he obrigada a compra-lo em casa de um alchimista... um pharmaceutico... e depois... ha um promotor publico... tenho medo dos promotores publicos... elles não attendem ao amor... confrontam-nos com o alchimista... não he verdade, de Verrieres?

— He verdade... murmurou o conde.

— E depois fazem vir Mr. Orfila... Um narcotico, Verrieres, he veneno... não he verdade?

— Continua... continua... Saint Servais..

— Continuo... Verrieres... este vinho do Rheno molesta-me a cabeça... como um narcotico... Um desmaio não compromette... aprendi isso em uma peça do passeio... Ha uma moça que desmaia em um pavilhão... todo o enredo he urdido sobre isso... Viste essa peça, Verrieres?

— Não.

— Aconselho-te que a vejas... has de recreiar-te... Ella denomina-se... o... a... esqueci-me do titulo... He o mesmo, vai ve-la... Essa peça completou minha educação... Vê-se... essa pobre moça... no terceiro acto... he uma mulher... Ha um official russo em 1814 ou um Cossaco... estou confundindo-me... *La Chanoinesse*... não, he outra... A scena passa-se em Saint Mandé... Não... Eu te... Verrieres... boa noite... meu amigo... meu...

Saint Servais apoiou-se no velludo que guarnecia o divan do gabinete e adormeceu. O conde Caetano levantou-se e ergueu os olhos ao céo para agradecer a Deos; depois tendo reflectido algum tempo tocou a campainha, arrumou a ceia, e disse ao criado:

— Faça chegar meu coupé, está em frente da casa, chame o cocheiro Paulo. Depois ha de ajudar-me a conduzir meu amigo, o qual temeu o johannisberg.

Preparado tudo para a partida, o conde Caetano abalou vivamente o mancebo, o qual entreabrio os olhos.

— Venha, he tempo de voltar, disse-lhe o conde, o carro esta a porta. vou leva-lo para sua casa.

Saint Servais levantou-se penivelmente, e caminhou como um somnambulo no corredor, desceu vagarosamente a escada, apoiado nos dous braços auxiliares, e sua alta estatura teve muita difficuldade em accommodar-se no coupé. O conde disse algumas palavras ao ouvido do cocheiro, e o carro partio.

Apenas installado Saint Servais continuou o somno, um instante interrompido, e mal suspeitava a estrada que o carro percorria. O cocheiro só tinha recebido indicações para os tres quartos do caminho, e quando achou-se na estrada de Vincennes, poz o cavallo ao passo, e deixou-se dirigir pela voz do conde Caetano.

Chegaram diante da grade da Ermida de Saint Mandé. O conde tornou a acordar o dormidor embriagado, o qual recobrou o passo de somnambulo, e entrou no jardim, rebocado por assim dizer pelo conde. A carruagem tinha voltado para Paris.

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide o *Diario* n. 153.

MUTILADO

ILEGÍVEL

pothecario regular? Qual he a garantia que podem offerecer actualmente os agricultores para obterem os capitaes necessarios ao melhoramento de sua industria.

Sem duvida alguma, a garantia da agricultura são as terras; entendo que alguma cousa podiamos fazer neste sentido, mas não creio que já e já o possamos; necessitamos de capitaes he verdade, mas o systema actual não os podemos haver. Tratarei agora, Sr. presidente do outro meio do desenvolvimento da industria agricola; quero dizer, da instrucção professional.

O Sr. Brandão:—Isto para mim he o primeiro e o principal elemento.

O Sr. Sá e Albuquerque:—Senhores, quaes são os conhecimentos que deve ter o agricultor para as operações ordinarias da sua industria? Figuremos o caso da plantação; só para a escolha do terreno e demarcação delle, o agricultor precisa de conhecimentos geologicos, mathematicos, physicos e chimicos. Supponhamos a operação em seguimento, trata-se de cultivar; o agricultor tem necessidade de instrumentos e machinas, e ei-lo jogando com os principios mecanicos. Supponha-se que a operação he um pouco mais complicada, que se trata de desseccamentos e de irrigações, faz-se necessario o conhecimento das machinas hydraulicas. Trata o agricultor de ver qual he a cultura que se deve occupar o terreno a primeira vez, qual he aquella que deve segui-la, que adubo he conveniente para cada uma dellas, e neste caso são necessarios conhecimentos chimicos, physiologicos e botanicos.

Continua a operação, o agricultor precisa, por exemplo, de animaes são necessarios conhecimentos de zoologia, da arte veterianaria, e da hygiene animal. O agricultor precisa de saber se com effeito perdeu ou não em suas operações, são necessarios conhecimentos de contabilidade, e não erraria dizendo que entre nós he bem raro o agricultor que tem sua escripturação regular; ainda continua a operação; elle quer fabricar productos, que idéas tem de technologia? Nenhumas; o seu trabalho he todo em grosso, não sabe preparar convenientemente o assucar, não sabe fabricar licôres, não sabe em fim dar novas formas aos productos primitivos de sua industria. Quer saber qual o mercado que receberá com mais cortezia e attenção os seus productos, são-lhe necessarios conhecimentos geographicos que elle não tem. Emfim, senhores, a industria agricola no Brasil carece de tudo quanto he educação professional.

Em vista do que acabo de dizer a camara não se admire de que eu faça sentir a necessidade da creação de um instituto agricola, ou faculdade, ou academia, ou como se quizer chamar, aonde se ensinem as sciencias naturaes e outras necessarias para o regular andamento e progresso da agricultura.

Senhores, não nos esqueçamos de que tres quartos da nossa população são talvez moradores dos campos, vivem da agricultura, e a forma de governo do nosso paiz exige que estes tres quartos da população sejam convenientemente educados para poderem bem viver nelle.

A instituição municipal hè uma das bases em que assenta o nosso systema representativo, exige sem duvida alguma instrucção naquelles que tem de exercer as funcções municipaes. Qual he a causa pela qual as camaras municipaes não produzem no nosso paiz os mesmos bens que essas instituições produzem em outros paizes? He porque entre nós os homens que exercem essas importantes funcções não tem os conhecimentos precisos para o cumprimento de seus deveres; convem que tenhamos homens habilitados para preencher estes cargos, e não he com a medicina e com as mathematicas que havemos educar agricultores, que são os vereadores nos campos. A este prospoito citarei duas palavras de um grande homem, de João Jacques Rousseau, no seu tratado de educação; diz elle: « Na ordem social em que todos os lugares estão determinados, cada homem deve ser educado para o seu lugar. » Eu direi que na sociedade em que vivemos o agricultor deve ser educado para viver na sua industria natural, para succeder a seus pais na profissão em que estes viveram.

Eu creio que ninguem desconhece que hoje a nossa industria agricola se acha grandemente desacreditada; os homens de intelligencia e de capitaes fogem de empregar a sua intelligencia e os seus capitaes nessa industria, empregando-os em outras quaesquer emprezas, desprezando inteiramente a agricultura; nós sabemos que vulgarmente se diz que os mattos são para as féras; he pois necessario levantar essa nobre profissão do abatimento em que jaz, conceitua-la, o que só poderemos conseguir hoje dotando o paiz com uma academia e escolas praticas agricolas que elevem a sciencia e arte de cultivar a terra á altura em que se acham o direito, a medicina e as mathematicas, porque, quando todos se compenetrarem de que os diplomas ou pergaminhos das academias agricolas são tão nobres, tão honrosos como os das academias medicas, juridicas e mathematicas, para aquellas mandarão os seus filhos; he só desta sorte que poderemos ver hoje os filhos dos fazendeiros abastados convenientemente educados para succederem a seus pais na profissão que fez a fortuna destes.

Eu sei, senhores, que para a realisação desta idéa que acabo de emittir não faltam objecções que se lhe opponham, objecções que saltam a todos olhos, sendo a principal dellas a falta de pessoal habilitado para um ensino inteiramente novo no nosso paiz; esta objecção comtudo não he tão poderosa como pode parecer, e se o governo não habilitar hoje o paiz a dar uma resposta a essa objecção, ella daqui a dez annos, a cincoenta, a cem, ainda ha de estar em pé (*apoiados*), he por isso que devemos principiar hoje. (*Apoiados*).

Sr. presidente, eu não penso que faltem absolutamente no paiz os meios necessarios para darmos principio á realisação desta meu pensamento, por que existem no paiz alguns homens que podem ser vantajosamente aproveitados; as escolas de medicina contem algumas cadeiras que se tocam com a agricultura, que fazem parte do ensino desta; e mesmo, se houvesse falta de professores, como essa instituição não seja para ser realisada hoje nem amanhãa, nem mesmo para o anno, podemos mandar alguns homens que já possuam algumas habilitações estudar fóra do paiz, e lá aperfeiçoarem-se; o que he necessario he que em tempo se estabeçam os meios para que algum dia se consigam os fins...

O Sr. Paula Candido e outros Srs. deputados:—Apoiados.

O Sr. Sá e Albuquerque:—Senhores, já toquei em uma consideração da qual ainda vou fallar. Infelizmente todos nós observamos que hoje os capitaes desertam da agricultura, e que esta não pode prosperar porque sente faltarem-lhe os capitaes necessarios; he portanto preciso que o governo colloque sentinellas activas e vigilantes que se opponham a essa deserção; essas sentinellas não podem ser outras senão a illustração do agricultor, a sua educação conveniente, educação que, habilitando-o a explorar mais utilmente a cultura da terra, possa levar-lhe ao espirito a convicção de que não deve abandonar a sua industria e a de seus pais, de que os seus verdadeiros e legitimos interesses estão no campo. (*Apoiados*).

Geralmente se diz « sem capitaes não podem haver aperfeiçoamentos »; concordo, senhores, com esse pensamento, mas tambem concordarão comigo que são os aperfeiçoamentos que primeiro convidam os capitaes, attrahem-os e delles se amparam; portanto, se, ou pelo governo, ou por outro qualquer meio, se promoverem melhoramentos na agricultura, esta industria terá capitaes; os melhoramentos e aperfeiçoamentos nas industrias são incentivos, são esponjas que attrahem os capitaes. (*Apoiados*).

A vista do abandono da industria agricola no nosso paiz, eu creio que tem verdadeira applicação a ella as palavras do sabio Chassiron, que dizia não ha muito tempo na França: « Em nossas academias, em nossos discursos oratorios, nós chamamos a agricultura a primeira das artes. Em nossas leis, em nossas instituições, nós a olhâmos como o mais vil dos officios. O mais vil officio exige ainda um aprendizado; a agricultura he abandonada á mais vergonhosa rotina. He preciso começar por abrir em nossos campos os olhos e ouvidos daquelles que devem ver e ouvir. »

Eu tambem digo isso, Srs., que he preciso abrir nos nossos campos os olhos e os ouvidos daquelles que devem ver e ouvir. E porque he, Sr. presidente, que existem no nosso paiz as academias de direito, de medicina e mathematica? He sem duvida alguma porque o paiz tem necessidade de magistrados, de advogados, de medicos, de militares e engenheiros; e pergunto, não terá o paiz necessidade tambem de agricultores? Se a resposta fôr pela negativa, o que eu não espero de pessoa alguma, ella não pode deixar de ser insensata; e se pelo contrario fôr pela affirmativa será severa condemnação do nosso passado e um conselho discreto para que tratemos agora de remediar esse mal e melhorar essa industria. (*Apoiados*).

Pelas palavras que tenho proferido sem duvida alguma terão comprehendido os meus nobres collegas que o que eu peço por agora são escolas de agricultura na parte theorica, mas parece-me que muitos não entendem comigo essa necessidade, e que pelo contrario julgam que deveremos ter escolas praticas somente: não penso que as escolas theoricas de agricultura possam dispensar as praticas, mas penso que estas devem preceder áquellas, que as escolas praticas devem ser o complemento das theoricas. Entendo que este lugar de preferencia não pode ser recusado a theoria, porque, senhores, sou daquelles que pensam como o Sr. Royer-Collard, que « no facto de querer desprezar-se a theoria por ser desnecessaria á pratica, ha a pretenção excessivamente orgulhosa de não sermos obrigados a saber o que dizemos, quando fallamos, e o que fazemos quando praticamos alguma cousa. »

A este respeito me permittirá o nobre ministro do imperio que lhe faça sentir a necessidade que tem o governo de proteger de qualquer forma que seja essa escola de agricultura theorica e pratica, que alguns estrangeiros pretendem estabelecer nos arrabaldes desta cidade. O programma foi já publicado e distribuido. He o primeiro ensaio deste genero, ensaio que deve ser protegido, sob pena talvez de morrer muito cedo, se grandes obstaculos embargarem o passo aos seus emprehendedores. Sou filho de fazendeiro e tambem plantador: o espirito de classe levou-me a procurar esses homens, conversei com elles, e pude conhecer que do estabelecimento dessa escola podem resultar grandes vantagens para o paiz; se essa empreza não for auxiliada pelo governo, difficilmente serão alcançados esses beneficios; he pois preciso que o governo tenha em alguma attenção esse novo ensaio agricola, que lhe preste um auxilio razoavel com as garantias e seguranças que a prudencia aconselhar-lhe.

Senhores, o anno passado nesta casa e na outra camara, aventou-se a idéa de se livrar a agricultura de alguns impostos que a aggravavam, isto com o fim de a proteger; largas e lucidas discussões houveram a esse respeito, e o que he certo he que foi reduzido o imposte de exportação; e por ventura a agricultura aproveitaria com essa reducção? A reducção do imposto de exportação, a meu ver, não fez bem algum a agricultura, ella irá engrossar talvez a bolsa de alguns negociantes; mas a agricultura, repito, não aproveitará, está como d'antes, e assim ha de continuar; Deos permitta que eu me engane. Tal reducção só aproveitaria se o nosso commercio fosse em toda parte regular.

Senhores, a respeito da abolição desse imposto eu penso differentemente de muitos, penso com o Sr. visconde do Abrantes; eu quizera que a agricultura continuasse a soffrer esse imposto, mas quizera tambem que fosse applicado em favor da agricultura das provincias. (*Apoiados*). O agricultor quer dar, quer pagar o imposto, mas quer tambem que lhe dêem, que o protejam, porque para a agricultura nada he um ou dous por cento que pague de imposto, porem muito he a falta de soccorro que soffre. Em apoio desta verdade eu citarei o exemplo da Hollanda; lá os impostos sobre a agricultura são immensos: a taxa sobre a terra, o imposto por cabeça sobre o gado. e a contribuição pára os diques, o direito sobre o sal e outras alcavallas absorvem 50 por cento do producto da lavoura, e não obstante la ella prospera....

O Sr. Almeida e Albuquerque: — A Hollanda he uma excepção.

O Sr. Sá Albuquerque — Comprehenda-se-me bem: eu não quero que a industria agricola seja gravada de impostos, empregarei antes todos os meus esforços para que ella seja alliviada de tanto peso; pretender o contrario seria ignorancia a mais crassa dos principios economicos, seria mais do que isto, seria uma guerra de morte á agricultura. O que eu quero he que no estado actual de nossa sociedade, tão atrasada como se acha a nossa agricultura, carecendo, alem de outros beneficios, de estradas das quaes depende hoje na maxima parte o seu desenvolvimento, procure-se dota-la desses favores, e se para isso for necessaria maior renda publica, não seja esta reduzida com a diminuição do imposto de exportação. Não sera a imposição de 1 ou 2 por cento mais sobre a lavoura que lhe ha de dar a morte, se por outros meios se lhe der maior vida. A agricultura he tão discreta e prudente como o industrioso: deseja gastar mais para ganhar mais.

Senhores, tocarei agora em uma especie que não sei se estará ao conhecimento dos meus nobres collegas; quero fallar da tendencia que se vai desenvolvendo em algumas provincias para mudarem a agricultura do seu solo; eu vejo, por exemplo, algumas provincias que plantavam cannas e se occupavam no fabrico do assucar não quererem mais tratar com o mesmo empenho deste ramo, ensaiando agora a cultura do café.

Eu desconfio muito dessas oscilações da industria ellas me fazem crer que a crise por falta de braços já se faz sentir na plantaçao da canna. A mudança de cultura he prudente quando as condições do solo e do clima são favoraveis, de outra sorte he um erro, he uma imprudencia, e eu temo que não nos aconteça, se isso continuar, o mesmo que aconteceu ao reino de Portugal, quando um decreto do marquez de Pombal mandou que se arrancassem as cêpas das vinhas para se cultivar o trigo, o que deu em resultado ficar o povo sem pão e sem vinho. He ainda esta uma consideração grave que eu offereço á attenção do Sr. ministro, afim de interessa-lo pelo melhoramento do fabrico do assucar e de outros productos agricolas adaptados ao solo de algumas provincias.

Senhores, eu creio que não direi cousa difficil de acreditar-se asseverando, que as repartições publicas superiores hoje se acham muito incommodadas, não pelo grande numero de trabalhos que pesem sobre ellas, mas pelo immenso numero de requerimentos para a obtenção de empregos publicos. (*Apoiados*) Diga o nobre ministro do imperio, diga o nobre ministro da justiça, digam todos outros Srs. ministros se suas antecamaras estão ou não cheias de pretendentes a empregos, se suas pastas não estão repletas de requerimentos em que se pedem empregos publicos...

O Sr. Brandão: — He uma tendencia bem fatal.

O Sr. Sá e Albuquerque: — Concorre mui to para esse grande numero de pretendentes a falta de educação da mocidade dos campos, porque não he raro hoje ver-se o filho do agricultor abastado pedir um emprego na repa rtição do imperio, da marinha etc;

Eu entendo, Sr presidente, que he uma lei de sabedoria, que he uma lei de progresso, que cada um queira melhorar a sua sorte, que cada um queira viver mais confortavel, mas commodamente do que vive; mas entendo que isto deve estar dentro de certos limites, que devemos procurar melhorar a nossa sorte, não deslocando a nossa posição, mas aperfeiçoando a nossa profissão. (*Apoiados.*)

Senhores, nós temos sido até hoje muito injustos para com essa sciencia que nos nutre, para com essa sciencia que alimenta toda nossa industria, todo o nosso commercio, para com essa industria sobre a qual recahem quasi exclusivamente todos os nossos impostos; entendo que he chegado o tempo de pagar-mos esta divida sagrada, entendo que he chegado o tempo de derramar sobre as cabeças da mocidade dos nossos campos a instrucção agricola; he uma especie de baptismo que lhe devemos. (*Apiaodos, muito bem*)

O Sr. Brandão: — Sr. presidente, as manifestações solemnemente feitas pelo gabinete actual em uma e em outra casa do parlamento levam-me a acreditar que elle procurará realisar os importantes melhoramentos de que o paiz carece. (*Apoiados.*) Penso, por tanto, que seria imprudente e manifestamente impolitico abandonar a posição expectante, e irreflectidamente fazer-lhe opposição, tendo elle apenas oito ou nove mezes de existencia, e havendo alem disso dado alguns passos que, na opinião dos homens de bem, não podem deixar de ser precursores da realisação das promessas feitas á nação. (*Apoiados.*) Eu pois, nestas circumstancias, não me occuparei por ora de questões politicas, declarando todavia que o farei logo que veja que o ministerio não corresponde ás esperanças do paiz, não preenche a alta missão de que foi encarregado.

Entretanto o meu dever de representante de uma das grandes provincias do imperio me obriga a fazer algumas considerações relativas aos diversos objectos de que trata o orçamento em discussão, e a chamar para elles a attenção do honrado ministro respectivo, visto como entendo que desta maneira auxilio os nobres desejos de que supponho achar-se elle possuido. (*Apoiados.*)

O anno passado, senhores, quando tive occasião de fallar a respeito do orçamento do imperio, expendi algumas reflexões ácerca do desgraçado estado da nossa agricultura, lastimei mesmo que ella nunca houvesse merecido a mais insignificante protecção do governo e do corpo legislativo; e o fiz porque entendi, e ainda entendo, que sem darmos o mais largo desenvolvimento a esses poderosos elementos de vida social, não nos será possivel attingir á grandeza e prosperidade que nos são afiançadas pela riqueza e productibilidade de nosso solo. (*Apoiados.*)

Ora, se as proposições que então emitti, e que agora repito, são incontestavelmente verdadeiras, se tudo concorre para nos fazer crer que, ao menos por muitos annos, e talvez por seculos, o nosso paiz ha de ser exclusivamente agricola, não posso deixar de deplorar que no orçamento que se discute se não ache consignada uma verba com applicação especial para os melhoramentos da lavoura.

Vejo, he verdade, estampadas no relatorio do nobre ministro algumas idéas a este respeito, mas observo que todas ellas se referem á colonisação e vias de communicação, que S. Ex. considera como os principaes elementos do progresso e prosperidade da nossa agricultura. Seja-me porém permittido discordar um pouco da opinião do nobre ministro do imperio. Reconheço que na verdade as vias de communicação e a colonisação como meios concumitantes podem prestar poderosos auxilios ao desenvolvimento da agricultura, mas entendo que sem a educação e instrucção profissional, sem escolas agricolas, aquelles meios muito pouco poderão adiantar.

Por tanto persuado-me que adoptando no seu relatorio os dous elementos referidos como os meios unicos...

O Sr. Ministro do Imperio: — Os dous principaes elementos.

O Sr. Brandão: —Dando-lhes uma importancia exclusiva, S. Ex. collocou os melhoramentos, que todos nós desejamos, e que as circumstancias do paiz reclamam, em uma esphera que não pode satisfazer as necessidades deste primeiro e mais importante ramo da nossa riqueza, e dos recursos nacionaes, sendo que esta minha opinião não deixa de ter uma base em exemplos de nações mais cultas e civilisadas do que nós, como mostrarei.

O nobre ministro sabe que o terreno da Austria bem como o da Russia, se achava ainda ha bem poucos annos nas mesmas circumstancias em que esti o do nosso paiz, isto he, pela mór parte inculto; que á sua população, principalmente a deste ultimo imperio, conservava-se no mesmo estado de desanimo e rotina em que se acha a nossa (*apoiados*); entretanto o que aconteceu? O que fizeram aquelles dous governos para despertarem a actividade nacional, e imprimirem o progresso e o desenvolvimento no agricultura dos seus paizes? Procuraram aperfeiçoar a intelligencia dos agricultores, creando escolas, estabelecendo premios, promovendo a emulação, e finalmente, subministrando-lhes todos os recursos que podiam concorrer para anima-los a continuarem com gosto e vantagem na vida laboriosa dos campos.

Assim no reinado de Paulo I foi estabelecida nas proximidades de S. Petersburgo a primeira escola agricola em grande escala, depois outra foi creada em Dorpat debaixo da direcção do sabio professor Schmaltz, e dados estes passos uma consideravel multidão de institutos agronomicos surgiram nos diversos pontos do paiz, todos fundados ou protegidos pelo governo, resultando delles um aperfeiçoamento tão completo na agricultura, que até nos steppes da alta e baixa Bessarabia tem ella feito importantes conquistas, segundo affirma o Sr. Tegoborski.

Ora, se a sciencia ha produzido estes notaveis effeitos em paizes muito menos favorecidos pela natuza do que o nosso, que resultados vantajosos não deveremos nós esperar della, concorrendo em nosso favor as excellentes condições da bondade do clima, da fertilidade do solo e da superior intelligencia da nossa população?

Devo pois confessar ao nobre ministro que em face destes exemplos colloco a instrucção professional em primeiro lugar na ordem dos meios de que devemos cuidar para melhorar a sorte da nossa agricultura, julgando além disto como indispensavel a immediata protecção do governo em todo sentido que possa concorrer para dar esperanças de um futuro feliz aos agricultores.

E notai, senhores, que a propria França nos dá tambem um exemplo, que justifica o que acabo de dizer. Antes da publicação dos trabalhos scientificos do Sr. Brossard em 1558, não havia quem em todo esse paiz avultasse pela sua riqueza agronomica; a França era então pobre comparativamente ao que veio a ser depois que Henrique IV, considerando os trabalhos do citado Brossard, fez introduzir a sciencia na lavoura. Possuindo 51 milhões de hectares de terrenos araveis, ja no tempo de Luiz XVI ella contava mais de um terço cultivado, e hoje 26 milhões de hectares pertencem ao dominio exclusivo da agricultura, não obstante as revoluções successivas que alli tem tido lugar. Só aos cuidados do governo, e desenvolvimento da sciencia agronomica ao systema de recompensas, á protecção permanente dada aos agricultores, deve ella tão satisfactorios resultados.

Geralmente se diz, senhores, que são as vias de communicação que operam os grandes desenvolvimentos na agricultura, e o nobre ministro do imperio partilha esta opinião; mas embora se me accuse de proferir um paradoxo, direi sempre que semelhante maneira de pensar envolve uma usurpação feita á sciencia; a lavoura faz progressos pela introducção de novos processos, de descobertas que tenham por fim melhorar o preparo das terras, desenvolver as suas forças productivas, e aperfeiçoar os productos; tudo isto pertence á sciencia, e só della póde vir; por conseguinte não vejo razão para dizer-se que só das vias de communicação depende o melhoramento da agricultura. Sabe-se que de poucos annos a esta parte he que os transportes se tem tornado faceis e menos dispendiosos em alguns Estados da Europa, e no entanto a agricultura ja se achava nelles largamente desenvolvida. Aprecio as vias de communicação, porém dou mais importancia ao estudo profissional, porque entendo que delle se hão de emanar melhoramentos, e assim se me permitta pugnar pela creação de escolas da agricultura nos diversos pontos do paiz, para que se dissemine entre a importante classe dos nossos agricultores a sciencia de que elles carecem.

O nobre ministro do imperio e todos os honrados membros que se acham nesta casa concordam que nós estamos em vespera de uma grande crise, que por sua magnitude exige o emprego de meois efficazes e promptos para remove-la, ou ao menos diminuir os seus effeitos; fallo da falta de braços pela extincção do trafico, e como he, senhores, que havemos de oppor diques a essa calamidade que se avizinha, se não tivermos homens intelligentes que tratem de aflastar, senão no todo, ao menos em parte, os males que della terão de resultar-nos?

No relatorio do ministerio do imperio do anno passado se lê um trecho que o actual nobre ministro não deve perder de vista; esse trecho de que fallo he aquelle em que se diz que na Luiziana e em Cuba um escravo produz assucar para dez caixas, como o affirmou o Sr. coronel Carson, que foi mandado alli pela provincia da Bahia: e qual pode ser a razão, senhores, porque se dá este facto na Luiziana e em Cuba, ao passo que com os nossos escravos e meios de cultura e fabricação acontece o contrario? Sem duvida alguma he porque alli se segue um outro processo differente do nosso, he porque se empregam instrumentos aratorios aperfeiçoados, he porque finalmente a acção da sciencia se faz sentir; por conseguinte cumpre-nos quanto antes introduzir em nosso paiz esses instrumentos, essa sciencia agronomica que faz obter grandes resultados agricolas por meio de machinas, e com o menor emprego possivel de braços; se o não fizermos a nossa agricultura ha de cahir e aniquilar-se, e do seu aniquilamento ha de necessariamente resultar o da fortuna publica e prosperidade da nação.

O nobre deputado, meu illustre collega por Pernambuco, que pugnou em favor das mesmas idéas que eu estou agora sustentando, aventou um pensamento que não posso admittir; disse elle que seria conveniente centralisar os estudos agronomicos em uma academia, talvez estabelecida nesta capital, mas eu entendo que em vez de adoptarmos esse expediente, mais proficuo seria estabelecermos escolas de agricultura nas differentes provincias do imperio, associando a ellas conservatorios de machinas, e destinando porções de terreno do dominio publico para nelles os alumnos fazerem, debaixo da direcção dos respectivos mestres, experiencias praticas dos conhecimentos theoricos que forem alcançando. Todos nós sabemos que o nosso paiz he vasto, e que os seus habitantes, principalmente os do campo, são pela mór parte pobres; por conseguinte collocar-se uma academia de agricultura na capital do imperio importaria o mesmo que não crea-la em beneficio de toda a nação, mas unicamente do municipio neutro e da provincia do Rio de Janeiro; por esse motivo pois me opponho a semelhante idéa, e ainda invoco contra ella o exemplo da França, da Austria, e mesmo da Russia, que em taes creações abandonaram o systema de centralisação.

O Sr. Sá e Albuquerque: — Não fallei na capital do imperio, disse que ella deveria ser creada aonde o governo julgasse mais conveniente.

O Sr. Brandão: — He a mesma cousa; se ella fosse creada na Bahia, por exemplo, as outras provincias ficariam nas mesmas circumstancias como se ella fosse estabelecida na côrte...

O Sr. Sá e Albuquerque: — Mas tambem só ha academias de direito em Olinda e em S. Paulo.

O Sr. Brandão: — Repito, senhores, que o systema das nações europêas he neste caso o mais preferivel, porque conhecimentos desta ordem devem ser disseminados por todas as localidades, levem mesmo ser levados á porta dos pobres; e nós que gastamos 35,000:000$ em tantas cousas inuteis, em tantas repartições desnecessarias, em tantos desperdicios injustificaveis, porque não havemos de applicar 2 ou 3,000:000$ naquillo que produz a riqueza publica? Será por certo uma desgraça se o não fizermos.

O Sr. Correia das Neves: — Na minha provincia não se conhecem muitos instrumentos.

O Sr. Brandão: — Em Pernambuco, aonde todos os dias estão chegando vapores dá Europa, ha melhoramentos que não são conhecidos.

Eu pois, senhores, chamo a attenção do nobre ministro do imperio, rogo-lhe mesmo que applique sua illustrada intelligencia sobre esta materia, visto como até hoje não houve ministro, não houve legislatura que della se occupasse, que se lembrasse dos agricultores, e lhes estendesse uma mão protectora; só se tem cuidado da politica, de interesses de segunda ordem e de nada mais. Queira S. Exc. ter a gloria que alcançou Colbert; queira viver nos corações dos Brasileiros, na memoria dos homens de bem, assim como aquelle grande estadista ainda vive na lembrança dos Francezes.

O Sr. Correia das Neves: — A questão he termos dinheiro, com elle podera vir essa gloria.

O Sr. Brandão: — E uma vez, senhores, que tenho fallado sobre estes assumptos, seja-me tambem permittido apresentar uma idéa que talvez pareça extemporanea, mas que eu quero deixar consignada entre os trabalhos da sessão deste anno, para que ella se realise quando for possivel. Essa idéa de que fallo he a de uma exposição agricola e industrial, creada na capital do imperio.

Senhores, está hoje reconhecido na Europa, como diz o Sr. Wolowski, que as exposições exercem uma influencia assaz poderosa no desenvolvimento das industrias, e mesmo na cultura das terras. O Sr. Vital Roux, que foi o primeiro talvez que escreveu em favor dellas, teve a gloria de ver os seus felizes resultados na Belgica. Com effeito, esse paiz, que não passa de um pequeno ponto da Europa, apezar de sua pequenez he hoje um dos estados os mais florescentes daquella continente; e a quem deve elle a sua prosperidade, o largo desenvolvimento de suas industrias? Sem duvida á emulação creada pelas exposições e fomentada pelos premios e recompensas. Particularmente nas exposições de 1830 e 1847 a lavoura teve um lugar distincto, os agricultores que se distinguiram foram altamente considerados, e honrados pelo governo, e dahi tem resultado o extraordinario desenvolvimento moral e material dos recursos do paiz, de maneira que muito bem se pode hoje dizer da Belgica, que he pequena na extensão, porém muito maior do que a mór parte dos grandes Estados na verdadeira riqueza, a da industria e do saber humano.

Tambem a Hollanda deve ás exposições essa situação lisonjeira em que se acha; vós sabeis, senhores, que o terreno desse paiz, e mesmo o seu clima, se não prestavam a grandes culturas; mas a emulação veio por meio das exposições, e produzio o milagre de vencer as difficuldades naturaes, que pareciam insuperaveis; a Hollanda he hoje feliz no meio da Europa convulsa.

Peço portanto ao nobre ministro do imperio que não deixe de parte esse meio de desenvolvimento para a nossa agricultura....

O Sr. Correia das Neves: — Por ora ainda não.

O Sr. Brandão: — Ao menos quando for possivel. Faço esse pedido a S. Exc. porque entendo que a exposição he o meio moral o mais animador que pode haver para as industrias.

Senhores, nós temos o mesmo amor de gloria que podem ter os homens da Europa, as mólas do coração brasileiro não são inferiores ás do coração europêo (*apoiados*), e se na Europa o premio, a recompensa, a consideração publica, servem de nobres estimulos ao coração do homem social, tambem no Brasil hão de servir: conseguintemente rogo ao nobre ministro, que tem a fortuna de se achar no poder em uma época em que todos os espiritos estão inclinados para o progresso, que applique os meios que estão a seu alcance para que, quando não já, ao menos na época que for conveniente, se ponha em pratica o pensamento que acabo de emittir.

Tendo dito perfunctoriamente aquillo que julgava mais urgente a respeito da agricultura do meu paiz, industria esta que não posso deixar de amar de todo o meu coração, por isso mesmo que sou filho de agricultor, passarei a algumas verbas do orçamento para chamar tambem sobre ellas a attenção do nobre ministro.

Instituto vaccinio. — Não posso deixar, senhores, de solicitar todo o cuidado do honrado Sr. ministro do imperio a respeito deste instituto. Não sei se nas outras provincias do Brasil acontece o mesmo que na minha; mas he mui provavel que sim: a vaccina em Pernambuco está em perfeito abandono; cumpre pois que o Sr. ministro do imperio lance suas vistas sobre este objecto, e se lembre da população que tanto soffre com a peste da bexiga; cumpre que providencie por todos os meios ao seu alcance para que esse grande preservativo de uma molestia tao fatal seja uma realidade no Brasil.

Em Pernambuco, como disse, quasi que não ha uma lamina de pus vaccinico que preste para cousa alguma (*apoiados*); entretanto que nas comarcas do interior, e mesmo na capital da provincia de certos em certos periodos chegam a morrer muitos desgraçados victimas daquella peste.

Entendo, e creio que toda a camara entenderá comigo, que a saude dos cidadãos he objecto muito importante, e que quando se trata della, como muito bem disse o nobre deputado pela Bahia que me precedeu, quando se procura extirpar, ou ao menos acautelar doenças epidemicas, que podem roubar muitas vidas, todo o zelo e cuidado he pouco, toda consignação não pode ser tachada de excessiva; eu pelo menos estou resolvido a não recusar a somma que for necessaria para preservar a população do imperio de molestias taes como a bexiga, e outras, comtanto que esses dinheiros tenham uma boa applicação. (*Apoiados.*)

Tendo ido á comarca de Goianna em fins de dezembro do anno passado, fiquei penalisado de ver a sorte de seus habitantes, que me são tão charos! Reinava na cidade a epidemia das bexigas; os miseraveis morriam sem os soccorros convenientes; os ricos receavam por si e suas familias; emfim, todos viviam assustados, porque na verdade aquella peste he de caracter aterrador.

Ora, consignando-se todos os annos uma somma para a vaccina, não sei porque motivo cada vez este ramo importante do serviço publico se acha mais abandonado. Eu pois rogo ao nobre ministro do imperio que olhe para este objecto, ficando certo que a população sem duvida nenhuma abençoará os disvellos de S. Exc. que tenderem a este fim.

Sobre outro objecto tambem chamo a attenção do honrado ministro, e vem a ser a respeito da verba relativa a canaes, pontes, estradas e outras obras publicas, S. Exc. no seu relatorio fallou sobre a ponte do Recife, declarou que empenhava todos os seus esforços para que esta grande obra se realisasse; mas eu observo que o tempo se vai passando, e nada apparece, e que toda e qualquer demora pode ser muito fatal. Aquella obra he reconhecidamente de necessidade palpitante, e não queira o nobre ministro ter a noticia de que em uma hora do dia ou da noite uma porção de povo foi engolida pelas ondas....

O Sr. Ministro do imperio dá um aparte que não ouvimos.

O Sr. Brandão: — A provisoria mesmo não está concluida, e se eu chamo a attenção de S. Exc. sobre este particular he porque vejo que o Sr. Neatt tendo ido examinar essa obra, até hoje não deu o seu parecer a respeito do systema e plano da construcção. Peço pois ainda ao nobre ministro que mande adiantar o mais possivel essa obra de interesse geral e indeclinavel.

Não posso tambem deixar de pedir ao nobre ministro que me diga o que he feito do desseccamento do pantano da cidade de Olinda. Consta-me que o governo tem dado ordens a este respeito, mas se me tem dito que o engenheiro que estava destinado a encarregar-se da obra retirou-se da provincia e se acha aqui na côrte. Não sei se sera isto exacto, e por isso desejava ouvir a S. Exc. Ora, o desseccamento daquelle pantano e a canalisação dó rio Beberibe são obras de grande transcendencia, e de urgente necessidade, como poderão attestar todos aquelles que foram estudantes na academia de Olinda. A população daquella cidade e dos seus arredores padece muito por causa de semelhante pantano, principalmente em certas estações do anno; eu por isso rogo ao nobre ministro que applique todos os meios para que se realise o projectado desseccamento; tanto mais quanto o governo lucra com essa obra, visto que os terrenos, hoje cobertos d'agua, podem ter grande valor.

Colonias militares.—Não posso pela mesma fórma nesta occasião deixar de chamar a attenção do nobre ministro para a colonia militar de Pimenteiras na minha provincia. Essa colonia tem sido infeliz. Estabelecida ao mesmo tempo que a colonia Leopoldina nas Alagôas, acontece achar-se esta em um grande desenvolvimento, e com todos os signaes de prosperidade, entretanto que a de Pimenteiras está como que no estado de decrepitude. Creio que o relatorio do nobre ministro dá a entender isto mesmo. A colonia Leopoldina tem creio que 300 ou 400 colonos....

Uma voz: — A povoação.

O Sr. Brandão: — Mas a de Pernambuco está em decrescimento, ou para melhor dizer; em um estado verdadeiramente miseravel....

Uma voz: — Essa nem começou, está em papel.

O Sr. Brandão: — Diz o nobre deputado, meu nobre amigo e comprovinciano, que a colonia de Pimenteiras está em papel....

Uma voz: — Então o presidente tem enganado o governo nas informações que tem dado a este respeito. Todos os recursos requisitados tem sido dados.

O Sr. Brandão: — O que he facto incontestavel he que a colonia de Pimenteiras só tem o nome. O nobre ministro ha de reconhecer que semelhante colonia he até de importancia politica, foi em Pimenteiras e suas immediações que o grupo de Vicente de Paula e outros muitos malfeitores se reuniram e acastelaram para perturbar as provincias de Pernambuco e Alagôas, e assim darem lugar aos immensos sacrificios de vidas e dinheiro que foram feitos para destrui-los. Seria, pois, muito conveniente que essa colonia se desenvolvesse, e não viesse a morrer no nascedouro.

O honrado deputado pela Bahia que fallou antes de mim prevenio-me, dizendo quanto era bastante a respeito dos vapores da companhia que navegam na linha do norte do imperio: julgo-me pois dispensado de fazer mais reflexões sobre este assumpto. Entretanto direi sempre ao nobre ministro que se não melhorar esse meio de communicação, se não impuzer a companhia, no novo contrato que vai fazer, condições muito claras e bem definidas, a navegação a vapor no litoral do impario por essa linha servirá apenas para a condução de escravos e de recrutas, porque eu confesso que não ha homem que se preze um pouco, que de bom grado se queira metter em um desses vapores da companhia no estado actual.

Não quero attribuir isto aos seus directores, porque os não conheço; culparei apenas ao nosso máo fado, á fatalidade que nos persegue, e os nobres deputados que vieram ultimamente do Norte para esta côrte poderão attestar a verdade que acabo de expender. (*Apoiados.*) Affirmo mais ao nobre ministro que até ha deputados que sabem das suas provincias e vão para a de Pernambuco sómente para esperarem alli os vapores inglezes, e fazerem nelles suas viagens, tudo por causa do máo estado dos companhia: assim aconteceu com alguns nobres deputados da Parahiba, e tambem com o das Alagôas, que se assenta ao meu lado. (*Apoiados.*)

Bem vê o nobre ministro que em todo o caso he necessario introduzir melhoramentos neste sentido, porque do contrario o resultado será, como disse, ficarem os vapores da linha nacional servindo apenas para o transporte de escravos.

Vou agora tratar dos correios. O nobre ministro no seu relatorio reconhece que o correio do Brasil se acha no estado de imperfeição: e nem era possivel que S. Exc. não reconhecesse isto, porque he patente que nem mesmo na côrte elle presta o serviço que era para desejar, segundo a indole de sua instituição; e por esta occasião não posso deixar de repetir algumas observações feitas por mim o anno passado sobre este objecto.

Não sei porque motivo se fez introduzir no correio uma especie de agiotagem, que eu não posso comprehender. Ignoro a razão por que a carta que vai depois de tal hora ha de pagar um porte dobrado ao que paga a que he remettida na hora anterior, e o caso he que ainda não houve quem me désse uma explicação que me satisfizesse a tal respeito.

O Sr. T. Octaviano dá um aparte que não ouvimos,

O Sr. Brandão: — Parece-me que se não deve agiotar assim com a população, que já paga tributos em demazia; seria sem duvida mais conveniente determinar-se que as cartas sejam recebidas até a tal hora fixa, e previamente annunciada, do que espaçar-se essa hora e exigir-se o porte duplo; isto presta-se a muitos abusos e a vexações, que cumpre exterminar. Assim, pois, espero que o nobre ministro tomará este assumpto na devida consideração.

Sr. presidente, V. Exc. me permittirá que eu continue nas minhas observações, e que faça ligeiras e suscintas reflxões sobre a verba — Repartição geral das terras publicas, medição destas e colonisação. — Sei que o nobre ministro fundou-se para organisação do regulamento das terras na pratica seguida, no direito estabelecido nos Estados-Unidos: sei mais que S. Exc. nutre esperanças de adiantar e desenvolver a colonisação entre nós, mas eu que sou pouco entendido nestas materias, talvez por isso mesmo não tenho convicção de que o systema adoptado por S. Exc. para a colonisação que se pretende realisar seja praticavel com vantagem.

Nutro a opinião de que a colonisação pelo modo por que o goveeno a quer fazer, e parece ser indicado pela lei das terras, será sempre entre nós um sonho, e Deos permitta que os factos provem o contrario do que eu digo: julgo que com as medidas adoptadas poderão vir algumas dezenas, ainda mesmo algumas centenas de colonos da Europa, mas não me posso persuadir que a colonisação se desenvolva na escala que o paiz precisa, e infelizmente não sou eu o unico que nutro esses receios; homens ha muito praticos e entendidos que pensam comigo da mesma fórma.

Um systema de colonisação igual ao que o governo quer adoptar foi praticado pela Russia com algumas modificações, como consta dos escriptos do Sr. Tegoborski; mas qual foi o resultado? Abandona-lo dentro em pouco tempo como impraticavel e infructifero, adoptando outro meio que lhe tem trazido grandes resultados.

Primeiramente observo, senhores, que o nosso plano de colonisação funda-se em procurar colonos em massa na Europa, homens e familias, sem se indagar da moralidade, da conducta desses homens ou dessas familias...

O Sr. Ministro do Imperio: — Não são essas as intenções do governo, affirmo-lhe isso.

O Sr. Brandão: — Se não são essas as intenções do governo, bem....

O Sr. Ministro do Imperio: — O mesmo relatorio diz o contrario.

O Sr. Brandão: — .... mas eu direi sempre que nem assim me parece realisavel o systema de colonisação que se projecta. O nobre ministro sabe os embaraços com que elle proprio e seus antecessores tem lutado para promover a colonisação; eu pois entendo que esses embaraços não serão removidos pelos meios que se quer adoptar, e creio mesmo que o systema da venda de terras será um embaraço constante.

S. Exc. deve necessariamente ter sabido do que se tem passado com a colonia do Sr. principe de Jouville, e com essa casa ou sociedade de Hamburgo que comprou a Sua Alteza uma porção de terras para promover a colonisaçao; deve ter presente que essa casa ou sociedade tinha no nosso paiz o credito de muito rica: qual porem tem sido o resultado de semelhante empresa? Pagou ella por ventura ao principe a importancia da compra que lhe fez? Não, e agora o que pretende? Nada menos do que 200:000$ do governo brasileiro, e ainda com esses 200:000$ quem sabe se ella poderá satisfazer aos empenhos que tem contrahido?!!

Portanto o systema da compra e venda de terras para promover á colonisação me parece que servirá de embaraço permanente a realisação desse pensamento, sendo que ainda insisto em considerar o systema russo como preferivel. Na Russia o governo premeia, dando porções determinadas de terrenos aos grandes e pequenos agricultores que se tem distinguido pelo maior desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas culturas, e esses homens tratam de fazer povoar e cultivar os seus novos predios por colonos mandados buscar no estrangeiro, ou por nacionaes contractados ou associados no interior.

Eis como o governo da Russia tem conseguido cultivar a alta e baixa Bessarabia, paiz inteiramente ingrato, e que parecia não se prestar de modo algum ao menor melhoramento. Quando o grande ou pequeno agricultor brasileiro, depois de ter esgotado as forças productivas do terreno que possue, souber que o governo em recompensa de seus grandes esforços o ha de premiar, accrescentando o seu patrimonio territorial, sem duvida redobrará de actividade, e empregará com gosto todos os seus esforços para chamar ás suas terras braços estrangeiros ou nacionaes, que o aiudem a explorar as riquezas que ellas contém: isto entendo eu. mas mandar vir colonos ou promover a emigração por meio de venda das terras me parece que pelo menos nas circumstancias actuaes não produzira effeito algum. O colono estrangeiro quer vir de sua terra com todos os commodos; parece que faz muito grande favor ao Brasil em vir habita-lo, por isso quer que se lhe pague a vontade, que se lhe dê passagem, que se lhe dê terras, e tudo o mais de que possa carecer.

Creio que o nobre ministro está intimamente convencido de que os grandes entraves que se tem suscitado ao governo do Brasil relativamente á colonisação hão dado este resultado, isto he, ha reluctancia quasi tenaz da parte dos individuos que poderiam vir como colonos, reluctancia que torna necessario fazer com que se lhes compre a vontade. Neste caso não haverá dinheiro no Brasil que chegue para comprar a vontade desses colonos estrangeiros. Torno a lembrar que fallo da colonisação em grande escala, porque sei muito bem que não obstante todos estes embaraços podem vir 100 colonos para aqui, 50 para acolá, etc., etc.

Demais, eu entendo que a colonisação deve ter como accessorio indispensavel uma providencia que ainda não foi lembrada, e sem a qual ella de nada absolutamente servirá entre nós. Eu vi na provincia de Pernambuco um facto singular. Havia uma colonia denominada do Catucá; foi ella estabelecida com bons auspicios, e creio que o governo concorreu com todos os meios para constitui-la; mas sabe o nobre ministro o que aconteceu? Todos os colonos abandonaram a colonia depois de terem estragado uma porção de matas, queimando-as para fazer carvão, e foram estabelecer-se no Recifa como commerciantes!

He isto um facto verdadeiro, e eu posso apontar alguns desses colonos pelos seus nomes que estão feitos negociantes. Ora, colonisação desta maneira he melhor não a termos. Os colonos affluirão immediatamente para as nossas praças de commercio, entendendo, e com muita razão, que sahir a vender a retalho pelas ruas, ganhando 5$ ou 6$ por dia, he muito melhor negocio do que estar nos matos.

Uma Voz: — He por isso que o systema da venda das terras he melhor

O Sr. Brandão: —O dinheiro da Europa he muito difficil vir para o Brasil, fique V. Exc. certo disto, para se empregar na compra de terras; o nosso dinheiro sim he que todo vôa para lá...

Uma Voz: — Não vê o que acontece nos Estados-Unidos?

O Sr. Brandão: — Não argumentemos com os Estados-Unidos; alli as circumstancias são inteiramente diversas: he preciso que os nobres deputados se convençam que os colonos procuram os Estados-Unidos por motivos que não se dão em relação ao Brasil.

Quero ver a execução da lei das terras, quero ver o seu resultado, quero ver colonisação sem uma medida que acautele o mal que acabo de apontar, parecer; sou nesta parte como S. Thomé. Tenho o persuasão de que o systema adoptado não produzirá effeito algum. O governo portuguez colonisou o Brasil pelo systema antigo, e o colonisou muito bem.

O Sr. Octaviano: — Colonisou-o obrigando os seus subditos a virem para o Brasil; mas nós não podemos obrigar os estrangeiros a virem ao nosso paiz

O Sr. Brandão: — Esta enganado; outros foram os meios; tambem a Austria e a Russia tem conseguido resultados admiraveis por outros methodos que reputo preferiveis ao que se quer adoptar, como já fiz ver; no entanto em bem do meu paiz desejo vivamente que os esforços do nobre ministro sejam coroados com resultados satisfactorios.

O Sr. Barbosa da Cunha: — Mas as colonias da Russia foram estabelecidas por um modo differente daquelle que o nobre deputado diz.

O Sr. Brandão: — Seria bom que provasse isso.

Sr. presidente, a hora está dada e eu não devo mais fatigar a camara; tenho feito no meu discurso diversos pedidos ao nobre ministro do imperio, porque entendo que S. Exc., animado como se acha do nobre desejo de fazer realçar o seu nome, e de concorrer para a grandeza e prosperidade do Brasil, os não desdenhará. Assim pois, concluo, declarando que me considerarei feliz se no interesse da nação forem pelo nobre ministro acolhidas as observações que acabo de apresentar-lhe. (*Muito bem.*)

Discursos pronunciados pelos Srs. Pinto de Campos e ministro da justiça na sessão de 12 do corrente, por occasião da discussão do orçamento.

O Sr. Pinto de Campos: — A camara tem ouvido nestes ultimos dias vozes mui eloquentes em favor da educação popular em diversos ramos da industria humana; mas não tendo ouvido uma só voz em favor daquella educação que mais se liga com os destinos da humanidade, eu aproveito a occasião para aventurar algumas observações em favor dessa educação por excellencia, cujo desenvolvimento constitue o caracter de um povo civilisado e christão (*apoiados*); eu fallo, Sr. presidente, da educação religiosa.

Senhores! esse assumpto he de uma importancia infinita; he uma das primeiras necessidades da epoca em que vivemos, ou, como se explicava um dos mais profundos philosophos do seculo XVII, he o unico segredo da reforma do mundo (*apoiados*); porquanto, os sentimentos e idéas que se bebem nos primeiros dias da infancia são de tal força e consistencia, que jámais se extinguem no santuario da alma, e ordinariamente constituem as opiniões e costumes do homem em todo o resto de sua vida; porque o homem, como diz o Espirito Santo, segue sempre na velhice aquelle caminho que encetou na mocidade.

Todo o governo que comprehender fielmente o designio divino da civilisação, e que pelo longo traquejo dos negocios houver adquirido a fé do segredo impenetravel das cousas humanas, ha de reconhecer infallivelmente o imperio das primeiras impressões no coração do homem social; ha de, emfim, reconhecer a necessidade de promover a educação em seus diversos desenvolvimentos no seio das classes populares.

Quem, Sr. presidente, houver compulsado a historia do mundo, e com especialidade a da França, não poderá deixar de concordar comigo neste ponto. V. Exc. e a camara sabem melhor do que eu, que os sophistas do ultimo seculo, quando emprehenderam a renovação ou destruição da sociedade, o seu primeiro cuidado foi atacar o edificio religioso, e apoderar-se da educação; porque só por esse meio elles poderiam levar avante seus perversos designios, transtornando no coração da juventude todas as noções do justo e do honesto; mas se nós contemplamos a França nesse estado de desolação social, entregue aos furores da impiedade em delirio, porque não havemos de imitar esta mesma França em sua gloriosa reacção, quando repara vantajosamente todos os estragos do atheismo, invocando e restabelecendo por toda a parte o ensino religioso? Desta França, que parece destinada pela Providencia, para conduzir o estandarte da civilisação na vanguarda dos outros povos; bem convencida de que só pela restauração das crenças religiosas o povo francez reivindicaria seus foros ante o congresso das nações cultas!

Senhores, ufane-se muito embora qualquer povo da sabedoria de suas leis, dos inventos de sua florescente industria, da extensão e prosperidade de seu commercio; mas se lhe falta o poderoso apanagio da educação christãa, ou se elle não conta com outra moral senão aquella que se acha escripta nas paginas de seus codigos, marchará de velas cheias para sua ruina completa, e os estrondosos nomes de civilisação e progresso com que se procura lisonjear a sua louca vaidade, não serão mais do que o sudario melancolico em que se pretende envolver o cancro que devora e consome; esse povo emfim, não será mais do que um esqueleto com uma capa de purpura, na phrase de um moderno. São por certo mui dignos de louvor os esforços do governo em reprimir a torrente de males que affligem a sociedade; mas sempre lembrarei que sem costumes, que são a obra prima da educação religiosa, a mais bella legislação se converterá n'uma grande mentira; porque, Sr. presidente, não he o apparato das formulas que modifica os instinctos da perversidade; só a religião esclarece o homem na pratica de seus deveres; he só nas fontes puras do christianismo que se aprende a conhecer a razão do poder e das obrigações, derivando-a da vontade do supremo legislador e da ordem immutavel por elle estabelecida, sem a qual jamais se poderia conceber o dogma sublime da obediencia do homem ao homem. Esta origem divina do laço que prende e une as sociedades humanas não escapou ao senso moral dos povos e legisladores da antiguidade pagã; mas era necessario que a revelação viesse sanciona-la de modo mais explicito e solemne.

Mal de um paiz, Sr. presidente, onde a juventude não fosse preparada e fortalecida pelo balsamo da fé e dos costumes! Ella seria agitada a cada momento, como a debil canna no deserto pelo sopro impetuoso de doutrinas aventureiras e ante-sociaes, seria fascinado pelos encantos de uma liberdade seductora, dessa liberdade que, por mal combinada com os principios do christianismo, seu verdadeiro alliado, tem feito mais victimas que proselytos. E que outro poder senão o da moral será capaz de reprimir, a licença de impor silencio ás encapelladas ondas da anarchia, de extinguir os odios e as rivalidades, e de fazer que todos os annos se colliguem em um só systema de amor e de interesse pelo bem publico?

Senhores, um estado póde passar mui bem sem academias e univerdades; mas sem religião, sem moral e sem costumes puros, não poderá permanecer. A sociedade vive de deveres, a suprema lei dos deveres he a religião, logo sem religião não ha sociedade possivel. Mas falla-se na necessidade de cursos de agricultura; e, louvando os bons desejos daquelles que a reclamam, dir-lhes-hei que os nossos primeiros pais, ao menos que me conste, não estudaram em cursos scientificos a maneira de cultivar a terra (*risadas*); porém nem por isto deixaram de colher sempre fructos abundantes; e porque? porque criam sinceramente em Deos; praticavam á risca a sua lei e preceitos; e se a geração moderna seguir esses mesmos dictames, ha de tornar a terra obediente e docil á sua voz. Cuidemos, pois, em primeiro lugar, em diffundir no seio da população os principios do christianismo; e he para este ponto importante que eu chamo a attenção do actual governo, que aliás tem dado provas de querer o bem do paiz; sei mesmo que o governo medita reformas uteis, no sentido de melhorar a sorte do clero, sem cuja intervenção não poderá conseguir realisar um bom systema de educação; rogarei, portanto, ao mesmo governo, e com especialidade ao nobre ministro da justiça, que, dando expansão ao seu reconhecido zelo pelo brilho do culto religioso, não consinta que esses projectos de reforma fiquem occultos na escura noite dos tempos. Um clero pobre, sem a educação necessaria, envolto no vilipendio e na decadencia, antes não existir, porque deste modo se achará inhabilitado de realisar os beneficios que podia prestar ao estado. Observarei ao nobre ministro, que os funccionarios ecclesiasticos estão muito mal pagos; a sua independencia vive compromettida no exercicio de seus sagrados deveres. A congrua dos cabidos, dos vigarios e dos coadjuctores he diminutissima; não honra mesmo nem á religião nem aos poderes publicos; e quando todos os empregados das repartições civis, teem tido augmentos consideraveis em seus ordenados, desde os chefes até o ultimo dos empregados, he doloroso que a congrua dos funccionarios ecclesiasticos esteja como que estacionaria; e quem sabe se assim senão conservará até á consummação dos seculos! Reclamo, pois, as vistas patrioticas do nobre ministro, para este ponto importantissimo.

O Sr. Taques: — Apoiado.

O Sr. Pinto de Campos: — Invoco tambem o auxilio de S. Exc. na fundação de um pequeno seminario em Pernambuco á maneira do da Bahia e de Minas-Geraes. Os pequenos seminarios teem sido os *viveiros* donde a França tem tirado o seu clero, segundo um escriptor ecclesiastico daquelle paiz; cumpre pois que esse bello instituto se estabeleça tambem no Brasil, onde a educação do clero tem sido a mais incompleta e irregular.

Senhores, as leis solemnes que a igreja tem sanccionado para instituir os pequenos seminarios, as regras que ha estabelecido sobre este objecto, o facto mesmo de sua existencia, desde os primeiros seculos do christianismo, provam invencivelmente a necessidade desses estabelecimentos. Devo accrescentar que os homens de estado mais eminentes da Europa civilisada hão reconhecido a sua necessidade, necessidade que he mesmo fundada na natureza das cousas. Todos sabem quanto he conveniente formar os jovens aspirantes ao sacerdocio nos habitos ecclesiasticos; preserva-los, desde a sua primeira idade, dos perigos do mundo e do escandalo dos costumes publicos; estudar nelles o germen de vocação que por ventura Deos lhes infundira, e imbui-los finalmente nos estudos proprios das funcções que um dia devem exercer na sociedade.

Já nos primeiros seculos da igreja floresciam as escolas clericaes na Alexandria, na Hiponia, em Roma e em todos os paizes catholicos. S. Leão-o-Grande parecia suppor taes estabelecimentos quando ordenava aos bispos d'Africa que não admittissem ao sacerdocio senão aquelles que houvessem passado a sua mocidade nos exercicios divinos e no traquejo de todas as disciplinas ecclesiasticas. Depois das perturbações dos seculos primitivos, diz o sabio Benedicto XIV, emprehendeu-se erigir os seminarios episcopaes em que, sob as vistas immediatas dos bispos, deviam ser educados os jovens clerigos até que chegassem á idade de receber as ordens sacras. Esta mesma doutrina he consagrada no canon 55 do concilio de Nicéa, se bem me recordo.

Nós ordenamos, diz o concilio de Toledo. que os meninos destinados a clericatura sejam educados na casa da igreja; e o concilio de Vaison foi ainda mais longe, quando ordenou que a casa de cada padre fosse um pequeno seminario de educação para os aspirantes ao sacerdocio, e attestava que era esse o costume geral na Italia. O sexto concilio de Paris tambem legislou neste sentido, e o immortal concilio de Trento foi então o mais terminante e explicito a este respeito.

Chamo tambem a attenção da camara para um periodo da luminosa incíclyca que o chefe supremo do episcopado catholico, o actual successor de S. Pedro, dirigio a todos os bispos da Europa: « Veneraveis irmãos, diz o santo padre, continuai a desenvolver toda a vossa actividade e toda a energia de vosso zelo pastoral em favor da educação dos jovens clerigos; fazei que por vossos cuidados elles bebam desde a mais tenra idade, o gosto de uma piedade feliz; que sejam iniciados nos estudos das lettras e na pratica das santas disciplinas. Augmentai quando puderdes o numero de suas instituições piedosas, collocando á frente dellas directores e mestres zelosos e sabios, que preservem do contagio do erro a mimosa porção que lhes he confiada. »

E para que, Sr. presidente, se não diga que eu só me prevaleço do testemunho de autores ecclesiasticos pedirei de novo a camara que ouça o que dizia um antigo ministro de instrucção publica da França, devendo observar que esse ministro he protestante, he o Sr. Guizot: « Em outras epocas, quando as crenças religiosas eram mais geraes e mui poderosas; quando as razões mundanas que convidam a entrar na carreira ecclesiastica eram tambem poderosas; quando essa carreira abria caminho á fortuna, ao poder, as honras, comprehendo perfeitamente que se não tivesse necessidade de escolas ecclesiasticas preparatorias; comprehendo perfeitamente que o clero fosse tirado das escolas publicas, da educação com-

MUTILADO

ILEGÍVEL

mum, e então sob taes condições sociaes, fosse muito melhor não só para a sociedade como para o mesmo clero, que as escolas publicas fossem as suas escolas preparatorias, e que Bossuet fosse educado ao lado do grande Condé: sim, isto comprehendo eu maravilhosamente, ainda o repito; mas comprehendo em um estado de sociedade em que as crenças religiosas eram mui geraes e poderosas; em que finalmente essa carreira era brilhante, e attrahia um grande numero de aspirantes. Mas hoje, senhores, notai bem, as circumstancias são diversas: de um lado, o imperio das crenças religiosas se tem prodigiosamente enfraquecido; de outro lado, os motivos de fortuna e de poder que outr'ora attrahiam os espiritos á carreira ecclesiastica, não existem mais; de sorte que nem as considerações moraes, nem as considerações mundanas se encontram mais na sociedade. No entanto, senhores, o imperio das crenças religiosas não he menos necessario hoje que em outros tempos; não hesitarei mesmo em dizer que elle he mais necessario hoje que nunca; necessario para restabelecer não somente na sociedade, como no fundo dos espiritos, a ordem e a paz, tão profundamente abaladas. »

Eis-aqui, senhores, como se exprimia o grande publicista da Europa; o quadro que elle fazia da França he quasi semelhante ao nosso estado actual, como o Sr. Guizot, pensava M. Girardin em 1837: « O estado não póde prescindir da educação do clero, dizia elle, porque não póde prescindir dos padres. » No entanto parece que no Brasil se prescinde delles mui optimamente! (*Não apoiados.*)

Concluirei este periodo com as palavras de M. Thiers em 1844: « Comprehende-se facilmente que uma funcção tão especial na sociedade, como a do sacerdote, exige uma educação tambem especial; para esse fim se instituiram os pequenos seminarios, de cujo instituto tem a França colhido os maiores beneficios. »

Agora, Sr. presidente, chamarei ainda a attenção do nobre ministro para outro ponto não menos importante. Espero que S. Ex. e a camara continuarão a honrar-me com a sua benevolencia.

Manifestando o governo imperial aos mais ardentes desejos de promover a moralidade do clero, talvez não tenha ainda reflectido que na apresentação dos beneficios ecclesiasticos elle póde obter um dos meios mais efficazes para realisar a reforma que pretende.

Infelizmente, Sr. presidente, o concurso aos beneficios ecclesiasticos se ha convertido em um vasto campo de batalha, onde os concurrentes, com o triste cortejo da simonia, da fraude e da calumnia, de que muitas vezes he orgão a imprensa periodica, debatem-se mortalmente, repercutindo os seus golpes na pessoa do proprio prelado. Ora, se o governo imperial, despredendo-se da importunidade dos empenhos, tivesse mais confiança no juizo e criterio do prelado diocesano, que se presume, no sentir de S. Thomaz, o mais conhecedor que ninguem do merecimento e habilitações dos candidatos, e o mais interessado na escolha de seus cooperadores; ou se na occurrencia de qualquer duvida ou accusações contra o primeiro proposto se dignasse de ouvir novamente o mesmo prelado ácerca de taes emergencias, creio que daria assim mais força e consideração ao episcopado, e se diminuiriam em grande parte esses manejos indignos a que muitos recorrem para sorprender ou illaquear a boa fé do governo, preterindo-se o mais digno em favor do segundo ou terceiro, que, não raro, ainda mesmo antes de entrar na proposta, escudado talvez na protecção de algum presidente ou de qualquer outra potestade indifferente ao bom ou máo governo da igreja, já blasona publicamente que ha de ser escolhido, e que o unico favor que o bispo lhe póde fazer he inclui-lo na lista triplice: tal he a confiança que deposita nos milagres da protecção!

Senhores, eu estou muito convencido de que o soberano padroeiro póde indubitavelmente, quanto ao fôra externo, apresentar qualquer dos propostos; não lhe contesto esse direito; mas me parece a mim que no foro da consciencia elle deva escolher o mais digno; e o mais digno sempre se deve suppor o que vai proposto em primeiro lugar, salvo alguns casos extraordinarios em que o mesmo governo, depois de ulteriores e imparciaes informações, como já ponderei, póde certificar-se de que houve engano da parte do prelado. Por conseguinte, Sr presidente, eu farei votos de hoje em diante para que este negocio tenha outra marcha, evitando-se assim que os prelados fiquem expostos ao ludibrio de seus subordinados, perdendo aquella força moral que he tão necessaria a quem governa. (*Apoiado.*)

Em summa, sendo os beneficios ecclesiasticos no Brasil o unico meio de subsistencia do clero, e portanto o principal objecto de sua ambição, toda e qualquer medida que, segundo o espirito dos canones for adoptada no sentido de affastar-se quer da proposta dos bispos (que nem sempre tambem acertam), quer da apresentação do governo, os candidatos menos dignos, será a mais saudavel e opportuna, porque sómente assim se pora termo a esse deploravel patronato, antes simonia de empenhos, que um dos concilios de Milão, celebrado por S. Carlos Borromeu, mandava punir com inhabilidade para os beneficios por tempo de dous annos, e que segundo os oraculos do Evangelho, os faz subir pela janella em vez de entrarem pela porta.

Resumindo pois, Sr. presidente, tudo quanto hei expendido, dobrarei as minhas supplicas para com o nobre ministro da justiça, pedindo lhe mui cordialmente que se digne de considerar estas minhas toscas observações, attendendo mais que tudo a sorte do clero brasileiro: S. Ex., que tantos louros tem colhido por sua boa administração (*apoiados*), não deixará de unir mais um florão á sua brilhante corôa civica, promovendo o melhoramento da pobre classe sacerdotal, que não se esquecerá em seus sacrificios de rezar sempre uma *Ave-Maria* pelos futuros destinos do nobre ministro. (*Hilaridade.*)

Vozes: — Muito bem.

O Sr. Nabuco (ministro da justiça): — Sr. presidente, agradecendo profundamente as expressões com que o nobre deputado que acaba de fallar me honrou, não posso deixar de ter na maior consideração as observações que elle fez a respeito do orçamento dos negocios da justiça: entendo todavia que não póde passar desapercebida uma proposição que o nobre deputado aventurou quando concluio o seu discurso. Segundo o nobre deputado, a corôa deve escolher sempre o individuo que em primeiro lugar for proposto pelo poder ecclesiastico; assim, senhores, o direito de apresentação que compete a corôa ficara nullificado........ (*Apoiados.*)

O Sr. Pinto de Campos: — Não tive em vista semelhante principio.

O Sr. Ministro da justiça: — Senhores, o governo considera igualmente dignos a todos aquelles que são propostos pelo poder ecclesiastico (*apoiados*), e portanto escolhendo o governo o segundo ou o terceiro, não menoscaba em nada o direito do prelado, porque elle não propõe senão os mais dignos (*apoiados*), porque só os mais dignos deve elle propor, conforme o Concilio de Trento, que rege esta materia.

O nobre deputado abundou, e abundou eloquentemente, sobre a necessidade da educação do clero; o governo reconhece essa necessidade, e eu o disse no relatorio; tenho mesmo como certo que hoje, para assim dizer, he mais sentida a necessidade da educação do clero que da illustração; a palavra nada vale no animo do povo sem o exemplo; he só quando a palavra he confirmada pelo exemplo que o clero póde adquirir prestigio e ser ouvido (*apoiados*); assim que uns missionarios capuchinhos valem tudo, por exemplo, gozam de grande prestigio, e elles não são mais illustrados que os nossos padres.

O pequeno seminario da Bahia, que o nobre deputado quer que se institua em Pernambuco, não me parece alli necessario, porque no seminario de Pernambuco existem as mesmas, se não mais cadeiras do que existem nos seminarios grande e pequeno da Bahia; e portanto os desejos do nobre deputado a esse respeito estão satisfeitos.

Para animar a vocação do clero, e torna-la desejada, eu disse no meu relatorio que era preciso dar-lhe lustre e interesses, cerca-la de honras e de vantagens; no senado pende um projecto que nesta augusta camara passou, creando duas faculdades de theologia. Esta medida deve concorrer muito para o realce e emulação do clero. Reconheço tambem como o nobre deputado que são mesquinhos as congruas dos beneficios ecclesiasticos; quanto aos conegos dos cabidos do imperio, entendo que por agora convem que sejam igualadas as suas congruas ás que vencem os conegos da Sé do Maranhão e S. Paulo; quanto aos parochos, o nosso estado financeiro não permitte que nesta sessão sejam elevadas as suas congruas, as quaes alias devem ser fixadas em um projecto proprio, e não na lei do orçamento. Assim me parece ter satisfeito ao nobre deputado por Pernambuco.

PERNAMBUCO.

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 7 de julho.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que, das partes hoje recebidas nesta repartição, consta terem sido presos: á minha ordem, o pardo Candido, escravo do major da guarda nacional Americo Jansen Telles da Silva Lobo Junior, para averiguações policiaes; a ordem do subdelegado da freguezia de S. Antonio, o preto Alexandre, escravo de Antonio Gonçalves Ferreira, por andar fugido, e a preta Josepha Maria, por acoutar escravos em sua casa; e á ordem do subdelegado da freguezia de S. José, Caetano de Souza Monteiro, por briga.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 7 de julho de 1854.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—*Luiz Carlos de Paiva Teixeira*, chefe de policia da provincia.

Balanço da receita e despeza da obra do hospital Pedro II, verificado de maio de 1849, a 30 de junho de 1854.

Receita.

Recebi da thesouraria provincial, importancia das quotas votadas pelas leis de orçamentos, desde 23 de maio de 1849, até 22 de maio de 1854. . . .	69:000$000
Do barão de Beberibe, importancia do saldo da subscripção promovida na côrte, em beneficio das viuvas e filhos dos que morreram nesta cidade em defeza da ordem; cujo saldo segundo o parecer da commissão que promoveu a referida subscripção, e ordens da presidencia foi applicado para a construcção do referido hospital	8:080$000
De José Carneiro da Cunha, importancia da renda da olaria por elle occupada	510$500
De Antonio Carneiro da Cunha, importe da esmola por elle dada para a predita obra.	10$000
Do fiscal das carnes verdes, importancia de multas correspondentes a 1346 rezes na forma do respectivo contrato.	13:056$200
	90:686$700

Despeza.

Dispendido com a compra de um terreno e uma olaria, que tem de ser demolida, por passar por ella o hospital Pedro II.		3:200$800
Idem com a cantaria vinda de Lisboa para o portico do mesmo.		2:516$180
Idem idem de 1,169:794 tijolos de alvenaria etc.		18:598$942
Idem idem de 12:497 telhas . . .		375$142
Idem idem de 261 palmos de telhões a 500 rs.		130$500
Idem idem de 221 canôas de cal com 31:925 alqueires. . . .		9:499$370
Idem idem de 7:745 canôas da areia.		8:772$360
Idem idem de madeiras.		4:639$406
Idem idem de soleiras e cordões de pedra.		757$940
Idem com o pagamento de jornaes aos obreiros e serventes.		34:126$261
Idem de despezas diversas. . . .		1:684$115
		84:301$016
Por saldo em caixa a saber:		
Recibos por adiantamento para materiaes	1:360$000	
Dinheiro.	5:025$684	
		6:385$684
		90:686$700

OBSERVAÇO'ES.

Nos 84:301$016 rs., em que importou a despeza, está incluida a quantia de 1:235$080, que se dispendeu com a factura de quartos para loucos no hospital de caridade, segundo as ordens da presidencia; pelo que deduzindo-se esta daquella quantia, fica a despeza sendo de 83:063$936 rs.

Os tijolos empregados na obra do hospital Pedro II, custaram pelo termo medio, a 15$899 rs. o milheiro, a telha a 30$017, a cal a 295 o alqueire e a areia a 1$132 rs. a canôa.

Administração geral dos estabelecimentos de caridade 6 de julho de 1854.

O escrivão, *Antonio José Gomes do Correio.* — O thesoureiro, *José Pires Ferreira.*

Producto das multas impostas a diversas pessoas por infracções do regulamento das capitanias, durante o trimestre findo no ultimo de junho proximo passado.

A saber:

Abril	62$000
Maio	62$000
Junho	36$000
Somma rs. . . .	160$000

Producto dos sellos provenientes dos documentos dados pela capitania do porto, no trimestre findo no ultimo de junho proximo passado.

A saber:

Abril	138$610
Maio	98$050
Junho	80$160
Somma rs. . . .	316$820

Resumo do que se fez no trimestre em junho findo relativamente as obras do melhoramento do porto.

Dique da ilha do Nogueira.

Fizeram-se 61 braças de estacada, sendo 41 entaboadas, e 14,800 palmos cubicos de muralha secca, ou 32 braças correntes de base na altura de tres palmos.

Caes do norte.

Fizeram-se 34 braças de estacada, das quaes 20 entaboaram-se, e 15,423 palmos cubicos de muralha de alvenaria e cantaria, ou 13 braças correntes de cáes completo.

Caldeira do norte.

Fizeram-se 14 braças de estacada entaboadas, e 5,515 palmos cubicos de muralha de alvenaria, ou 4 braças correntes de cáes completo.

Arrecifes.

Fizeram-se 3,645 palmos cubicos de muralha de alvenaria argamassada de cemento, ou 13 braças correntes da parte exterior da mesma muralha.

Escavação.

Continuou-se a escavar o canal ao sul do ancoradouro da descarga, tirando-se 11,448 toneladas de areia para aterros, e 368 ditas para lastro de navios.

Empregaram-se nestas obras 150 a 200 operarios.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco 7 de julho de 1854. — O secretario, *Rodrigues.*

COMMUNICADOS.

CARIDADE EVANGELICA DE UM PASTOR.

Não sendo os cultos entre nós os multiplices actos de philantropia e caridade praticados pelo Exm. Sr. bispo D. João da Purificação Marques Perdigão, desde que a providencia de um Deos omnisciente approuve chama-lo para apascentar as ovelhas do aprisco pernambucano; não obstante a convicção de que todos se acham possuidos de sua veracidade, convem todavia que acções tão beneficas não sejam sepultadas em um completo olvido, privando-se destarte a posteridade do conhecimento de actos grandiosos que são superiores a todo o elogio.

O nosso digno antistete dotado de um coração piedoso, de um natural complacente e benevolo, não pode resistir ao desempenho daquelles feitos heroicos proprios de sua indole. Não entramos aqui na analyse de muitos actos philantropicos que o virtuoso prelado tem, e ainda sóe prodigalisar aos seus diocesanos, o com mais fervor e zelo para com o culto divino; o nosso anhelo he somente memorar, sem offender levemente a modestia de S. Exc. Rvm. a maneira bondadosa, o modo caricioso porque este piedoso pastor soube consolar aquellas ovelhas que, vexadas pelos flagellos de uma innundação terrivel, e vendo o imminente perigo que ella lhes ameaçava, corriam ao seu asylo, e imploravam a munificencia pastoral.

D'effeito, quando S. Exc. Rvm. se achava, em virtude de seus padecimentos phisicos, fruindo o ar campestre (lugar do Caldeireiro) quando elle procurava o silencio, e repouso para mitigar as fadigas da ardua tarefa do seu alto ministerio; he nessa mesma occasião que com a mais pungente dor escutava, nos nefastos dias 22 e 23 do sempre lembrado junho, a voz afflicta, soluços incessantes, e carpidos dolorosos de um povo que promiscuamente fugia aterrado, porque engrossando-se o rio pelas copiosas chuvas, transpunha suas bordas, e alagava todo o terreno da circumvizinhança do Poço da Panella e Casa-Forte; sendo maior o susto e pavor quando via que sibilando o vento, seus furacões horriveis desabavam edificios, arrasavam as suas casas e humildes choças.

He nesse ensejo tão urgente que a caridade evangelica de um verdadeiro pastor, sobresahe com toda energia. O nosso virtuoso diocesano patenteia sobremaneira o amor, compaixão e docilidade que tanto o caracterisam.

As portas da casa de sua residencia immediatamente se franqueiam para recolher aquelles infelizes, que viam o seu todo destruido e levado pelas furiosas correntes do Capibaribe; seus braços se abrem, sua mão se estende, sua vontade se augmenta, seu desejo se inflama e sua caridade penetra de prompto aos consternados. A todos consola e a todos ministra as necessarias provisões, chegando a ser o numero de 52 pessoas desvalidas que se achavam acolhidas, e mantidas as expensas daquelle tão benevolo e caridoso pastor; além dos soccorros pecuniarios que liberalmente prodigalisou a muitas pessoas daquelles ararbaldes; sendo que durante essa dolorosa conjunctura, nenhuma dellas conheceu falta de hospitalidade e nutrição. Rasgo sem duvida de um coração bem formado!! Pode-se, sem receio, dizer que S. Exc. Rvm. foi o santelmo daquelle povo que gemia sob o peso de sua extrema mizeria. Mil louvores sejam dados ao venerando Antistete Pernambucano que solicito como he, ha sempre procurado o remedio e alivio para os seus diocesanos, e ainda com mais efficacia promovido o esplendor do culto divino, como recentemente acaba de dar exhuberantes provas de dedicação e zelo aos negocios do seu episcopado. Se elle conhece a carencia de meios para continuar-se a capella do cemiterio publico, espontaneamente offerece a quantia de 1:000$ a beneficio da mesma. Este rasgo de heroicidade he justamente uma resalva para a irmandade do apostolo S. Pedro, e porquanto não podendo ella, pelas despezas extraordinarias que pezavam sobre seus cofres, já da compra de terreno, e já na edificação de catacumbas naquelle recinto mortuario, dispender quantia alguma para coadjuvação daquella capella, vio, na bondade do seu provedor e chefe do clero, o Exm. diocesano satisfeitas suas intenções, e correspondidos os desejos do Exm. Sr. presidente da provincia, com a oferta que elle liberalmente fez. Se a freguezia de S. José reclama, e he de uma necessidade palpitante a inauguração de um templo que sirva para sua matriz; o piedoso prelado não se demora na compra de um sufficiente terreno, e delle faz doação para tão justo fim; além de outras avultadas sommas que tem incessantemente applicado para seu progresso e adiantamento.

Deixamos de tocar em muitas outras acções heroicas, actos de beneficencia e caridade com que este verdadeiro pastor se ha sempre distinguido e dado as mais vivas demonstrações de amor aos seus diocesanos, dedicação e aferro ao seu alto ministerio. Aquelles predicados que o apostolo das gentes aconselha serem indispensaveis ao caracter episcopal como se evidencia da eloquente epistola dirigida ao seu discipulo Titum; quando diz que a um bispo convirá ser isento de toda a accusação como dispenseiro dos thesouros de Deos, que não sejo soberbo, irascivel, percussor, nem ambicioso... *oportet enim episcopum sine crimine esse, sicut Dei dispensatorem, non superbum, non iracundum*....mas sim ser hospitaleiro, affavel, sobrio, justo...; sed hospitalem, benignum, sobrium, justum.... estes attributos que formam por certo, a dignidade episcopal, vimos brilhar (não diremos plenamente, porque só Deos possue toda perfeição; porém quanto he necessario apreciar) no aspecto de S. Exc. Rvm., e com mais fulgor em seus actos. Seu coração bemfazejo a toda a prova, seu genio hospitaleiro, suas intenções sempre propensas ao bem e ao justo; sua rectidão e caridade, tudo constitue o padrão glorioso de um pastor carinhoso de um prelado imminente. Louvores e encomios, ainda repetimos, sejam dados ao venerando e virtuoso bispo de Pernambuco, que sempre tem dado as mais irrefragaveis provas de zelo, solicitude e amor para com os seus diocesanos e a cuja egide, elles tem sempre encontrado refrigerio e consolação. O supremo pai das misericordias queira (nós o supplicamos) espargir sobre tão caridoso pastor, suas bençãos, e conservar-lhe os seus preciosos dias para bem da diocese que lhe fora confiada, e para abrigo da grey que tão cordial e amorosamente apascenta.—*M. C.*

CARTA III DO AMIGO JULIO AO AMIGO JULIANO.

SUMMARIO.—*A cheia—A ponte do Recife—A cheia dos beneficios—A questão do patacho Arrogante—Uma heroina turca—Mr. Jacques Arago—Um processo entre Alexandre Dumas e a viuva Balzac—A. Dumas e um artista recrutado—Os romances a vapor de Mr. A. Dumas—*

Recife 7 de julho de 1854.

Amigo Juliano.—He muito natural que principie esta carta fallando-te do acontecimento que tanta impressão tem causado nesta cidade, e que ainda he o assumpto de todas as conversações—a *cheia*—

Quando em 22 do passado, eu te descrevia o estado actual do pobre povo de Sinope, mal pensava que em pouco, uma parte da nossa população ficaria tambem sem abrigo, soffrendo, não os estragos da guerra, mas sim as consequencias irremediaveis d'uma innundação!

Julgo desnecessario narrar-te as circumstancias desta catastrophe, pois os jornaes ja se teem occupado com isso. Apenas direi que não me consta que custasse a vida a muitas pessoas nos arrabaldes desta cidade.

Conta-se que uma criancinha que dormia tranquillamente no seu berço, foi sorprendida pelo Capibaribe, e, qual outro Moises nas aguas do Nilo, boiou no rio por grande distancia até que o seu barco improvisado encalhou junto á ponte da Boa-Vista, onde foi apanhada e depositada na casa dos expostos, d'onde, segundo dizem, seus afflictos pais já a foram tirar.—Não affianço a veracidade deste facto, que me parece um pouco *biblico*.

A cheia causou bastante estrago na ponte do Recife—Esta ponte já ha muitos annos que padece de uma enfermidade chronica que cada dia se vai agravando mais. « *Senectus est morbus* » (a velhice he doença), diz a arte latina, e a doença da nossa ponte he ser muito velha, e quem se acha no ultimo quartel da vida, não está disposto a *aguentar repuchos*. Portanto, no dia 23 do passado, quando a agua corria com mais força, a ponte teve um *ataque apoplectico* que ameaçou ser mortal, e a policia por cautela prohibio totalmente a passagem entre o bairro do Recife e o resto da cidade. Felizmente a nossa velha camarada ainda não se foi dessa, e graças aos cuidados dos facultativos, que lhe prescreveram socego e descanço, foi passando menos mal; mas na semana seguinte repetiram-se os ataques com alguma frequencia, ainda que com menos força—Comtudo agora promette ainda alguma duração, em consequencia de uma *cataplasma emoliente* que lhe applicaram na parte molesta.—Deos queira que vá vivendo até haver outra que a substitua—

Para te dar uma idea de quanto o espirito de especulação se tem desenvolvido entre nós, dir-te-hei, que no principio da enfermidade da ponte, appareceram botes que faziam a caridade de conduzir gente entre os dous bairros pelo *modico* preço de *dous mil réis* cada pessoa!—Felizmente o governo achou a quantia exorbitante e obrigou-os a receber sómente *quarenta réis*.

A tua carta de 28 do mez passado me tranquillisou a teu respeito, assegurando-me que pouco tinhas soffrido com as ultimas chuvas—Dizes-me porém que muitos engenhos perderam as suas safras, e, na tua opinião isso he devido á imprudencia dos agricultores, que lembrando-se sómente dos annos de secca, procuram os lugares baixos para plantarem as suas cannas—Parece-me que d'aqui em diante haverá o excesso contrario e os nossos senhores de engenho, zunindo-lhe ainda aos ouvidos a palavra *cheia*, farão as suas plantações nos mais altos oiteiros e alguns até lamentarão que na nossa provincia não tenhamos montanhas tão elevadas como os pincaros nevados do Chimborazo ou do Himalaya, para lá plantarem as suas cannas, que de certo não correriam risco de ficarem submergidas.

Antes da *cheia d'agua*, tivemos uma *cheia de beneficios*, que ainda não acabou completamente—Ha pouco um correspondente do *I. L. Neus* dizia que uma parte da população musical de Paris estava empregando toda a sua destreza e actividade para passar bilhetes de *concertos*, emquanto outros se serviam de todas as astucias e estrategias para não aceitar os ditos—Posso dizer que entre nós se passou quasi o mesmo em pequena escala—Haverá um mez que presenciei um phenomeno curioso—Achava-me n'um dos lugares mais frequentados do bairro do Recife, que, como era dia de trabalho, apresentava uma apparencia animada.—De repente observei um movimento estranho nas pessoas presentes—alguns retiravam-se apressadamente pelos beccos vizinhos—outros escondiam-se nas lojas mais proximas, e poucos conservaram as suas antigas posições—Emquanto eu procurava indagar qual era esse perigo imaginario, descobri uma *nympha* de figura vaporosa, que, acompanhada por um *marmanjo* com geitos de *Tritão*, dirigia comprimentos á direita e á esquerda—Approximando-me conheci que o tal inimigo commum era uma dansarina do theatro de S. Isabel que procurava passar bilhetes para o seu beneficio, e as respostas que recebia dos poucos que a tinham esperado á pé firme, quasi sempre consistiam em desculpas imaginadas com mais ou menos habilidade—Emquanto ao tal *Tritão* reconheci nelle uma capacidade bem celebre, que não empunha o *tridente*, mas maneja a *agulha*.

A questão do patacho *Arrogante* tem continuado com bastante acrimonia, mas he excusado occupar-me com este negocio, que se tem tornado tão ridiculo e sem sabor como a celebre questão dos *paios e chouriços*, que ameaçou perturbar a boa harmonia que tem reinado ha tantos annos entre o Brasil e Portugal. Com tudo ha pouco deu-se um episodio engraçado, o qual não devo passar em silencio.

A celebre representação de 1068 assignaturas que os Portuguezes aqui residentes dirigiram ao seu governo pedindo a demissão do consul, foi remettida a este pelo mesmo governo, para informar sobre ella. Este com uma commissão de 10 seus affeiçoados, procedeu a um exame das assignaturas, cujo termo foi publicado esta semana nos jornaes d'aqui—A tal commissão, dividindo os nomes pelas *profissões*, encontrou, entre um numero soffrivel de negociantes, proprietarios, logistas e caixeiros, os seguintes individuos que qualificou como se segue: 1 *alienado*, 1 *cego*, 24 *fallidos em differentes ramos de commercio*, 2 *fugidos*, 3 *mortos*, 3 *réos de policia*, 9 *vadios e sem emprego conhecido* &c. &c. Como no tal termo não se indicam nomes, mas só vem o resumo dos differentes officios, parece que os assignatarios da representação estão escolhendo entre estas *carapuças*, mas ou menos lisongeiras, aquellas que lhes servem, e já tem apparecido varios annuncios a esse respeito.

Porém já tenho fallado bastante sobre o *interior* e he tempo de dizer alguma cousa sobre o *exterior*.

Ha bastantes mezes que diariamente chegam a Constantinopla tropas regulares e irregulares, que vindo da Turquia asiatica seguem para o danubio, a reunirem-se ao exercito d'Omer Pachá. Comtudo ultimamente causou bastante sensação a chegada de uma mulher em traje militar, que á frente de trezentos cavalleiros Kurdos, atravessou as ruas da cidade. O seu nome he Kara Fatima Hanoun, e veio das montanhas da Cilicia, no Kurdistan, onde he chefe de uma importante tribu, que tambem a considera como prophetisa—Esses povos, que habitam uma grande parte da Turquia asiatica, mal reconhecem a autoridade do sultão, e, vivendo quasi independentes, só sahem das suas montanhas quando julgam o Islamismo em perigo.—

Parece comtudo que esta nova Padeira d'Aljubarrota, teve outro motivo, além do amor da patria, que a impellio a esta perigosa empreza—Dizem que sem marido está encarcerado ha annos em uma prisão da ilha de Candia, (naturalmente por algumas *boas obras* que fez)—e com o fim de alcançar a sua liberdade, que ella já tem pedido infructuosamente, a heroina vai reforçar as hostes do sultão com trezentos dos seus melhores guerreiros.

Esta Joanna d'arc turca percorreu as ruas de Constantinopla montada a cavallo ao modo masculino—Ella he baixa e magra e mostra ter sessenta annos—O seu vestuario consistia em uma pelissa, largas calças brancas, tudo pouco limpo, e botas amarellas—ao cinto pendiam-lhe duas grandes pistolas e uma *yataghan*, e na mão trazia uma comprida lança—um toucado de panno de linho lhe cobria a cabeça—a seu lado cavalgava um seu irmão e atraz seguiam os seus vassalos, armados de espingardas, lanças, alfanges, e toda a mais variedade d'armas—na frente do esquadrão via-se uma figura burlesca, que, com um vestuario meio Turco meio Chinez, fazia visagens e momices, tocando uns tindales e cantando desentoadamente—era o *Bobo da Corte* de Kara Fatima, que acompanhava sua soberana ao combate.

Segundo acabo de ler em um jornal, Mr. Jacques Arago, irmão do celebre astronomo fallecido ha pouco, annuindo a um pedido do nosso Imperador, apromptа-se para vir outra vez ao Brasil, que de certo acolherá benignamente o illustre viajante, que apezar de cego, continúa a cultivar as lettras, e que tem dado provas de amar o nosso paiz.

Ultimamente houve em Paris um processo bem interessante entre a viuva de Balzac e Alexandre Dumas. — Este, achando que o tumulo do seu fallecido *confrere* era de proporções mesquinhas e indigno da memoria d'aquelle escriptor, metteu mãos á obra, e por meio do seu jornal *Le mousquetaire* fez esforços para organisar um concerto e obter subscripções para a construcção de um tumulo para o celebre Romancista, mostrando desse modo mais zelo do que delicadeza. A viuva Balzac declarou pelos jornaes que ella tinha a intenção e meios de fazer a obra projectada e prohibio a Mr. Dumas ou a outro qualquer que interferisse em tal empreza, que para ella era um dever. A. Dumas insistio no seu plano, mas asseverando, como emenda ao projeto original, que elle não queria dar um tumulo a Balzac, mas sim erigir um monumento a sua memoria em qualquer lugar que a sua viuva escolhesse. Como Madama Balzac ainda recusasse esta proposição, instaurou-se um processo, e tendo os juizes decidido contra ella, o concerto teve lugar e foi muito concorrido.

Ha ainda outro caso mais recente, em que Alexandre Dumas foi o heroe, que mostra abondade do seu coração. O joven e já bem conhecido compositor Leon Regnier, no ultimo recrutamento tirou um *numero* infeliz, e era obrigado a sentar praça. A. Dumas, cujas sympathias artisticas o levaram a ir visitar o joven *recruta*, ficou commovido, e immediatamente prometteu arranjar o negocio de um modo satisfactorio.

Foi dito, e feito. Uma subscripção foi aberta no escriptorio do *Mousquetaire*. Mr. Dumas escreveu a todos e publicou as respostas de todos — referio as suas intervistas e conferencias — pedio em publico e em particular — e, em uma palavra, fez tanto *espalhafato* que não só choviam as subscripções, mas appareceram *substitutos*, que movidos per um sentimento generoso, offereceram-se *gratis* para tomar o lugar de Mr. Regnier no exercito. Comtudo, houveram circumstancias que tornaram estes sacrificios desnecessarios e a liberdade do joven artista foi obtida por outros canaes. Mas os esforços de Alexandre Dumas não contribuiram pouco para excitar sobre elle um interesse e sympathia que certamente o acompanharão na sua carreira artistica.

Esse infatigavel Alexandre Dumas está compondo um novo romance para uma encommenda que lhe veio dos Estados Unidos. A tal novella deve ter *doze* volumes, e naturalmente ficará acabada em poucos dias. A actividade deste Romancista a *vapor* estava bem figurada em uma caricatura que appareceu ha annos a qual representava Mr. Dumas escrevendo *seis* romances ao mesmo tempo, isto he, com *outra penna* em cada mão, *uma* em cada pé, *uma penna* na bocca, e *outra* segura na gola da casaca!

Adeos. Tinha mais noticias a dar-te, mas reservoas para outra carta que tenciono dirigir-te depois d'amanhãa.

O amigo Julio.

CORRESPONDENCIAS.

Srs. Redactores.—A publicação no seu bem conceituado *Diario* de 30 do mez ultimo—da ordem de 30 de março de 1849, e do parecer das commissões do senado de legislação, marinha e guerra—sobre gozarem os officiaes da extincta segunda linha do foro militar *para quem ignorar, ficar sabendo quaes as honras, e privilegios aos mesmos conferidos*, affirmo-lhe sôb minha palavra de honra, que poz-me a voltear o pensamento para decifrar essa charada, e afinal confesso, que não dei com a sua resolução, graças á fraqueza do meu bestunto!...

Nesta terrivel duvida, em que por infelicidade propria tenho laborado, assentei indagar o que isto queria dizer em trocos miudos, e ainda nada pude conseguir—*Nulla redemptio!* Em summa, lembrei-me dirigir-lhe esta missiva, pedindo-lhe que faça algum empenho para se dizer mais alguma cousa de positivo, demonstrar-se se tem applicação a qualquer questão algures já havida, ou por haver, affim estabelecer-se discussão a respeito (oh! permitta Deos!) afim de que eu e outros ignorantes, mas admiradores das materias financeiras finissimas, ou de alto cothurno a ponto de ficarmos boquiabertos ao ouvirmos a sua nomenclatura, ou terminologia — possamos aprender, e tranquillisar o nosso espirito por isso mais inquieto, que actualmente o dos Russos, e Turcos.

Considerem, Srs. Redactores, qual o meu desejo de ver satisfeito este pedido, se só para semelhante occasião—um mestraço,— *cathedratico entendedor do tal jogo, ou joguete dos magnificos exercicios findos, fundos fluctuantes, partidas dobradas, extórnos, balanços, balancetei et commitante caterva etc*, me promette mostrar um aviso circular de 15 de agosto de 1809, que aos milicianos confere privilegios, em cujo numero sem duvida se comprehendera o dos respectivos officiaes até capitão, poderem fazer procuração por proprio punho, assim como o dito meu bom ciceroni me tem assegurado estar em colicas, e ancias mortaes para tambem tomar parte no debate.

Isto posto, Srs. Redactores, por suas reconhecidas bondades e philantropias, queiram interpôr os seus valimentos para facilitar-se mais essa occasião de preencher-se uma das melhores obras de misericordia (creio que he a quarta?)—isto he, ensinar aos ignorantes, em premio do que offerece-se a quem apparecer na arena—tres grandes figas d'Angola, ou alias as mais perfeitas veronicas dos tres reis magos vindos da exposição de Londres.

O livro da Sublime Porta.

Srs. Redactores.—Lê-se da correspondencia que o Sr. Lourenço Bezerra Carneiro da Cunha mandou publicar em seu *Diario* de hontem, que este Sr. não contente com ultrajar ao Sr. tenente-coronel João Pinto de Lemos Junior, entendeu tambem, que infelizmente devia vituperar a pessoas que jamais tiveram intenções de o offender, quando estes somente pelo amor a verdade, e no dever em que estavam, houveram de attestar o que tiveram de ver e ouvir na fortaleza das Cinco-Pontas. Repetindo ser certo quanto affiancei em minha carta, escripta ao Sr. tenente-coronel João Pinto de Lemos Junior, o que de novamente affirmo sob minha palavra, e fé militar, devo asseverar ao mesmo Sr. Lourenço Bezerra Carneiro da Cunha (bem conhecido pelo appelido de Loula) que a ninguem podem injuriar as suas palavras, visto ser—comprado—, só pode servir aquelle exemplo a quem cabe a pecha negra, e vil do prevaricador, conforme attestam os actos officiaes dos Exms. conselheiros Honorio, e Souza Ramos, como presidentes desta provincia, além da voz unisona do foro de Iguarassú, onde orphãos e viuvas, segundo consta, maldizem ainda hoje o autor de suas desgraças, fonte essencial do ouro. Pobre, como sou, prezo muito minha honra, sendo della a fiança a condição de empregado estimado por meus superiores, deixando que o publico apprecie, e entre nós decida.

Sou com todo respeito.—De Vmcs. attento criado e obrigado, *José Ferreira Penha.*

Recife, 7 de julho de 1854.

LITTERATURA.

PETRARCA E SEU SECULO.

Sem duvida hade parecer estranho que eu inaugure a minha collaboração para uma revista que tem o titulo de contemporanea por uma historia do seculo XIV. Mas os grandes poetas são contemporaneos de todas as idades e de todos os povos, e o nome, os amores, e os versos de Petrarca, do segundo poeta digno deste titulo que tinham visto nascer a Italia e a Europa moderna, servirão por largo tempo de thema aos entretemmentos dos homens, que por seu feliz nascimento podem distrahir-se pelo estudo das lettras, das tristezas e afflições de seu tempo. Como Dante, elle veio ao mundo no meio dessas guerras desastrosas, que tinha accendido a rivalidade dos imperadores e dos papas. Nascido na Allemanha, entre as casas, de Suabia e de Baviera, a discordia dos Guelfos e dos Gibelinos, foi augmentada pela intervenção da corte de Roma, a qual depois de ter coroado pela mão de seus legados um principe de Suabia, tornou-se fatalmente inimiga desta casa, só porque ella mantinha-se na posse do imperio e sustentava os seus direitos contra as pretenções dos soberanos pontifices. Essa guerra civil foi transportada á Italia pela irrupção de Frederico Barbaroxa, o mais illustre dos imperadores desta familia; e os italianos, que tinham já o triste habito de estrangular-se por interesses que não eram seus, dividiram-se por causa de dous nomes allemães, cuja origem talvez ignorassem.

Os Gibelinos, partidistas do imperador, tomaram o seu nome do castello de Wablinga ou Gueibeling, dominio dos senhores de Suabia. Os Guelfos, defensores do papado, tiraram o seu dos Welfs, que então possuiam o ducado de Baviera. Dessa epoca em diante quaesquer que fossem as discordias, que fizessem nascer a ambição ou a vaidade das provincias, das cidades, ou das familias italianas, ellas tomavam a importancia desta guerra do sacerdocio e do imperio, pela adopção que os dous partidos faziam dessas denominações sinistras. O ardor do clima, o caracter violento dos povos do meio dia, deram um vigor novo a essas facções: os assassinatos, os envenenamentos, a carnificina, as proscripções, os incendios, os suplicios os mais barbaros, as vinganças as mais horriveis assignalaram alternadamente o odio dos dous partidos; e os autores de tantos crimes ousavam augmentar-lhes o numero, com o novo crime de cobrir essas torpezas com o nome de patriotismo. Elles dilaceravam, assolavam, ensanguentavam a sua patria, jactando-se de não faze-lo senão para gloria sua. Os Guelfos não viam a liberdade nem a independencia senão no triumpho de um soberano que sentava-se á sombra da *tiara* na velha capital dos Cezares; os Gibelinos repelliam o dominio temporal de um pontifice, e reconheciam o de um principe que sentava-se como Cezar em um palacio da Germania.

Uma rivalidade de familia foi que introduzio em Florença esses nomes de fatal augurio; e como acontece com a republica romana e a guerra de Troia foram os bellos olhos de uma mulher que accenderam a guerra Florentina. Machiavel nos ensina que um cavalleiro de Buondelmonte, futuro exposo de uma filha dos Amidei, tendo-se subitamente apaixonado de uma Donati, rompeu seus primeiros compromissos, com o fim de desposa-la.

Os Amidei e os Uberti, seus alliados, lavaram esta injuria no sangue do infiel; e os Florentinos dividiram-se em duas facções rivaes, luctaram por muito tempo entre violencias e crimes. Os dous partidos distinguiram-se ao principio pelos nomes de Brancos e de Negros. Mas os Brancos bem depressa tornaram-se Gibelinos, e os Negros transformaram-se em Guelfos. O pai de Petrarca foi envolvido nestas discordias sanguinolentas. Notario em Florença, como seu pai e seu avô Garzo, elle não teve, como este ultimo, a felicidade de acabar uma vida pacifica de cento e quatro annos, no mesmo leito, em que a começara.

Iniciado nos negocios publicos, encarregado de muitas missões importantes, Petracco achava-se em um posto honroso, quando rompeu essa discordia dos Negros e dos Brancos. A victoria pertencia aos ultimos, quando Carlos de Valois, attravessando a Italia para sustentar a casa de Anjou na Sicilia, foi rogado por Bonifacio VIII., para que se demorasse em Florença afim de reconciliar os dous partidos, ou antes afim de restabelecer a facção dos Negros. Apoiados por suas armas, os Guelfos entraram como vencedores em sua patria; e o pretendido medianeiro tornou-se o complice das vinganças que elles exerceram contra os Gibelinos. Dante foi um dos proscriptos desta reacção sangrenta, e vingou-se de Carlos de Valois por meio de uma satira vigorosa contra a casa de França, a qual vem no vigesimo canto de seu purgatorio. Petrarca, condemnado como elle, escapou fugindo á colera dos mesmos inimigos. A cidade de Arezzo tornou-se o seu refugio. Para esse lugar trouxe elle a sua joven mulher, Eletta Canigiani, e foi ahi, que dous annos depois, na noite de 19 para 20 de julho de 1304, deu ella á luz o nosso poeta, na mesma hora em que seu esposo Petracco infructuosamente combatia nas ruas de Florença para reconquistar uma patria.

Baptisado com o nome de *Francisco di Petracco*, o poeta adoptou mais tarde o de Petrarca. Sua infancia foi erradia como sua familia. Sete mezes depois de seu nascimento Eletta estabeleceu-se na povoação de Inciza, no valle do Arno, e essa mudança de lugar causou o erro dos biographos, que o fizeram nascer neste novo refugio de sua mãi. Sete annos depois, cobrando a causa dos Gibelinos novo alento com a presença do imperador Henrique VII na Italia, Petracco passou a Pisa afim de esperar os resultados desta nova revolução; mas a morte desse principe, segundo dizem, envenenado por um dominicano, fazendo a esta familia perder a esperança de tornar a entrar em Florença, fez com que ella fosse procurar no condado Venaissino o repouso que não podia mais achar na Toscana. Os proscriptos e os descontentes da Italia affluiram em multidão á cidade de Avinhão, onde Clemente V. ha pouco tinha fixado sua residencia; os proprios Gibelinos achavam um asilo na côrte do chefe dos Guelfos; mas tendo o numero desses refugiados entulhado a nova capital do mundo catholico aquelles a quem os negocios e os proprios deveres não obrigavam a residir ahi, procuraram as outras cidades do condado; e, ainda que elle proprio residisse em Avinhão, Petracco adoptou para seus filhos e sua mulher a residencia de Carpentras. Foi nesse lugar que veio procura-los o grammatico Convennole da Prato, que tinha começado na Italia a educação litteraria do joven Petrarca. Este ancião que, havia sessenta annos, tinha-se dedicado á instrucção da mocidade, contando já no numero de seus discipulos uma multidão de cardeaes e de prelados, mostrava grande ternura ao seu novo alumno, e jurava que nunca em sua vida tivera um que fosse mais charo a seu coração. Uma intelligencia acima de sua idade e de seu seculo o distinguiam realmente de seus condiscipulos. Quando estes traduziam apenas as fabulas de Phedro e as sentenças de S. Prosper ou antes de Santo Agostinho, de que o poeta de Aquitania não era senão o collector, Petrarca explicava por si mesmo o latim de Cicero. Apenas descobrio um exemplar das obras desse escriptor na bibliotheca de seu pai, o orador romano tornou-se o seu principal mestre e a primeira paixão de sua infancia. A esse escriptor deveu elle sem duvida essa elegancia, essa doçura de estylo que fazem o caracter de sua poesia, e foi realmente um accidente feliz para a lingua italiana essa communicação, essa familiaridade que o acaso fez nascer entre Cicero e Petrarca.

As lettras porém não abriam a pessoa alguma nesse tempo a carreira da fortuna: e com quanto seu pai estivesse longe de partilhar o desprezo que se votava a essa estudiosa ociosidade, julgou com tudo que devia cuidar no futuro de seu filho e procurar-lhe no conhecimento do direito o unico meio de elevar-se e restabelecer a fortuna que as discordias civis tinham arrebatado á sua familia. As universidades de Paris, de Montpellier e de Bolonha eram de ha muito tempo celebres, e Petrarca, logo aos quatorze annos, foi enviado á segunda destas cidades. Os escrivães do seculo de Augusto tinham-se porém empossado de sua intelligencia. Ella mostrou-se tão rebelde ás aridas lições da jurisprudencia da media idade; que, ao cabo de quatro annos de uma residencia infructuosa, Petracco, queixando-se da negligencia dos professores de Montpellier, o fez passar á universidade de Bolonha, na esperança de que a reputação de seus mestres poderia estimular o amor proprio do filho. A repugnancia de Petrarca não cedeu á esta nova prova; elle foi em Bolonha o que havia sido em Montpellier, o fanatico admirador de Cicero, de Virgilio, de Horacio. O seu desgosto invencivel pelo codigo e pelas decretaes augmentou com os annos; he certo porém que um sentimento de lealdade tinha grande parte nesta repugnancia. Revoltava-o a cubiça, a má fé dos jurisconsultos da epoca. Elle sem duvida apoiava-se nesse motivo para justificar a sua preguiça, isso porem era já verdade em seu tempo. « Tudo nesses homens he venal, dizia elle em suas cartas. Os mais habeis são os que sabem melhor desviar as leis do seu verdadeiro sentido; he para illudi-las ou viola-las e impunemente que elles as estudam. A candidez de minha alma me não permittia que me entregasse a um estudo, de que abusa-se todos os dias, com detrimento da probidade. »

Estas cartas são conhecidas de seu pai. Petracco sabe afinal a causa dessa antypathia. Corre a Bolonha, acha os preciosos manuscriptos que seu filho tinha escondido á noticia dessa invasão paterna, e lança-as aos olhos do seu infeliz adorador.

Precipita-se Petrarca aos joelhos do pai, desmancha-se em lagrimas, soltando gritos pungentes. Restitui-m'os, meu pai, restitui-m'os, dizia elle procurando apanhar com uma mão a que a chamma devora; attendei que despojei-me de tudo para compra-los.

Seu desespero era tão real, sua dôr tão expansiva, que a colera do pai desarmou-se; chegando até a arrancar por si mesmo ao fogo o que a chamma tinha respeitado. Toma, disse elle, toma, Virgilio te dará consolações da perda dos outros, e talvez Cicero prepare-te um dia para o estudo das leis.

A prophecia não podia realisar-se; e Petrarca tentou em balde obedecer ao pai. Contava-se pouco com esse pendor irresistivel para desviar delle esse mancebo de dezoito annos. Elle tinha, debaixo dos olhos dous exemplos que o fortificavam em seu estudo predilecto, Guittone Guittoncino, mais conhecido pelo nome de Cina de Pistaie reunia ao ensino do direito o estudo da poesia. Seus versos, esquecidos depois, gozavam então de alguma reputação. Elle não era mestre de Petrarca, como o disseram muitas vezes, e até duvida-se que ensinasse em Bolonha; Petrarca porém ao menos devia conhece-lo; o outro exemplo estava mais perto delle. Francesco Stabili ensinava a astrologia e a philosophia nesta mesma universidade, com o diminutivo de Cecco d'Ascoli. Seus versos não valiam os de Cina; mas elle amava os versos de Horacio e de Virgilio, e alimenteva esse gosto que desabrochava em seu joven discipulo. Esses dous professores eram os amigos de Dante. Cina até entretinha relações em sonetos com o autor da *Divina Comedia*. Cecco porém, tendo rompido a sua amisade com esse grande poeta, teve a infelicidade de publicar uma critica acerba contra esse illustre Florentino; elle foi queimado vivo, sob pretexto de feitiçaria; mas como expiação que de sua critica, fizeram esse martyrio na mesma cidade que, vinte e cinco annos antes, tinha exilado o poeta, a quem vingava com tanta barbaria. Durante a quadra de tormentos politicos, basta viver para passar das gemonias ao pantheon e do capitolio a rocha tarpeia.

Animado por estas lições, Petrarca deu toda a expansão a seu genio; e os transportes de admiração, seus ensaios privam nascer entre seus companheiros e seus mestres acabaram de determinar a sua vocação poetica. Seus primeiros versos não chegaram até nossos dias.

Os primeiros que a prosteridade recolheu são os de uma elegia latina que elle compoz sobre a morte de sua mãi.

Quando voltou de Veneza, para onde havia conduzido um de seus mestres, foi que elle soube desta triste noticia. Procurou consolações perpetuando por esse modo a lembrança das virtudes e da belleza daquella que a morte lhe roubava na idade de trinta e oito annos; e eu com pezar digo que a sua dor não foi tão grande que não lhe deixasse bastante liberdade de espirito para medir o numero de seus versos pela idade daquella, que dera-lhe a vida. Petracco não pôde sobreviver á sua companheira de exilio, e o nosso poeta, orphão na idade de vinte e dous annos, voltou ao condado com seu irmão Geraldo, afim de recolher os fracos expolios de uma herança que os seus credores tinham já devorado. O objecto mais precioso desta successão foi, segundo a propria confissão de Petrarco, esse manuscripto de Cicero, que tinha arrastado a sua infancia, dando elle por isso graças á ignorancia de seus espoliadores cuja avareza o tinha reduzido á necessidade de pedir emprestado a Thomaz de Messina, seu condiscipulo e amigo, os meios de voltar ao seu paiz adoptivo.

Temos portanto Petrarca entregue aos proprios recursos, podendo apenas prover ao sustento de seu irmão e de sua irmãa, encarregado além disso de seu mestre Convennole, que, curvado ao peso dos annos e da mizeria, vivia somente dos beneficios de Petracco. O filho desse generoso Florintino não repudiou essa porção da herança paterna; elle ajudou Convennole do melhor modo que pode, e para supprir a exiguidade de seus recursos, empenhava muitas vezes seus livros, afim de prover as necessidades de seu velho mestre.

A necessidade de um estado foi sentida afinal, e elle escolheu o clericato, que, introduzindo-o no palacio pontifical, e aproximando-o da fonte das graças, não impunha-lhe comtudo deveres tão austeros que o desviassem dos estudos que tinham feito as delicias de sua juventude. Elle achou nesse novo estado os meios de prover as necessidades de sua irmãa Salvaggea e as prodigas despezas de seu irmão Geraldo, que entregava-se sem escrupulo a todos os prazeres de sua idade. Suas economias, as privações que se impunha, permittiram-lhe fazer face a tudo, e dar, dous annos depois, um dote conveniente á sua irmãa.

Quantas escolhas não cercavam porem a juventude de Petrarca! Ebrio de voluptuosidades, na idade ardente das paixões, sem outro apoio que a razão, sem outro guia que a virtude, achou-se envolvido no turbilhão de uma côrte e de uma cidade, onde a devassidão e a libertinagem marchavam de collo erguido. O quadro que traçou de Avinhão nessa epoca, apresenta-nos esta cidade como um foco de corrupção e de licença. João XXII era comtudo um pontifice veneravel. Era o filho de um remendão de Cahors, que, com o nome de Jacques de Euse, tinha-se elevado pelo seu unico merito. Seu saber grangeou-lhe o valimento do rei Roberto de Napoles, e, depois de ter-se distinguido em seus tres bispados de Frejus, de Avinhão e de Porto, succedeu ao papa Clemente V. no governo da christandade. O historiador Villani, que o trata as vezes tão mal, tece todavia elogios á sua piedade, á sua sobriedade, economia, á sua firmeza inabalavel, e ao seu grande conhecimento dos negocios; e ainda quando elle tivesse mais de oitenta annos, quando Petrarca veio fixar sua residencia em Avinhão, tinha esse pontifice achado bastante energia em sua alma, e bastante respeito nos povos da Italia para triumphar do fundo do seu palacio das intrigas e dos exercitos do imperador Luiz de Baviera. O antipapa, que a revolta de seus subditos romanos havia-lhe dado para rival, foi até constrangido a vir abdicar a seus pés uma thiara usurpada. Elle porem não teve a força de reprimir os escandalos de sua côrte e de sua cidade. Segundo o diz Petrarca, abriram-se casas de prostituição nas proximidades de seu palacio, e até na visinhança dos templos.

Esses lugares impuros foram por largo tempo sem perigo para o poeta, e o seu procedimento não degradou as vantagens que tinha-lhe a natureza prodigalisado. A belleza de seus traços, a vivacidade de sua physionomia, a riqueza de seu talhe, a nobre elegancia de suas maneiras, o apurado gosto de seu traje faziam nascer antecipadamente idéas que lhe eram favoraveis; e uma vez conhecida a doçura e a justeza de seu espirito auxiliado da mais feliz memoria, uma vez apreciada a clareza, a precisão de sua logica, a candura de sua alma, a franqueza, a pureza de seu caracter, era impossivel não procurar sua amisade, e não ficar-se affeiçoado á uma natureza de homem, que tanto aproximava-se da perfeição. Triumphos desse genero deviam satisfazer-lhe vaidade. Admittido á familiaridade dos grandes mostrou-se com ella simples e modesto sem baixeza, como um homem que tomava a posição que competia-lhe no mundo. Um astrologo tinha-lhe predito na infancia que havia de adquirir as boas graças de todos os homens illustres de seu seculo; e esses successos, que em uma idade mais provecta, sua modestia tinha difficuldade em conceber, não pareciam á sua mocidade senão a compensação legitima do que concedia ao merito dos outros; acrescentemos a essa que elle soube sempre manter-se na cathegoria que seus talentos lhe tinham assignado, e por maior necessidade que o seu engrandecimento sentisse da protecção dos poderosos, não o obrigou jamais a perder com elles a dignidade e nobre independencia de seu caracter. Custa a crer que a honesta dissipação de sua vida, o desejo immoderado que tinha de apparecer e de agradar, o proprio cuidado de sua existencia lhe tivessem deixado dessa epoca em diante, bastante descanço para cultivar as Musas. Mas a sua paixão pelos versos nem por isso tinha-se arrefecido. Suas relações o collocavam em estado de poder entregar-se ao estudo de seus autores predilectos. Era o amor do trabalho, quem determinava sua amisade; é a escolha dos seus mais intimos conhecimentos em uma cidade tão depravada bastaria por si só para tecer o seu elogio.

O velho João de Florença, sabio illustre, encarregado de seu joven compatriota, fez-se o seu tutor e conselheiro. Animou-o com seus louvores, dirigio-o em seus estudos, consolou-o nas suas afflicções, sustentou-o nas horas de desanimo que traziam os embaraços de sua posição e os estimulos de sua ambição litteraria. Petrarca correspondeu com um respeito sem limites as bondades desse ancião. Seu coração não tinha segredos para com elle, e durante os cinco annos que ainda viveu João de Florença, o seu joven amigo não deu-lhe outro nome que o de pai. Em quanto esse ancião formava o seu gosto, e regulava os desvios de sua ardente imaginação, outro amigo facultava-lhe o poder de satisfazer a sede que tinha de conhecer tudo. Elle dizia, em um accesso hyperbolico, que o espirito não podia produzir senão quando innundado do rio immenso dos conhecimentos mundanos. Procurava com incrivel actividade os possuidores dos manuscriptos que não podia adquerir. Esses manuscriptos eram nesse tempo de uma raridade extrema, Poucos copistas gastavam seu tempo em reproduzi-los; os livros de direito eram a sua occupação predilecta e os avaros defensores dos thesouros da velha latinidade não gostavam de compartilhar seus gozos.

A bibliotheca de Raymundo Loranzo era então uma das mais ricas de Avinhão, e o conhecimento deste jurisconsulto foi ardentemente desejado por nosso poeta. Elle soube que esse ancião fazia muito pouco caso dos livros que não tratavam da sciencia das leis, ainda que tivesse reunido com grande dispendio um numero consideravel dessa especie, soube igualmente que Tito Livio era o unico exceptuado dessa proscripção, e que sendo pouco versado no conhecimento da historia, o velho jurisconsulto tinha difficuldade em comprehender esse historiador. Petrarca não tardou em penetrar esse santuario. Soube tornar-se necessario a Raymundo Loranzo pelo estudo particular que tinha feito da historia de Roma, e bem depressa dispoz dessa collecção preciosa. Fez transcrever sob sua inspecção alguns desses manuscriptos, chegando a transcrever outros por seu proprio punho. Muitos desses manuscriptos serviram-lhe para rectificar os erros que copistas pouco habilitados nos teriam transmittido sem duvida, sem o auxilio de seu zelo e de sua paciencia. Loranzo deu-lhe alguns tratados de Varrão e de Cicero, entre os quaes contava-se o da gloria. Mas esse tratado não chegou a ver a luz da imprensa, porque empenhado pelo velho Convennole, nunca mais foi achado, e as bondades de Petrarca para com seu velho mestre fizeram-nos perder esse precioso fragmento das obras de Cicero.

Uma relação mais importante veio em auxilio de sua fortuna. Entre as pessoas que faziam o ornamento da côrte de João XXII, encontrou Petrarca um de seus condiscipulos, que, durante sua habitação em Bolonha, nunca tinha-se informado ao menos de quem fosse. Seu segundo encontro fôi mais feliz. A conformidade de seus gostos e de sua idade os unio para sempre, e Jacques Colonne tornou-se o amigo e o protector de Petrarca. Elle era dessa familia illustre, cujo nome os genealogistas italianos tem procurado cuidadosamente sobre as columnas de Hercules ou sobre a columna Trajana, buscando a sua origem no sangue de um simé-deos, ou do vencedor dos Dacios. Ella não tinha necessidade desses titulos imaginarios. Seus serviços, suas dignidades, suas allianças faziam-na já uma das mais celebres casas da Italia; e esta portecção foi uma grande felicidade para Petrarca e para as lettras. Jacques Colonne, diz elle, era um homem incomparavel. Os dons que tinham-lhe prodigalisado a natureza e a fortuna não alteraram nem a sua modestia, nem a pureza de seus costumes. Superior pela eloquencia, entre as mãos possuia o coração dos homens, e sua alma mostrava-se em completa nudez tanto em seus escriptos como em seus discursos. Petrarca foi seduzido, Colonne dispoz de seu coração; e o poeta, honrado com a sua mais intima familiaridade, associou-se para assim dizer a esta familia. O cardeal Colonne, irmão de Jacques, amigo das lettras e das sciencias, fazia as suas delicias da conversação dos homens que as cultivavam. Elle forçou Petrarca a ser seu commensal e seu hospede. Eu estava em sua casa como na minha propria, dizia Petrarca.

Não era para comigo um superior esse homem, cuja simplicidade, innocencia e saber contrastavam tão vivamente com os costumes de tantos principes da igreja. Era o irmão o mais charo e o mais terno. E com effeito sua estima para com Petrarca manifestou-se á toda a luz em uma circumstancia que tanta honra faz a esse poeta, que deve não ficar em silencio. Uma discordia sanguinolenta reinava entre os familiares do cardeal. Elle quiz fazer justiça; e para conhecer a verdade, obrigou toda a casa a prestar juramento sobre o evangelho. Seus proprios irmãos, ainda que revestidos de dignidades ecclesiasticas, não foram dispensados de jurar. Mas quando apresentou-se Petrarca, o cardeal fechou o livro, e renovando a seu respeito o que os magistrados de Athenas fizeram com o philosopho Xenocrates, disse-lhe: Suspende, Petrarca, basta-me tua palavra.

A casa do cardeal Colonne era o ponto de reunião de todos os estrangeiros celebres, que a côrte do pontifice attrahia de todas as partes da Europa. Estas reuniões, que cada dia renovava, foram para Petrarca uma occasião de adquerir essa variedade de conhecimentos que distinguem suas obras, e um meio de dilatar a fama que ellas deviam grangear-lhe. Ahi formaram-se as suas relações com os sabios de todos os paizes. Foi ahi que elle conheceu Richard de Bury, bispo de Durham, ministro o valido de Eduardo III, que foi enviado duas vezes á Avinhão pelo rei de Inglaterra. Era um sabio de primeira ordem, que, apaixonado pelos livros, empregava a maior parte de sua fortuna nessas investigações dispendiosas. A Europa devia-lhe as suas primeiras grammaticas hebraicas e gregas; e as conversas desse prelado erudito augmentaram a instrucção da Petrarcas. A familia do cardeal offereceu-lhe ainda dous amigos e dous protectores: João de São-Vit, senhor de Gensano, tio do prelado, desterrado da Italia por Bonifacio VIII, contra quem havia tomado armas, tinha arrastado a sua vida laboriosa e vagabunda atravez da Persia, do Egypto e da Arabia. Petrarca interrogava a velhice e a experiencia desse guerreiro que tinha trazido de suas viagens uma infinidade de conhecimentos uteis. Estevão Colonne, seu irmão, a quem a Italia contava então no numero de seus heróes, era por assim dizer o repertorio vivo da cidade eterna. Elle gostava de fallar de suas grandezas e de seus monumentos, que descrevia com o enthusiasmo do patriotismo. Petrarca teve occasião de conhece-lo durante a viagem que fez á Avinhão para concertar com o papa acerca dos meios de restabelecer a paz na Italia, e não podia fartar-se com os entretenimentos desse chefe da familia que o tinha adoptado.

Chegou nesse entretanto a hora em que Petrarca foi assaltado dessa paixão, que fez seu tormento e sua gloria, que identificou-se com sua vida inteira. Innumeras bellezas tinham até esse tempo disputado a sua conquista, mas a facilidade desses triumphos não apresentava-lhe mais que prazeres seguidos de pezares e desgostos. Elle mesmo confessa que desses triumphos resultaram-lhe novos embaraços para sua fortuna, e que foi obrigado a prover ao sustento de dous filhos, cujas mãis deixou de nomear por certos sentimentos de reserva e de pudor. Convinha a seu coração um amor mais puro e mais digno delle, e foi aos 6 de abril de 1327, na igreja de Santa Clara, que o aspecto de Laura inflammou-o subitamente de um ardor que elle nunca tinha sentido. Elle mesmo pinta nos seguintes versos, que tentei traduzir, o traço dessa paixão, que nada póde vencer.

Ha muito, amor tentava escravisar-me,
Mas sempre via que as hervadas settas
Contra meu peito se embotavam todas.
E a flor da idade, que risonha e bella
Desabrochava zorida em meu rosto,
Seu viço e seu perfume ia perdendo.
Fria indiff'rença me cingia o peito
De um muro diamantino que orrastava
Do cego deos a rispida vingança.
Nenhum cuidado me turbava inquieto
A doçura de um placido repouzo.
Ah! louco eu ria das fraquezas de outrem,
Sem ver o abysmo que a meus pés se abria!
Que estranha insensatez me allucinava!
Quem poderá tecer hymnos á vida,
Se as suas phases não conhece todas,
Antes que a morte lhe appareça aos olhos?
Esse terrivel deos, que me atormenta,
Para dos seu farpões vingar o insulto,
Mandou-me ao encontro uma belleza, um anjo,
Que meus mais ternos ais, meus puros votos
Sem dó, nem compaixão tyranna escuta.
Ah! nem ternura, nem finezas d'alma
Embrandecer-lhe a crueldade podem!

(*Continuar-se-ha.*)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 7 DE JULHO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Cambio sobre o Rio de Janeiro—2 % de rebate e a prazo.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 6	47:621$437
Idem do dia 7	7:546$178
	55:167$615

Descarregam hoje 8 de julho.

Barca ingleza—*Philo*—carvão e ferro.
Brigue americano—*William Prince*—farinha.
Brigue brasileiro—*Recife*—o resto.
Brigue brasileiro—*Paraná*—farinha de trigo.
Brigue brasileiro—*Maria*—idem.
Hiate brasileiro—*Angelica*—idem.
Brigue brasileiro—*Aurora*—generos do paiz.

Importaçao'.

Hiate nacional *Aurora*, vindo do Aracaty, consignado a José Manoel Martins, manifestou o seguinte:

104 saccas cera de carnauba, 86 molhos pelles de cabra, 3 fardos sapatos, 53 molhos esteiras de palha; a Silvestre Ferreira dos Santos.

5 caixões sapatos, 10 caixões velas, 566 couros salgados, 56 couros espixados, 1 barrica sebo, 1 sacco cera de carnauba; a Caminha & Filhos.

Escuna nacional *Emilia*, vinda do Ceara, consignada a José Baptista da Fonseca, manifestou o seguinte:

100 barris e 200 meios ditos manteiga; a Manoel Joaquim Ramos e Silva.

10 caixas queijos, 35 barris manteiga de porco; a Tasso Irmãos.

1 caixa coeiros de baetilha, 2 amarrados archotes, 4 barricas cobre velho, 1 bacia, 1 garajáo de carne, 252 saccos farinha de mandioca, 25 caixas velas de carnauba, 20 saccos arroz pilado, 1,000 arrobas de violete (madeira); a ordem.

1 barrica cera amarella; a Luiz Borges de Siqueira.

21 caixas vazias, 1 sacca café; a José Smith de Vasconcellos.

15 caixas vellas de carnauba; a Francisco Ignacio Ferreira Dias.

Hiate *Sergipano*, vindo de Cotinguiba, consignado a José Teixeira Bastos, manifestou o seguinte:

37 pipas aguardente, 195 couros salgados, 39 saccos assucar mascavado, 54 ditos dito branco; ao mesmo consignatario.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 6	5:718$338
Idem do dia 7	456$740
	6:175$078

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 6	731$215
Idem do dia 7	22$851
	754$066

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 7	886$730

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 6	15:427$256
Idem do dia 7	1:710$480
	17:137$736

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 7.

Ceará—19 dias, escuna brasileira *Emilia*, de 111 toneladas, capitão Antonio Maciel da Silveira Junior, equipagem 11, carga farinha de mandioca e mais generos; a José Baptista da Fonseca Junior. Passageiros, Sebastião Arruda de Miranda, sua senhora, 4 filhos e 1 escrava, Joaquim de Andrade Fortuna Pessoa, G. Mendes Pereira, Antonio Alves Torres, José Raymundo de Oliveira, D. Laura da Conceição Miranda.

Terra Nova—32 dias, barca ingleza *Prospero*, de 257 toneladas, capitão John Towill, equipagem 13, carga bacalhão; a James Crabtree & Companhia.

Assumpção—8 dias, escuna ingleza *Mercury*, de 145 toneladas, capitão George Wott, equipagem 8, em lastro: ao capitão.

Aracaty—23 dias, hiate brasileiro *Aurora*, de 37 toneladas, mestre Antonio Manoel Affonso, equipagem 5, carga couros e mais generos; a José Manoel Martins. Passageiro, Vicente Ferreira Lima.

Cotinguiba—4 dias, hiate brasileiro *Sergipano*, de 54 toneladas, mestre José Manoel Cardoso, equipagem 7, carga aguardente e couros; a José Teixeira Bastos. Passageiro, José Fernando da Silva Couto.

Assú—16 dias, hiate brasileiro *Capibaribe*, de 39 toneladas, mestre Antonio José Vianna, equipagem 7, carga sal e algodão; a Luiz Borges de Cerqueira.

Maceió—2 dias, brigue inglez *Runnymede*, de 200 toneladas, capitão Samuel Prouse, equipagem 13, carga assucar: a James Crabtree. Passageiros, John Scott. Veio receber ordens e seguio para o Canal.

Navios sahidos no mesmo dia.

Rio de Janeiro—Barca americana *Conrad*, capitão Powell Smack, em lastro.

Idem—Hiate americano *Danville*, capitão Daniel Dodg, carga parte da que trouxe.

Porto—Brigue portuguez *Amalia I*, capitão João Antonio da Silva Mellão, carga assucar e mais generos. Passageiros, José da Silva Moreira, Francisco Dias de Azevedo, Maria dos Prazeres, Manoel José Dias e sua familia, Caetano José Pinto, Candido Moreira da Costa, José Nunes de Faria, Manoel José da Fonseca Maris, João José de Farias e Albuquerque e 1 filho menor.

Pará—Escuna brasileira *Titania*, mestre Luiz da Silva Loureiro Rolha, carga varios generos.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento do disposto do art. 34 da lei provincial n. 129, manda fazer publico para conhecimento dos credores hypothecarios e quaesquer interessados, que as propriedades abaixo declaradas, foram desapropriadas, e que os respectivos proprietarios tem de ser pagos do que se lhes deve por esta desapropriação, logo que terminar o prazo de 15 dias, contados da data deste, que he dado para as reclamações.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*, por quinze dias successivos.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 30 de junho de 1854. — O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação.*

Uma casa de taipa, sita na direcção do 21.º lanço da estrada da Victoria, pertencente a D. Rita de Cassia Pessoa de Mello, pela quantia de.	60$000
Um lanço de muro e uma parte do sitio no lugar do Piza, na cidade de Olinda, pertencente ao Dr. Antonio José Coelho, pela quantia de.	598$000

Conforme.— O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação.*

—A camara municipal desta cidade, usando da autorisação que lhe confere o art. 15 da lei n. 348, publicada neste jornal, n. 140 de 20 do corrente, marca o prazo de um mez, contado do primeiro ao ultimo de julho subsequente, para no decurso delle, serem pagos os impostos atrazados sobre estabelecimentos industriaes; findo o qual, e não realisada a cobrança, ficam os contribuintes sujeitos a uma multa igual ao duplo do valor do imposto, como dispõe o citado artigo.—E para que chegue ao conhecimento de quem competir se manda publicar o presente.— Paço da camara municipal do Recife em sessão de 28 de junho de 1854.—*Barão de Capibaribe*, presidente.—No impedimento do secretario. — O official-maior, *Manoel Ferreira Accioli.*

— Perante a camara municipal desta cidade estará em praça no dia 12 do corrente, a obra de uma bomba de alvenaria, sobre a camboa, na passagem de Sant'Anna, orçada em 1:040$. Os que se propozerem a arrematar dita obra, podem comparecer na casa das sessões da mesma camara no indicado dia. Paço da camara municipal do Recife em sessão de 5 de julho de 1854. — *Barão de Capibaribe*, presidente.— No impedimento do secretario, o official-maior, *Manoel Ferreira Accioli.*

DECLARAÇO'ES.

— Pela mesa do consulado provincial se faz sciente aos proprietarios dos predios das differentes freguezias, que os trinta dias uteis para o recebi-

MUTILADO

ILEGÍVEL

mento da decima do segundo semestre do anno financeiro de 1853 a 1854, se finalisam no dia 10 de julho corrente.

— Pela administração dos estabelecimentos de caridade, se faz publico que perante a mesma, vai á praça nos dias 11, 12 e 13 do corrente, para ser arrematada, a olaria junto a obra do hospital: quem se propozer a tal arrematação, compareça nos dias indicados ás 5 horas da tarde na sala de suas sessões. Secretaria da administração dos estabelecimentos de caridade, 7 de julho de 1854.—O escrivão, *Antonio José Gomes do Correio.*

SABBADO 8 DE JULHO.

Ultimo espectaculo em favor do MONTEIRO.

Tera lugar o bello e interessante vaudeville em 3 actos

O REMENDAÕ DE SMIRNA.

Seguir-se-ha pela primeira vez neste theatro a nova comedia em 1 acto:

OS DOUS SEM CALÇAS.

Nesta bella comedia muito dever agradar a originalidade de seus caracteres.

Finda o espectaculo a engraçada farça

O RECRUTAMENTO NA ALDEIA.

He este o divertimento que o beneficiado julgou conveniente offerecer a seus amigos e protectores a quem he tão grato.

O beneficiado previne ao respeitavel publico que este divertimento não será transferido, e espera que sendo esta a ultima vez que recorre a generosidade publica, concorram a ajuda-lo com sua costumada protecção.

Os bilhetes estão á disposição do publico no hotel Francisco n. 9, e no dia, no escriptorio do theatro.

QUARTA FEIRA 12 DE JULHO.

Beneficio de Bernardino de Sena Loureiro.

Subirá a scena o novo drama em tres actos, que tem por titulo

O MOSTEIRO ABANDONADO,

ou

A MALDIÇÃO' PATERNA.

No fim do drama terá lugar a representação da graciosa comedia em um acto

O meu paizinho.

O artista beneficiado, achando-se ha quatro mezes desligado do theatro, e desde esse tempo sempre doente, e ultimamente, ha dous mezes, entrevado com excessivas dores rheumaticas, de cujo estado seus companheiros artistas se compadeceram para lhe proporcionarem esta recita em seu favor, na qual todos de bom grado vão trabalhar; roga tambem nesta occasião aos seus affeiçoados e ao publico pernambucano, que já exuberantes provas de protecção lhe tem dado, o não desamparem agora que mais de auxilio necessita.

Os bilhetes vendem-se desde já em casa do beneficiado na rua do Mundo-Novo n. 36, e no dia do espectaculo das 9 horas em diante no escriptorio do theatro.

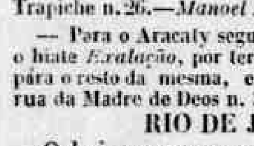
Principiará ás horas do costume.

AVISOS MARITIMOS.

—Para Lisboa segue viagem impreterivelmente até 11 do proximo mez de julho, a barca portugueza *Gratidão*: quem na mesma quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem superiores commodos, entenda-se com os consignatarios Thomaz de Aquino Fonseca & Filho na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, ou com o capitão Antonio Alves Pedrozo, na praça.

— Para o Rio de Janeiro, sahe no dia 8 do corrente, o bem conhecido brigue *Sagitario*, recebe somente passageiros e escravos, aos quaes costuma dar bom tratamento: a tratar na rua do Collegio n. 17, segundo andar, ou com o capitão a bordo.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR LUZO-BRASILEIRA.



Os Srs. accionistas desta companhia, são convidados a realisar a quarta prestação de suas acções com a maior brevidade, para ser remettida á direcção na cidade do Porto, dirigindo-se ao baixo assignado na rua do Trapiche n. 26.—*Manoel Duarte Rodrigues.*

— Para o Aracaty segue viagem por estes dias, o hiate *Exalação*, por ter parte da carga prompta, pára o resto da mesma, e passageiros: trata-se na rua da Madre de Deos n. 36.

RIO DE JANEIRO.

O brigue escuna nacional «Maria», segue com brevidade; para carga, trata-se com Machado & Pinheiro, na rua do Vigario n. 19, segundo andar, ou com o capitão na praça.

— Vende-se a barcaça «Santo Antonio de Lisboa» muito nova e velleira, e pega em 22 caixas, por preço muitissimo commodo, fundeada dafronte do trapiche do algodão: a tratar na Boa-Vista, becco do Martins n. 3.

LEILO'ES.

— Terça feira 11 do corrente, ás 10 e meia horas da manhãa, o agente Victor fará leilão no seu armazem rua da Cruz n. 25, de grande e variado sortimento de obras de marcineria de differentes qualidades, novas e usadas, relogios de metal galvanisados para algibeira, ricas chapelinas de seda para senhora, chapeos brancos de castor, e pretos, candieiro para meio de sala, lanternas pés de vidro, e casquinho, o restante dos livros que foram do finado Dr. José Francisco de Paiva, diversas obras de prata de lei, um cavallo para carro bom trotador: e outros muitos objectos que estarão patentes no dia do leilão.

AVISOS DIVERSOS.

— Adverte-se ao Sr. commandante do batalhão da guarda nacional de Santo Antonio, que elle não póde chamar para o serviço da guarda nacional, revistas etc., aos individuos sobre que pende recurso, por quanto não estão elles devidamente qualificados, visto como inda ha para onde recorrer; esta doutrina esta' explicada por um aviso do Sr. ministro da justiça, publicado ha poucos dias neste Diario.

☞ AO CONSELHO DOS DEZ SEM SER DE VENEZA. ☜

Os abaixo assignados moradores na rua da Santa Cruz da freguezia da Boa-Vista, tendo assignado a representação feita a S. M. F. o rei regente de Portugal, contra o consul, e seu chanceller Miguel José Alves nesta provincia, vendo a maneira desabrida com que os *membros do conselho dos dez escolhidos para inquiridores da honra de seus compatriotas*, classificaram os signatarios de dita representação; faltariam ao mais sagrado dever, e seriam tachados da mais reprovada cobardia, se não pedissem aos *sapientissimos e imminentissimos membros*, explicações a respeito de uma semelhante qualificação feita por suas.....; e por isso pedem aos mesmos, que se dignem declarar os nomes dos alienados, réos de policia, e vadios, para que o publico sensato não faça algum juizo temerario a respeito dos abaixo assignados: pergunta-se mais aos mesmos, se os signatarios daquella representação não gozam do foro de cidadãos portuguezes, por terem sido qualificados com os empregos, officios, occupações, e mais epithetos que suas...... inventaram, e se só aos do *conselho dos dez* cabe esse direito: a falta de resposta ao que se pede, habilitará os *membros do conselho a serem tidos e havidos por vis' calumniadores.* Boa-Vista 7 de julho de 1854.—*Manoel José de Brito Barreiros.—Luiz Moreira da Silva.—Manoel Ferreira Filho.—Antonio Fernandes de Azevedo.—Domingos Bernardino da Cunha.—Antonio Alves Vilella.—José Antonio Ferreira.*

— A direcçao' da associaçao' commercial dos lojistas, convida novamente a todos os socios a reunirem-se em assembléa geral, na casa das suas sessões no dia 8 do corrente as 10 horas da manha'a.

— Precisa-se alugar um bom cozinheiro, prefere-se escravo, para uma casa estrangeira de pouca familia: na rua da Senzala Velha, na esquina do becco do Capim, n. 60.

— A lettra que se perdeu no dia 5 do corrente, aceita por Manoel Antonio Pereira Ramos, foi achada no dia antecedente, e existe em mão de seu dono, José Maria de Mello Zumbão.

— Aluga-se o segundo andar com sotam de um sobrado, atraz do theatro velho: a tratar com Luiz Gomes Ferreira no Mondégo.

— Offerece-se uma mulher capaz para ama de casa de um homem solteiro ou de pouca familia, entende do serviço, e por isso quem della precisar, dirija-se á rua da Assumpção n. 64.

— Fugio um papagaio, quem o achou querendo entregar: mande-o a rua das Cruzes n. 40

— Os credores de Bento José Rodrigues que ainda não receberam seus dividendos, podem faze-lo quando queiram, do abaixo assignado *Joaquim L. M. da Franca.*

CONSULTORIO DOS POBRES.

25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parte, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.

25 RUA DO COLLEGIO 25

VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous: . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam da homeopathia, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si proprios se convencerem da verdade da mesma: interessa a todos os senhores de engenho e fazendeiros que estão longe dos recursos dos medicos: interessa a todos os capitães de navio, que não podem deixar uma vez ou outra de ter precisão de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripolantes; e interessa a todos os chefes de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar soccorros a qualquer pessoa della.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção do Dr. Hering, obra igualmente util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia um volume grande . . . . 8$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, pharmacia, etc., etc.: obra indispensavel ás pessoas que querem dar-se ao estudo de medicina . . . . 4$000

Uma carteira de 24 tubos grandes de finissimo christal com o manual do Dr. Jahr e o diccionario dos termos de medicina, etc., etc. . . . . 40$000

Dita de 36 com os mesmos livros. . . . . 45$000

Dita de 48 com os ditos. . . . . 50$000

Cada carteira he acompanhada de dous frascos de tinturas indispensaveis, a escolha.

Dita de 60 tubos com ditos. . . . . 60$000

Dita de 144 com ditos. . . . . 100$000

Estas são acompanhadas de 6 vidros de tinturas á escolha.

As pessoas que em lugar de Jahr quizerem o Hering, terão o abatimento de 10$000 rs. em qualquer das carteiras acima mencionadas.

Carteiras de 24 tubos pequenos para algibeira . . . . 8$000

Ditas de 48 ditos . . . . 16$000

Tubos grandes avulsos . . . . 1$000

Vidros de meia onça de tintura . . . . 2$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se póde dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da superioridade dos seus medicamentos.

Na mesma casa ha sempre a venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, e apromрta-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

ATTENÇAO'

Roga-se ao amigo, caixa de oculos, que se deixe de fazer tijolos as 3 horas da madrugada, pois alem de incommodar a visinhança, póde ficar maduro.

Um incommodado.

— A pessoa que por engano levou de cima de uma mesa da secretaria de policia um titulo de residencia de Francisco José de Souza: querendo restitui-lo leve-o a Soledade n. 16, que muito se lhe agradecerá.

— Ainda continua a estar fugida a escrava crioula de nome Bemvinda, de estatura ordinaria, tem bastantes marcas de bexigas no rosto; levou vestido de chita desbotado: quem a pegar leve a rua do Queimado n. 61, que será recompensado.

— Roga-se ao Illm. Sr. capitão do porto, tenha a bondade mandar examinar o isthomo pelo lado do mar grande, logo em seguimento a fortaleza do Buraco, o qual se acha com menos de 30 palmos em sua largura, por conseguinte quasi a arrombar-se, por tanto escapando das marés deste mez, talvez não escape nas de agosto, quando são as marés do equinocio.—*Um que conhece o perigo.*

— O capitão thesoureiro do segundo batalhão de infantaria da guarda nacional desta cidade, scientifica aos interessados, que comprou por conta das caixas a seu cargo, o bilhete da 2.ª parte da 5.ª loteria da matriz da Boa-Vista desta cidade, n. 1818.

— Quem precisar de um caixeiro para taberna, ou padaria, do que tem pratica, e mesmo para tomar por balanço: annuncie por esta folha.

— No becco do Padre, sobrado por cima de uma casa em que se vende quitanda na porta, ha uma senhora capaz que se offerece para cozinhar em sua casa com todo o asseio, para qualquer pessoa que precise: e bem assim a tratar de algum doente com todo o esmero, e delicadeza.

ATTENÇAO'.

A preciosa agua de Malabar, descuberta por Lascombe.

A' todas com preferencia,
Bella agua de Malabar.
Quem quizer venha comprar
No bazar Pernambucano.

Quem deixará de comprar
Para cabellos elixir
Tão precioso licor
No bazar Pernambucano?

A cinco mil reis a caixa
Quem quizer póde vir ver,
Que ha muitas p'ra vender
No bazar Pernambucano.

Cabellos brancos faz pretos
De certo modo applicada!...
Venham ver, rapaziada!
No bazar Pernambucano.

Não está na moda por certo
Tanta barba esbranquiçada;
A ella, gente arruivada!
No bazar Pernambucano.

Lascombe, que a descobrio,
Ficará muito obrigado
Se souber, qua he procurado
No bazar Pernambucano.

— Aluga-se um pequeno sitio com muito boa casa, no principio da estrada dos Afflictos ao pé da ponte do Manguinho, com varias arvores de frutos e parreiral, com excellente agua de beber: quem o pretender alugar falle no largo da Trempe, sobrado n. 1, que tem venda por baixo, que achará com quem tratar.

— Antonio Joaquim dos Santos Andrade julga nada dever nesta praça, e se alguem se julgar seu credor apresente suas contas até o dia 12 para serem immediatamente pagas; ficam sendo seus procuradores: 1.º Luiz José Rodrigues de Souza, 2.º Angelim José dos Santos Andrade, e 3.º João Baptista Rodrigues de Souza.

PROVARA'S.

Provará que a mui recente quebrada sala de dansa rôsca, hoje ressuscitada com a muito aparatosa firma de R.......... debaixo da immediata direcção...... que perdeu na rôsca oitenta bages. Provará mais o supplicante que entrou gratuito, não só elle como mais tres d'outra sociedade, e que os mais socios de outras salas terão entrada e mensalidades gratis, pois que o muito illustre director quer tomar conhecimento para a orelha da sota. Provará tambem que a licença he concedida a um tal C...... e o que tal pai da sota, como socio, se arrogou a director sem mais nem menos. Finalmente provará, que a maior parte dos socios são de modos vivendos.—Pin... Pol... PG.—Certifico que os provaras ácima são exactos e como tal podem ser publicados—Director e pagador C...... vice D..... trinta—espere que falta minha firma como secretario e gerente de uma casa que botei fóra para mais de 30:::: e me vejo reduzido... aos meus Tamancos.

ANECDOTA.

Fallo eu ou chia um carro, meus senhores, aqui não he batuque de cuia, estamos n'um cortiço de abelhas, meus senhores, a... a... ordem... lá vai, meus senhores, pares pa para a chotiza; isto que vos conto he verdade, e o que mais observar vos contarei da setima sala de dansa que teve sua abertura nestes dias.

— João Peetro Vogeley, fabricante de pianos, afina e concerta com toda a perfeição, tendo chegado recentemente dos portos da Europa, de visitar as melhores fabricas de pianos, e tendo ganho nellas todos os conhecimentos e pratica de construcções de modernos pianos, offerece o seu prestimo ao respeitavel publico para qualquer concerto e afinações com todo o esmero, tendo toda a certeza que nada fica a desejar as pessoas que o incumbam de qualquer trabalho, tanto em brevidade como em modico preço: na rua Nova n. 41, primeiro andar.

ASSOCIAÇAO' LOGISTA.

He convocada novamente para assembléa geral no dia 9 do corrente (domingo), pelas 10 horas da manhãa, e se tomara' qualqner deliberação com o numero que comparecer na conformidade do artigo 49 dos estatutos.

— Na rua larga do Rosario n. 22, segundo andar, se precisa fallar com a viuva do finado Manoel de Souza Raposo, a negocio que lhe diz respeito, ou então que annuncie sua morada para ser procurada.

— Precisa-se de uma ama de leite, forra ou captiva, para se encarregar da criação de uma menina nascida ha poucos dias: na rua larga do Rosario n. 30, terceiro andar.

50$000 de gratificação

a quem pegar o moleque, crioulo, de nome André, catraeiro, idade 17 a 18 annos, secco do corpo e alto; fugio no dia 24 de maio proximo passado; roga-se a todas as autoridades policiaes e capitães de campo, que levem-o a seu senhor, no Forte do Mattos, trapiche do algodão, ou na cidade de Olinda, no Varadouro, a João Antonio Moreira, que promptamente dará o promettido.

—Pergunta-se ao illustrado autor—o incognito P—da classificação dos dez commerciantes de que trata a sua genuina publicação no *Diario de Pernambuco* de 6 do corrente, se um accionista das companhias de commercio, Banco de Pernambuco, da de vapores a Pernambucana, da de seguros Utilidade Publica, e além disto tambem proprietario, muito embora tenha outras occupações commerciaes de que vive ha mais de 27 annos passados, póde ser qualificado commerciante nesta praça, e senão em que lugar deve ser collocado, se no de logista, armazenario de assucar, carne secca, miudezas, ferragens, artista, taberneiro, ou finalmente no da nobre classe de caixeiros. Com a sua resposta talvez ainda volte o

Roque.

— A commissão encarregada de festejar e fazer uma procissão ao milagroso padre Santo Antonio pelo milagre que fez de não acontecer desgraça alguma aos habitantes da Capunga, na grande cheia do dia 22 para 23 do corrente, tem determinado mandar cantar uma missa e sermão na igreja de S. José do Manguinho, e dahi sahir em procissão pela povoação até o lugar aonde o levaram os habitantes na occasião do perigo, e aonde lhe fizeram esta promessa, e para que chegue ao conhecimento de todos se faz o presente.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.

Acham-se a venda os bilhetes e meios bilhetes originaes da loteria nona, das obras publicas de Nictheroy. O pagamento dos premios sera' effectuado logo que se fizer a distribuição das listas que se esperam até 12 do corrente.

— O abaixo assignado faz sciente ao corpo do commercio, que tem autorisado a receber todas as suas dividas ao seu ex-socio Dionizio Vellozo de Macedo.—*José Joaquim Lima Bairão.*

— Manoel José de Sá Araujo retira-se para fóra desta provincia, e pelo presente pede a quem se julgar seu credor apresente sua conta para ser paga, isto no prazo de 8 dias, na rua da Cruz do Recife n. 33.

PIANOS.

Paton Nash & C. acabam de receber de Londres dous elegantes pianos, feitio vertical, de jacarandá, iguaes em qualidade e vozes aos dos bem conhecid autores Collard & Collard, rua do Trapiche Nov n. 10.

—Roga-se a pessoa queapanhou um papagaio queo voou no dia 2 do corrente mez, da casa n. 12, primeiro andar, da rua do Aragão, o qual tem em umo pe dous dedos roidos e sem unhas, e no outro uma unha bastante crescida, se digne leva-lo á mencionada casa, que será generosamente gratificada.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar. Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— Precisa-se de uma ama para todo o serviço de uma casa de tres pessoas de familia em Fora de Portas: na rua de Guararapes por cima da padaria, primeiro andar.

— Traspassa-se o arrendamento de um grande sitio perto desta praça, que accommoda annualmente 16 vaccas de leite, com a condição de quem o pretender, comprar as vaccas e crias que nelle existir: na rua do Queimado, loja n. 31.

— O bacharel formado A. R. de Torres Bandeira continúa a advogar, e tem o seu escriptorio na rua estreita do Rosario n. 41, segundo andar, onde poderá ser procurado das 8 horas da manhãa até a 1 da tarde.

— Quem precisar de um caixeiro portuguez para taberna, do que tem muita pratica, e mesmo para tomar por balanço, dirija-se a rua do Rangel n. 36, que achará o mesmo para tratar.

— O bacharel formado A. R. de Torres Bandeira, professor adjuncto de rhetorica e geographia, no lyceu desta provincia, propõe-se a dar lições destas mesmas disciplinas, na casa de sua residencia, na rua estreita do Rosario n. 41, segundo andar, onde podera ser procurado para este fim, das 2 horas até as 6 1/2 da tarde.

— Perdeu-se na noite do dia 4 do corrente, da praça da Boa-Vista até o Manguinho, um capote de panno fino azul forrado de ganga encarnada, e com a gola de orêlo preto: a pessoa que o achou, queira fazer o favor entrega-lo na rua da Palma, em casa do bacharel Joaquim Ferreira Chaves, que será recompensado.

— Precisa-se alugar uma preta para o serviço de uma casa de familia, menos cozinhar e engommar: a fallar na rua Augusta, no segundo sobrado vindo do chafariz.

CONSULTORIO HOMEOPATHICO.

GRATUITO PARA OS POBRES.

28 RUA DAS CRUZES 28.

O Dr. CASANOVA medico francez, dá consultas todos os dias, e póde ser procurado a qualquer hora.

No mesmo CONSULTORIO RUA DAS CRUZES N. 28, aonde morou o Sr. GOSSET BIMONT, acha-se á venda um grande sortimento de CARTEIRAS de todos os tamanhos, por preços commodissimos. ELEMENTOS de homeopathia e pathogenesia brasileira. Esta obra he muito importante para as pessoas que se querem tratar a si mesmo, sendo a maior parte traducção das obras do Dr. JAHR, accommodada a intelligencia do povo, 4 volumes, pelo baratissimo preço de. . . . 6$000

1 carteira de 60 tubos grandes. . 30$000
1 dita de 48. . . . . . 22$000
1 dita de 36. . . . . . 16$000
1 dita de 24. . . . . . 12$000
1 dita de 24 tubos pequenos. . 6$000
1 dita de 24 ditos. . . . . 4$000
Tubos grandes avulsos a escolher 500
Ditos pequenos idem. 300
1/2 onça de tintura a escolha . . 1$000

Avia-se qualquer encommenda com prestesa, e por preços muito em conta.

Este estabelecimento está bem conhecido e bastante acreditado em todo o imperio, e acha-se o mais bem montado possivel, e escusado he querer elogia-lo.

ATTENÇAO'.

No dia da grande cheia desappareceu uma canoa grande, aberta, já usada e sem numero, amarrada em uma estaca á margem do rio Capibaribe, por detraz da casa do Sr. Luiz Antonio de Siqueira, na ponte de Uchoa: quem a tiver pegado, ou souber onde está encalhada, dirija-se á rua da Aurora n. 26, primeiro andar, que será bem recompensado.

SOCIEDADE PERNAMBUCANA.

A carne verde nos açougues da sociedade sera' vendida na semana a decorrer de 9 a 15 do corrente, ao preço de 8 patacas da primeira qualidade, 7 patacas da segunda qualidade.

— Os abaixo assignados, portuguezes, moradores na rua do Rangel, rogam ☞ ao Sr. Mathias de Azevedo Villarouco e mais membros do conselho dos Dez, ☜ queiram declarar se elles estão comprehendidos no numero dos réos de policia, alienados, fallidos, fugidos, ou cujos nomes são dos apocriphos ou insignificantes, de que trataram no exame a que procederam nas assignaturas da representação que a sua magestade el-rei regente, dirigiram os portuguezes aqui residentes, ou então se digne declarar os nomes dos que assim classificaram, para tranquilidade de muitos.—*José Joaquim Ferreira, Domingos Ferreira Lima, Bernardino Ferreira Lima, João Simões da Costa, José Ignacio Arruda, Manoel de Souza Tavares, Manoel Joaquim da Silva Figueiredo, Antonio José Ferreira, Manoel José Vieira, João Baptista Rodrigues, Antonio de Couto Vieira.* A rogo de Antonio dos Santos Freitas, *Francisco Rodrigues de Figueiredo.*

SOCIEDADE R...........

Esta sociedade continúa a dar soirés, etc. etc., assim como tambem recebe socios de outras salas gratuitamente; o director antigo, abaixo assignado, se propõe com com outros socios a ensinar aos noviços lições—a vermelha he que ganha a preta perde—Da mesma fórma se previne aos pais de familias, que mandem suas filhas para tomar lições de boa moral lá............

O boi que sopra.

— O abaixo assignado tem justo e contratado com o Sr. José Carlos Marinho, a compra de uma casa terrea e um terreno contiguo a mesma, na passagem da Magdalena: quem se julgar com direito a ditos bens, dirija-se ao largo da Alfandega n. 63, e isto no prazo de 3 dias.

Francisco de Paula Dias Fernandes.

— João Fernandes, subdito portuguez, morador na rua detraz da matriz da Boa-Vista n. 64, de hoje em diante assignar-se-ha João Ferdandes da Silva Oliveira.

— O proprietario de duas pedras de moinho que estão ha tempos no pateo da Alfandega, junto a igreja da Madre de Deos, querendo as vender, dirija-se a rua da Senzala Velha, terceiro andar da casa n. 112, ou annuncie para ser procurado.

— J. H. Denker mudou o seu armazem e escriptorio da casa da rua da Cruz n. 18, para o primeiro andar da de n. 13 da mesma rua.

THEATRO D'APOLLO.

A commissão administrativa da companhia de accionistas convida pela segunda vez a todos estes senhores para a reunião ordinaria da assembléa geral que deve ter lugar no domingo 9 do corrente mez de julho ás 10 horas da manhãa, como he determinado na ultima parte do artigo 17 dos estatutos da mesma companhia, afim de se dar cumprimento ao disposto nos §§ do referido artigo.

— Precisa-se alugar uma preta que seja boa vendedora, ainda mesmo não tendo habilidades; paga-se bem: na rua do Padre Floriano n. 27.

THESOURO HOMEOPATHICO

OU

VADE-MECUM DO HOMEOPATHA

PELO

DR. S. O. LUDGERO PINHO.

Rua de S. Francisco (mundo novo) n. 68 A.

FRAGMENTO DEUMA CARTA.

Foi assas acolhido e saboreado aqui o—Thesouro Homeopathico—; os curiosos não podem deixar de render a V. S. muitos agradecimentos pela publicação de tão importante obra, a melhor sem duvida nenhuma, das que tem apparecido, etc. etc. etc.

Engenho Guerra 1. de junho de 1854.

José Antonio Pires Falcão.

— Aluga-se a loja do aterro da Boa-Vista n. 17 com bastante commodo: a tratar com Frederico Chaves, no mesmo sobrado.

— Desappareceu de bordo do brigue *Santa Barbara*, no dia 1. do corrente, o preto, orioulo, de nome Luiz, representa ter 30 annos de idade, pouco mais ou menos, côr fula, baixo, nariz chato, tem algumas marcas de bexigas; levou camisa azul, calça branca e bonete de côr, o qual he natural das Alagoas: roga-se portanto a todas as autoridades policiaes e capitães de campo a sua apprehensão, e leva-lo á rua da Cruz do Recife n. 3, escriptorio de Amorim Irmãos, ou a bordo do dito brigue, que será generosamente recompensado.

AVISO AO COMMERCIO.

Manoel & Villan tem a honra de participar aos Srs. logistas, que se achará sempre na sua fabrica, rua da Cruz n. 50, um esplendido sortimento de chapéos de sol para homens e senhoras, tanto de seda como de panno, os quaes vendem-se em porção de uma duzia para cima, e por preços modicos.

— Precisa-se alugar annualmente um sitio perto da cidade, que tenha casa soffrivel e algum arvoredo; na rua do Amorim n. 39, ou annuncie para ser procurado.

Antonio Agripino Xavier de Brito Dr. em medicina pela faculdade medica da Bahia, reside na rua Nova n. 67, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora para o exercicio de sua profissão.

— O Sr. José Antonio da Cunha, tem carta na livraria n. 6 e 8, da praça da Independencia.

— O abaixo assignado por si e por parte de seus irmãos Honorio Telles Furtado e João Telles Furtado, moradores todos nesta comarca de Garanhuns, previnem pelo presente ao publico desta provincia e limitrophes, para que de nenhuma fórma negociem com a madrasta dos mesmos, a Sra. Maria de Sant'Anna Leite Furtado, a respeito do dominio de uma escrava parda, de nome Sabina, que se acha em poder da dita senhora, no valor de cuja escrava tem os annunciantes suas cotas-partes, que em inventario por fallecimento do pai commum, lhes coube; e para evitarem qualquer fraude ou pretexto de ignorancia, fazem o presente. Villa de Garanhuns 9 de junho de 1854.—*José Telles Furtado.*

— O thesoureiro Francisco Antonio de Oliveira avisa ao respeitavel publico, que a loteria da matriz da Boa-Vista corre impreterivelmente no dia 14 de julho seja qual fór a quantidade de bilhetes que ficarem por vender, e os respectivos bilhetes estão a venda nos lugares d costume.

PASSAPORTE PARA PAIZES ESTRANGEIROS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 3, primeiro andar, tiram-se passaportes para os estrangeiros que quizerem viajar dentro e fóra do imperio: promette-se promptidão e commodidade de preço.

O Dr. João Honorio Bezerra de Menezes, formado em medicina pela faculdade da Bahia, offerece os seus prestimos ao respeitavel publico desta capital, podendo ser procurado a qualquer hora em sua casa rua Nova n. 19, segundo andar: o mesmo se presta a curar gratuitamente aos pobres.

J. J. PACHECO,

NEW AND ELEGANT DAGUERREAN GALLERY.

Pictures taken at this Establishment Warranted to give satisfaction, n. 4, aterro da Boa-Vista, terceiro floor, chrystalotypo. Galleria enriquecida de magnificos quadros dourados e de alabastro, primorosas caixas e lindas cassoletas, alfinetes e anneis. Tiram-se retratos quer esteja o tempo claro ou escuro. O respeitavel publico he convidado a visitar o estabelecimento, embora não queira retratarse: aterro da Boa-Vista nº 4, terceiro andar.

— O bacharel formado em mathematicas, Bernardo Pereira do Carmo Junior, ensina arithmetica, algebra e geometria, das 4 as 5 e meia horas da tarde: na rua Nova sobrado n. 56.

— D. W. Baynon cirurgião dentista americano reside na rua do Trapiche Novo n. 12.

— Necessita-se de uma escrava ou escravo, que seja bom cozinheiro, e que entenda de tudo pertencente a cozinha: no consulado americano n. 4, rua do Trapiche, ou no armazem de Davis & Companhia, rua da Cruz n. 9.

— Precisa-se de um criado e uma criada de meia idade: no aterro da Boa-Vista, loja n. 18.

J. Jane dentista,

continúa rezidir na rua Nova, primeiro andar n. 19.

O Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho mudou-se para o palacete da rua de S. Francisco (mundo novo) n. 68 A.

— Convida-se pelo presente a João Ferreira Leite, que se presume estar actualmente em Cariri-Velho, provincia da Parahiba, filho do velho Pedro Ferreira Leite, herões bem conhecidos na comarca de Bonito desta provincia, para que venha quanto antes satisfazer a quantia de rs. 200$000, constante de uma lettra que aceitou no dia 7 de abril do corrente anno, nesta comarca de Garanhuns, a prazo de 23 dias, em favor de quem elle bem sabe: se o não fizer com brevidade se fará publico todo esse negocio, que he sobremodo desairoso ao dito Leite.

— Precisa-se de uma escrava para o serviço de uma casa de pouca familia: na rua do Hospicio 3ª casa nova a direita depois de passar o quartel.

— Na rua de Hortas n. 142, primeiro andar, precisa-se de uma preta escrava para o serviço de de opuca familia.

LOTERIA DA MATRIZ DA BOA-VISTA AOS 10:000$ 4:000$ E 1:000$000 rs.

O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa ao respeitavel publico, que as rodas da mesma loteria, tem o seu impreterivel andamento no dia 14 de julho do corrente, em virtude do annuncio publicado no *Diario de Pernambuco* de 8 de junho n. 131, pelo thesoureiro o Sr. Francisco Antonio de Oliveira. Os seus afortunados bilhetes e cautelas estão expostos á venda nas lojas seguintes: rua da Cadeia do Recife n. 45, de José Fortunato dos Santos Porto; na praça da Independencia n. 4, de Fortunato Pereira da Fonseca Bastos, ns. 37 e 39, de Antonio Augusto dos Santos Porto; rua do Queimado n. 44, loja de fazendas de Bernardino José Monteiro & C.; rua do Livramento botica de Francisco Antonio das Chagas; rua do Cabugá botica de Moreira & Fragoso; rua Nova n. 16, loja de fazendas de José Luiz Pereira & Filho; Boa-Vista loja de cera de Pedro Ignacio Baptista. Paga sob sua responsabilidade os tres premios grandes sem o desconto de 8 por cento do imposto geral.

Bilhetes	11$000	10:000$000
Meios	5$500	5:000$000
Quartos	2$800	2:500$000
Decimos	1$300	1:000$000
Vigesimos	700	500$000

AS MAIS MODERNAS E RICAS OBRAS DE OURO.

Os abaixo assignados, donos da nova loja de ourives da rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, franqueiam ao publico em geral um bello e variado sortimento de obras de ouro de muitobons gostos e preços que não desagradarão a quem queira comprar; os mesmos se obrigam por qualquer obra que venderem a passar uma conta com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos por qualquer duvida que apparecer.—*Serafim & Irmão.*

— O Dr. Firmo, medico, mudou sua residencia para a rua estreita do Rosario casa n. 50, segundo andar.

— José de Medeiros Tavares, por seu bastante procurador, vendo o annuncio do Sr. José Dias da Silva no *Diario* de 5 do corrente, declara ao mesmo Sr. José Dias, que em quanto a ratificação de arrendamento que lhe fez o Sr. Joaquim Soares Raposo da Camara do vinculo da ilha de S. Miguel do reino de Portugal, nada lhe vale por lhe haver o mesmo Sr. Joaquim Soares Raposo da Camara, muito antes da retificação, passado escriptura de arrendamento e recebido 1:200$000 de dous annos de renda adiantados, cuja escriptura foi passada ao Sr. Domingos Henriques de Oliveira, e por este cedida a Tavares.

Antonio Domingues de Almeida Poças.

— Precisa-se de uma ama para casa de pequena familia, porem que seja cuidadosa e prompta para todo e qualquer serviço de portas a dentro, e que saiba engommar: na rua do Hospicio n. 34.

— O Sr. João José da Costa Santos deixou de ser caixeiro do abaixo assignado e da agencia da companhia brasileira de paquetes de vapor, desde o dia 13 do mez proximo passado.—*Thomaz de Faria.*

— Ha uma carta para ser entregue ao Sr. Antonio de Sá e Albuquerque, e outra para Francisco Paes Barreto: na rua da Cadeia do Recife n. 41.

— Offere-se para ama de casa uma mulher que sabe fazer todo o serviço de uma casa: no Recife, becco do Luiz Gomes, o segundo da rua da Cadeia, indo de Santo Antonio, casa ao pé do Sr. Cunha.

— Sexta-feira, 7 do corrente, perante o Sr. Dr. juiz de direito da primeira vara do civel, na sala das audiencias, a 1 hora depois do meio dia, se hão de arrematar a quem mais der, varios objectos pertencentes a testamentaria do finado Joaquim José Ferreira, pelos preços constantes do escripto que se acha em poder do porteiro do juizo João dos Santos Torres, e vão á praça á requerimento de Manoel Joaquim Ramos e Silva, testamenteiro do mesmo fallecido.

— Precisa-se de um menino de 12 a 16 annos para caixeiro: na fabrica de Antonio Carneiro da Cunha, nos Coelhos. Na mesma fabrica aluga-se ou compra-se uma preta cozinheira e engommadeira; paga-se bem uma ou outra cousa.

— Aluga-se um preto cozinheiro, sem vicio e habil para outro qualquer serviço: no armazem da rua Nova n. 67.

— Precisa-se de um portuguez para feitor de um sitio, que entenda de plantações: no armazem da rua Nova n. 67.

— Lava-se, engomma-se e cosem-se camisas de homem e vestidos de senhora, assim como obras para loja: na rua estreita do Rosario n. 12, segundo andar.

— Joaquim Pereira da Costa Larangeira, subdito portuguez, casado, vai á Europa á tratar de sua saude.

— Marcelino Jesú Antunes, subdito portuguez, vai fazer uma viagem ao norte da provincia.

— Precisa-se de um caixeiro de 12 a 14 annos, com pratica de taberna ou sem ella, que dê fiador a sua conducta: na rua das Cruzes n. 20.

— Precisa-se de um feitor que saiba tratar de pomar e enchertar: no aterro da Boa-Vista n. 43. Na mesma casa precisa-se comprar uma canoa de carreira para 6 ou 8 pessoas.

— Precisa-se de um menino portuguez de 12 a 14 annos, para caixeiro de loja de miudezas: no aterro da Boa-Vista, loja de miudezas n. 72.

— Precisa-se de uma ama, não sendo que trage de timão: na rua Direita n. 72.

— Engomma-se, lava-se e cose-se com perfeição e por preços commodos: na rua do oitão da matriz da Boa-Vista n. 34.

— Desappareceu do engenho Cosmorama, no Cabo, no dia 30 de junho, um moleque de nome João, de idade 18 a 20 annos, tendo ambos os pés enchados (sendo um mais que outro): quem o pegar, leve-o ao sobrado de dous andares junto a igreja do Paraizo, que sera recompensado.

— Os abaixo assignados, caixeiros da rua Direita, assignantes da representação a S. M. el-rei regente, contra o consul e vice-consul nesta provincia, a bem de seu direito, precisam que Ss. Ss. mandem passar por certidão, avista de seu livro de qualificação em que o conselho os qualifica, para que o publico não os julgue dos alienados, cêgos, réos de policia, ou desvalidos, pois esperam sem aggravo do conselho, que os deiram.—E. R. Mc.—*João de Araujo Lima, João Francisco de Braz, Alvaro José Esteves Braga, Manoel Carreiro da Silva, Antonio Manoel de Oliveira Villa, Antonio da Costa Miranda Bastos.*

— Pergunta-se ao torcedor de pavios Fortunato dos Anzoes, em que escola aprendeu a classificar as qualidades alheias, ou se o pavio dá essa sciencia.

O desertor do cemiterio.

COMPRAS.

— Compra-se prata brasileira e hespanhola: na rua da Cadeia do Recife n. 24, loja de cambio.

— Compram-se periodicos para embrulho a 3$800 a arroba, garrafas e botijas vasias de todos os tamanhos e qualidades, vidros tambem de todos os tamanhos e potes de graixa, tudo usado: no pateo do Carmo venda da esquina da rua de Hortas n. 2.

— Compram-se acções do Banco de Pernambuco: na rua da Cruz, casa n. 3, de Amorim Irmãos.

— Compra-se effectivamente bronze, latão e cobre velho: no deposito da fundição d'Aurora, na rua do Brum, logo na entrada n. 28, e na mesma fundição em S. Amaro.

— Compram-se acções do banco de Pernambuco: na rua do Queimado n. 9, casa de Antonio Luiz de Oliveira Azevedo.

— Compra-se um preto velho, que possa tratar de um cavallo, e fazer algum serviço leve: na rua da Praia de Santa Rita.

VENDAS.

CARTAS DE ENTERRO.

Vendem-se cartas de convite para enterro de gosto moderno: na livraria n. 6, e 8 da praça da Independencia.

— Vende-se uma cabra com bastante leite e muito mansa, no areial do forte das Cinco Pontas, casa da esquina do lado da maré, n. 49.

— Vende-se um mulatinho de 16 annos, com principio de boleeiro: no largo do Capim, cocheira de Paulo & Silva.

— A taberna do largo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2, acha-se sortida de todos os generos novos, de boa qualidade e baratos; manteiga ingleza e franceza, boa, de 400 até 800 rs., toucinho novo, o melhor que ha no mercado a 360 a libra, chá a 2$080 e 2$560, azeite doce a 640 a garrafa, vinho o melhor possivel a 400 rs. e 480 a garrafa, queijos muito bons a quatro patacas e doze vintens, tambem se vende pão como na padaria a cinco por quatro, peneiras de arame para os senhores padeiros e refinadores a 7$ e 8$000 rs.

TYPOGRAPHIA.

Na rua das Flores n. 37 primeiro andar, vende-se uma typographia nova com todos seus pertences.

Pianos.

Os amadores da musica acham continuadamente em casa de Brunn Praeger & Companhia, rua da Cruz n. 10, um grande sortimento de pianos fortes e fortes pianos, de differentes modellos, boa construcção e bellas vozes, que vendem por modicos preços; assim como toda a qualidade de instrumentos para musica.

—Vende-se azeite de nabo clarificado, proprio para candieiros de mola por ser muito fino, a 1$800 rs. a medida: no armazem de C. J. Astley & C., rua do Trapiche n. 3.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzalla Nova n. 42.

Linho do Porto superior engarrafado.
Sellins inglezes.
Relogios de ouro patente inglez.
Chicotes de carro.
Farello em saccas de 3 arrobas.
Fornos de farinha.
Candelabros e candieiros bronzeados.
Despenceira de ferro galvanisado.
Ferro galvanisado em folha para forro.
Cobre de forro.

Taberna em bom lugar.

Vende-se a taberna do pateo do Terço n. 2, a dinheiro, ou a prazo com boa firma: quem pretender dirija-se a travessa da Madre de Deos, armazem numero 7.

— E. Didier & C., rua da Cruz n. 51, teem para vender: couros grandes envernisados para coberta de carros, molas superiores para ditos.

— Vende-se uma escrava de nação, por precisão, com idade de 38 a 40 annos, pela quantia de 350$: a tratar na rua do Brum, casa de sotão, confronte a fundição ingleza.

—Na rua das Flores n. 21, na taberna confronte ao porto das canôas, vendem-se saccos com milho, e saccas com farinha da terra.

SACCOS COM MILHO.

Na taberna de João Baptista dos Santos Lobo, na travessa do arsenal de guerra, n. 1—A.

PALITO'S FRANCEZES.

Vendem-se palitós francezes de brim de linho e bretanha a 3$500, e 4$000, ditos de alpaka pretos e de côres, a 8$000, ditos de panno fino preto e de côres, a 14$, 16$ e 18$, tudo de ultima moda e bem acabados: na rua Nova loja n. 16 de José Luiz Pereira & Filho.

— Vendem-se diversas peças de musica chegadas pelo ultimo vapor da Europa, como sejam: passo dobrado, ordinarios, tercêtos, polkas e quadrilhas, por preço commodo: na rua Nova, n. 16.

— Vende-se a obra Recreação Philosophica, pelo padre Theodoro de Almeida: na rua Nova, numero 16.

MOENDAS SUPERIORES.

Na fundição de C. Starr & Companhia em Santo Amaro, acha-se para vender moendas de cannas todas de ferro, de um modello e construcção muito superiores.

ARADOS DE FERRO.

Na fundiçao' de C. Starr. & C. em Santo Amaro acha-se para vender arados de ferro de superior qualidade.

Aviso ao esquadrão.

Na rua do Queimado n. 50 ha para vender por preço commodo um sellim e seus pertences e um fardamento completo para um guarda de cavallaria: quem pretender dirija-se a mesma casa que achará com quem tratar.

PARA A FESTA.

Sellins inglezes para homem e senhora

Vendem-se sellins inglezes de patente, com todos os pertences, da melhor qualidade que tem vindo a este mercado, lisos e de burranne, por preço muito commodo: em casa de Adamson Howie & Companhia, rua do Trapiche n. 42.

— Vende-se um escravo crioulo bom official de sapateiro, com 21 annos de idade; quem o pretender procure na rua do Tambiá, casa do alferes do nono batalhão de infantaria Raymundo Nonato da Silva.

SACCAS COM MILHO.

Ja' chegou da Parahiba uma porção de saccas, e acham-se no trapiche da alfandega velha.

—Na rua das Cruzes taberna do Campos, vendem-se e alugam-se, tanto a retalho como por junto, as melhores que ha no mercado bichas hamburguezas, por preço commodo.

LOTERIA DA PROVINCIA.

Aos 10:000$.

Na casa feliz dos quatro cantos da rua do Queimado n. 20 estão á venda os afortunados bilhetes e cautellas da loteria da Boa-Vista que corre no dia 14 e paga-se os premios de 1:000$ para cima sem desconto algum.

Farinha de mandioca.

Vende-se muito boa farinha de mandioca; a bordo do brigue nacional *Inca*, chegado de Santa Catharina: para porções, trata-se no escriptorio da rua da Cruz n. 40, primeiro andar.

— Vende-se um telheiro grande, por preço commodo: quem quizer, a fallar com Frederico Chaves, no aterro da Boa-Vista n. 17.

— Vende-se ou permuta-se por uma casa terrea dentro da cidade, um bom sitio na estrada do Rosarinho, com casa de pedra e cal, boa cacimba, bastantes arvoredos de fructos, boa baixa, e em terras proprias: a tratar com Frederico Chaves, no aterro da Boa-Vista n. 17.

— Vendem-se camisas de meia para crias recemnascidas, pelo diminuto preço de 300 rs. cada uma: no Bazar Pernambucano, rua Nova n. 33.

— Vendem-se 4 molecotes de 14 a 18 annos, sendo 1 bom official de pedreiro, e 2 escravos moços: na rua Direita n. 3.

Não pode ser mais barato.

Na rua do Queimado n. 10 vendem-se fazendas por preço tão barato, que só o comprador vendo acreditará.

Chita franceza larga. . . .	200	
Barege de lãa e seda para vestido de senhora	360	cov.
Cassas de cores muito finas.	500	var.
Riscados francezes	200	cov.
Córtes de casemira de lãa. .	4$000	
Chapéos francezas. . . .	6$000	
Brim de linho de cor. . .	600	var.
Chales de seda	5$000	
Chitas de barra largas . . .	240	cov.
Filó de cor larga	640	var.

LOTERIA DA MATRIZ DA BOA VISTA.

Casa da Esperança rua do Queimado n. 61.

Nesta casa está a venda um completo sortimento de cautelas desta loteria, cujas rodas andam no dia 14 de julho.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras: quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

A 500 RS. A VARA.

Brim trançado branco de puro linho, muito encorpado: na loja da esquina da rua do Crespo que volta para a cadeia.

COBERTORES.

Vendem-se cobertores de tapete a 800 rs., ditos muito grandes a 1$400, ditos brancos com barra de côr a 1$280, colchas brancas com salpicos a 1$000: na loja da rua do Crespo n. 6.

BRIM DE PURO LINHO, PROPRIO PARA MILITARES.

Vende-se brim de linho branco muito encorpado a 500 rs. a vara, córtes de casemira elastica a 4$000, panno azul para fardas de guarda nacional a 3$000 e 4$000 o covado, dito preto para palitós a 3$000, 4$000 e 4$500, lenços de seda de 3 pontas, proprios para senhora botar pelos hombros a 640 cada um, e muito mais fazendas em conta; na rua do Crespo, loja n. 6.

SANDS.

SALSA PARRILHA.

Vicente José de Brito, unico agente em Pernambuco de B. J. D. Sands, chimico americano, faz publico que tem chegado a esta praça uma grande porção de frascos de salsa parrilha de Sands, que são verdadeiramente falsificados, e preparados no Rio de Janeiro, pelo que se devem acautelar os consumidores de tão precioso talisman, de cahir neste engano, tomando as funestas consequencias que sempre costumam trazer os medicamentos falsificados e elaborados pela mão daquelles, que antepoem seus interesses aos males e estragos da humanidade. Portanto pede, para que o publico se possa livrar desta fraude e distingua a verdadeira salsa parrilha de Sands da falsificada e recentemente aqui chegada; o annunciante faz ver que a verdadeira se vende unicamente em sua botica, na rua da Conceição do Recife n. 61; e, além do receituario que acompanha cada frasco, tem embaixo da primeira pagina seu nome impresso, e se achará sua firma em manuscripto sobre o involtorio impresso do mesmo fracos.

— Vende-se um cabrioiet com sua competente coberta e arreios, tudo quasi novo; assim como 2 cavallos do mesmo já ensinados e mansos: para ver, na cocheira do Pedro ao pé do arsenal de marinha, e para tratar, na rua do Trapiche Novo n. 14, primeiro andar.

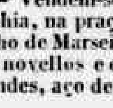
DEPOSITO DE PANNO DE ALGODA'O DA FABRICA DE TODOS OS SANTOS NA BAHIA.

Vende-se o superior panno de algodão desta fabrica, proprio para saccos e roupa de escravos: no escriptorio de Novaes & Companhia, rua do Trapiche n. 54, primeiro andar.

— Vendem-se 4 escravos, 1 mulato de 20 annos, 1 moleque de 17 annos, 1 preta lavadeira e engommadeira, 1 preto de 40 annos e 30 traves de pao darco: na rua larga do Rosario n. 25.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenho os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.



Vendem-se relogios de ouro e prata, mais barato de que em qualquer outra parte: na praça da Independencia n. 18 e 20.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia.

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodaõ trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

— Vendem-se em casa de Mc. Calmont & Companhia, na praça do Corpo Santo n. 11, o seguinte: vinho de Marseille em caixas de 3 a 6 duzias, linhas em novellos e carreteis, breu em barricas muito grandes, aço de milaõ sortido, ferro inglez.

AGENCIA

Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmont & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inetiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para a rmar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor, com força de 4 cavallos, côcos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco vens para navios, ferro da Suecia, e folhas de flandres; tudo por barato preço.

— Vendem-se carros de mão, fortes, e bem construidos, carroças para boi, e tambem para cavallo, pés de larangeiras de umbigo e da china, pés de fructapão, de sapoty, e de limão para cerca, tudo por preço muito commodo: na ponte de Uchoa sitio do João Carroll.

— Vende-se sola muito boa, em pequenas e grandes porções, chegada ultimamente do Aracaty: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

VELAS DE CERA DE CARNAUBA.

Vendem-se velas de cera de carnauba, em caixas pequenas e grandes, de muito boa qualidade, feitas no Aracaty: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

CERA DE CARNAUBA.

Vende-se cera de carnaubá, chegada agora do Aracaty: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

— Vende-se um burro de sella: na rua dos Guararapesn. 36.

— Relogios de ouro patente inglez ja bem conhecidos neste mercado, papel de peso proprio para se escrever por paquetes, linhas de algodão em carriteis de 200 jardas, fio de linho proprio para alfaiate e sapateiro, bicos de algodão em cartões pequenos, tudo por preço commodo, em casa de Russell Mellors & Companhia: na rua da Cadeia do Recife n. 36.

LINGUAS DO RIO GRANDE.

Para acabar, se vendem mais barato as boas linguas seccas do Rio Grande: no armazem da rua da Praia n. 66.

— Vende-se um carrinho de 4 rodas, novo, muito elegante e maneiro, vindo de França: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

— Vende-se vinho branco de Bordeaux, em garrafas, a 9$500 a duzia: no Recife, rua do Trapiche, em casa do Sr. Hebrard e Fernando de Lucas.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se cera tanto em grume, como em vellas, em caixas, com muito bom sortimento e de superior qualidade, chegada de Lisboa na barca *Gratidão*, assim como bolachinhas em latas de 8 libras, e farello muito novo em saccas de mais de 3 arrobas.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do condi de Mareuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a champagne, vende-se a 56$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B. As caixas são marcadas a fogo — Conde de Marcuil — e os rotulos das garrafas são azues.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem para vender-se chapeos de castor brancopor commodo preço,

— Vendem-se pregos americanos, em barris, proprios para barricas de assucar, e alvaiade de zinco, superior qualidade, por preços commodos: na rua do Trapiche Novo n. 16.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Vende-se peixe secco de varias qualidades e muito bom: na rua da Cruz n. 15, segundo andar; assim como botins de couro pelo diminuto preço de 2$500 o par.

5$000 cada um.

Vendem-se chapéos de sol de sêda, boa qualidade, por 5$000 rs. cada um, ditos de panninho, por 1$280: na praça da Independencia n. 35.

— Vendem-se cobertores de algodão grandes a 640, e pequenos a 560: na rua do Crespo n. 12.

QUEIJOS E PRESUNTOS.

Na rua da Cruz do Recife no armazem n. 62, de Antonio Francisco Martins, se vende os mais superiores queijos londrinos, presuntos para fiambre, ultimamente chegados na barca ingleza *Valparaizo.*

— Vende-se uma distilação completamente montada: o alambique he excellente por sua fornida construcção, e ser de cobre puro; a serpentina he de estanho, e só essa peça tem o peso de 200 libras, a bomba he igualmente de cobre, as cubas são de optimo amarello vinhatico, e mui bem construidas. Tudo está em proporção para produzir uma pipa de azuardente diaria: trata-se na rua da Cadeia do Recife n. 3, primeiro andar.

Na rua da Cadeia do Recife n. 60, armazem de Henrique Gibson:

vendem-se relogios de ouro de sabonete, de patente inglezes, da melhor qualidade e fabricados em Londres, por preço commodo.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem á venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

— Vende-se um excellente carrinho de 4 rodas mui bem construido, em bom estado; está exposto na rua do Aragão, casa do Sr. Nésme n. 6, onde podem os pretendentes examina-lo, e tratar do ajuste com o mesmo senhor ácima, ou na rua da Cruz no Recife n. 27, armazem.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixas de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Padaria.

Vende-se uma padaria muito afreguezada: a tratar com Tasso & Irmãos.

Aos senhores de engenho.

Cobertores escuros de algodão a 800 rs., ditos muito grandes e encorpados a 1$400: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

Redes acolchoadas,

brancas e de cores de um só panno, muito grandes e de bom gosto: vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

— No pateo do Carmo, taberna n. 1, vende-se um escravo de bonita figura, proprio para todo serviço.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz, n. 4.

VINHO DO PORTO MUITO FINO.

Vende-se superior vinho do Porto, em barris de 4., 5. e 8.: no armazem da rua do Azeite de Peixe n. 14, ou a tratar no escriptorio de Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 54.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Ausentou-se da casa do Sr. Sebastião Antonio do Rego Barros, em agosto de 1851, em occasião que se achava morando no aterro da Boa-Vista, o seu escravo, pardo, de nome Vicente, de altura regular, que representa ter 30 annos de idade, pouca barba, bons dentes, olhos na flor do rosto, corpo e pernas bem feitas, tendo nos cotovellos dos braços dous lobinhos; suppõe-se estar acoutado em uma casa nesta cidade, e seu senhor protesta desde já por perdas, damnos, dias de serviço, etc. etc.; assim como gratifica a quem o apprehender.

— Antonio, moleque, alto, bem parecido, côr averm elhada, nação Congo, rosto comprido, barbado no queixo, pescoço grosso, pés bem feitos, tendo o dedo index da mão direita aleijado de um talho, e por isso o traz sempre fechado, com todos os dentes, bem ladino, official de pedreiro e pescador; levou roupa de algodão e uma palhoça para resguardar da chuva. Ha toda probabilidade de ter sido seduzido por alguem; fugido a 12 de maio do corrente anno, pelas 8 horas da manhãa, tendo obtido licença para levar para Santo Antonio uma bandeja com roupa; roga-se, portanto, a todas as autoridades e capitães de campo, hajam de o apprehender e leva-lo á Antonio Alves Barbosa, na rua de Apollo n. 30, ou em Fóra de Portas, rua dos Guararapes, onde se pagarão todas as despezas.

— Desappareceu no dia 15 de janeiro do corrente anno o escravo José Caçange, de idade 40 annos, pouco mais ou menos, com falta de dentes na frente, testiculos crescidos, e cicatrizes nas nadegas; gratifica-se generosamente a quem o levar ao aterro da Boa-Vista n. 47, segundo andar.

Pern.— Typ. de M. F. de Faria.— 1854.

MUTILADO

ILEGÍVEL